

Diálogos pela ciência

**Correspondência
de Alexandre F. Morujão
com a Escola de Braga**

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da
FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito
do projeto UID/FIL/00701/2016.

Título Diálogos pela ciência
Correspondência de Alexandre F. Morujão
com a Escola de Braga
Coordenadores Carlos Morujão, Luís Lóia, Ana Cristina Cunha e Teresa Dugos-Pimentel
Coleção Estudos de Filosofia – História de Filosofia

© Universidade Católica Editora

Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS
Revisão Editorial Ana Cunha
Paginação acentográfico
Impressão e Acabamento Europress, Lda.
Depósito Legal 0
Tiragem 200 exemplares
Data abril 2018

ISBN 9789725406014
ISBN e-book 9789725406021

Universidade Católica Editora

Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



DIÁLOGOS PELA CIÊNCIA

Correspondência de Alexandre F. Morujão com a Escola de Braga / coord.
de Carlos Morujão... [et al.]. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2018. –
120 p. ; 23 cm. – (Estudos de filosofia. História da filosofia). – ISBN 9789725406014
I – MORUJÃO, Carlos, coord. II – Col. III – MORUJÃO, Alexandre Fradique,
pessoa a quem é dedicada a obra
CDU 1 Morujão, A. F.:378.4(469.112) UCP
869.9-6 Morujão, A. F.

Diálogos pela ciência

Correspondência de Alexandre F. Morujão com a Escola de Braga

COORD.
Carlos Morujão
Luís Lóia
Ana Cristina Cunha
Teresa Dugos-Pimentel

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
Lisboa, 2018



Índice

Introdução	7
1. Identificação geral dos autores das cartas	7
2. Caracterização da Faculdade de Filosofia de Braga: origens, missão e objetivos, corpo docente, orientação filosófica	10
2.1. Aspetos gerais	10
2.2. Diálogo com Kant e retomada do problema crítico	14
2.3. Diálogo com Husserl e com a fenomenologia	20
3. <i>A Revista Portuguesa de Filosofia</i>	28
4. O Congresso Português de Filosofia	32
5. Os contactos da Faculdade de Filosofia com a Alemanha	37
6. Critérios de edição	40
Bibliografia	42
Breve descrição dos documentos originais	46
Correspondência de Alexandre F. Morujão com a Escola de Braga	49
Notas biográficas	111



Introdução

1. Identificação geral dos autores das cartas

A presente publicação é constituída por um conjunto de cartas entre Alexandre Fradique Morujão, que foi professor na Universidade de Coimbra durante mais de três décadas, e diversas personalidades ligadas à Faculdade de Filosofia de Braga, parte integrante da Universidade Católica Portuguesa desde a fundação desta última em 1967. Entre os correspondentes, encontramos alguns nomes significativos da cultura filosófica portuguesa na segunda metade do século passado, como Júlio Fragata e Lúcio Craveiro da Silva, ou o primeiro reitor da UCP, José Bacelar e Oliveira¹.

A correspondência que aqui se apresenta constitui uma parte de um extenso acervo documental, doado pelas herdeiras de Alexandre Fradique Morujão ao Centro de Estudos de Filosofia. Para além de uma vasta correspondência, onde se destacam figuras de relevo da filosofia e da cultura portuguesas da segunda metade do século xx, este acervo é composto por vários manuscritos de lições universitárias, conferências e notas de leitura. Uma parte dele encontra-se já acessível aos investigadores interessados, no *site* <http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/espolio-afm.html>. À medida que for sendo inventariada e classificada, a totalidade da documentação ficará acessível ao grande público, mediante pedido.

¹ Apresentamos, em Apêndice, breves notas biográficas sobre estes três ilustres representantes do que, por vezes, se costuma designar por «Escola de Braga». O quarto correspondente de Alexandre Fradique Morujão, o Irmão Félix Augusto Ribeiro, desempenhava as funções de secretário da revista e não possui *curriculum* de relevo, quer do ponto de vista académico, quer científico.

A importância que o nome de Alexandre Fradique Morujão adquire, aos olhos dos professores da Faculdade de Filosofia – com quem colaborara ativamente até à década de 90 do século passado, quer em artigos para a *Revista Portuguesa de Filosofia*, quer em provas académicas, quer ainda na preparação de colóquios e seminários –, liga-se, de forma clara, aos interesses filosóficos dos jesuítas portugueses, na segunda metade do século passado, tal como, resumidamente, explicamos na secção seguinte desta introdução. De facto, o diálogo com as correntes principais da filosofia moderna e contemporânea constituiu uma preocupação permanente dos professores da Faculdade de Filosofia, cuja formação se fizera no quadro tradicional das escolas jesuítas onde predominava, nos estudos filosóficos e teológicos, uma orientação neotomista. É o profundo conhecimento da filosofia de Kant e, sobretudo, de Edmund Husserl, que conferiu a Alexandre Fradique Morujão o papel de interlocutor privilegiado que estas cartas documentam².

O acervo documental de que pomos agora, com esta publicação, uma parte à disposição do público não é apenas importante para a história da Faculdade de Filosofia de Braga e da Universidade Católica e para o conhecimento da orientação que nelas foi impressa aos estudos filosóficos. Uma parte significativa da história da Universidade portuguesa no século xx – nomeadamente,

² Note-se que, antes da publicação de *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl* (tese de licenciatura publicada, pela primeira vez, no volume xxx da revista *Biblos*, em 1955), de «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa» (publicado nas *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, também em 1955) e de «O “Fenómeno Puro”, Ponto de Partida da Filosofia de Husserl» (publicado em 1956, no n.º 13 da revista *Filosofia*), os estudos husserlianos em Portugal – se bem que não seja possível dizê-los inexistentes – revelavam grande atraso relativamente ao que acontecia na generalidade dos países europeus e da América Latina. Na Universidade de Coimbra, Joaquim de Carvalho impulsionara e prefaciara a tradução portuguesa de *A Filosofia como Ciências de Rigor*, e Arnaldo de Miranda Barbosa, quer na sua tese de doutoramento, quer na leccionação, manifestava algum conhecimento e interesse por Husserl. Mas, ao passo que o interesse de Joaquim de Carvalho por Husserl era marginal, a interpretação de Miranda Barbosa revelava várias deficiências (se não mesmo contrassensos) que não permitem que, em rigor, se possa considerar que o seu pensamento segue o trilho aberto pelo fundador da fenomenologia. Em Lisboa, Delfim Santos tinha um conhecimento muito razoável do pensamento de Husserl, mas os seus interesses filosóficos orientavam-se noutras direções, mesmo no que à fenomenologia diz respeito. O caso de Cabral de Moncada, na Universidade de Coimbra, desde a década de 30, mereceria uma referência à parte, mas a sua aproximação à fenomenologia (onde adquirem importância autores que estiveram ligados ao movimento fenomenológico durante uma certa fase, como foi o caso de Max Scheler) faz-se no quadro da Filosofia do Direito.

da Universidade de Coimbra –, bem como da história da filosofia em Portugal está, desta forma posta, à disposição de todos os interessados. Certamente que alguns destes documentos terão, hoje, pelo seu caráter circunstancial, sobretudo se forem lidos isoladamente, um reduzido interesse. Porém, integrados no conjunto das cartas, ganham um significado que há primeira vista pareceriam não ter. A simples «encomenda» de um artigo de revista, ou a informação de uma viagem ao estrangeiro, ou ainda o relato das dificuldades na preparação de um evento, contêm, por vezes, informações preciosas, ao serem colocados no devido contexto.

Não deverão os leitores esperar discussões filosóficas exaustivas e profundas, na grande maioria das cartas aqui reunidas. Por vezes, na história da filosofia, a correspondência filosófica é um elemento essencial para a compreensão das obras dos respetivos autores. É, como se sabe, o caso da correspondência de Leibniz; sem ela, muitos aspetos da filosofia leibniziana ficariam por esclarecer. É também o caso da correspondência entre Fichte e Schelling, que lança uma nova luz sobre a génese do idealismo alemão e sobre a polémica entre os dois autores nos primeiros anos do século XIX. Mais próxima de nós, é também o caso (ainda assim menos interessante, filosoficamente, que os dois casos anteriores) da correspondência entre Edmund Husserl e diversos representantes do movimento neo-kantiano. Seria quase ridículo pretender que a correspondência que aqui apresentamos se pode igualar, pela sua importância e extensão, a tais ilustres exemplos. Todavia, tanto para o filósofo, como para o historiador das ideias, não nos parece desinteressante o conjunto de documentos aqui reunidos. Eles dão conta do estado da receção, em Portugal, de algumas das principais correntes da Filosofia europeia e do diálogo frutuoso que com elas se estabelecia, bem como do «estado» do ensino da filosofia nas universidades portuguesas.

Estas explicações servem também para que o leitor entenda os limites das linhas que se seguem. Não é nossa pretensão fazer uma análise exaustiva da produção filosófica do que alguns designam por «escola de Braga», nem do pensamento de Alexandre Fradique Morujão. Aliás, tais desideratos encontram-se já, em parte, realizados. Pretendemos apenas esclarecer o contexto histórico-filosófico português no qual esta correspondência teve lugar, as razões de alguns interesses – por Kant e por Husserl, nomeadamente – e de algumas linhas de análise, bem como o que deles resultou em termos de produção filosófica ou em eventos de natureza científica. Por tal razão, nos

nossos comentários cingimo-nos, quase exclusivamente, ao período a que se reportam estas cartas, ou seja, do final dos anos 50 ao final dos anos 80 do século passado.

2. Caracterização da Faculdade de Filosofia de Braga: origens, missão e objetivos, corpo docente, orientação filosófica

2.1. Aspetos gerais

O conhecimento do horizonte histórico-filosófico em que a troca de correspondência que aqui apresentamos teve lugar ajudará o leitor na compreensão da sua importância e dos temas nela abordados. Interessa, em primeiro lugar, compreender a orientação dos estudos filosóficos na Faculdade de Filosofia de Braga e as razões que levaram muitos dos seus professores a manter um interesse permanente pela filosofia moderna e contemporânea. É este horizonte que explica as razões de algumas estadias no meio universitário alemão, em particular as de José Bacelar e Oliveira, em Bona, Colónia e Freiburg. Um especial significado para os problemas abordados nesta correspondência assume a estadia em Freiburg, para onde Bacelar e Oliveira se dirige com o intuito de estudar com o jesuíta alemão Max Müller, e onde participará em seminários orientados por Martin Heidegger e Eugen Fink.

A Faculdade de Filosofia de Braga, integrada, como acima foi dito, desde 1967, na Universidade Católica Portuguesa, é a herdeira do Instituto Superior de Filosofia Beato Miguel de Carvalho, fundado pelos Padres da Companhia de Jesus, na cidade de Braga, em 1934, e elevado a Faculdade Pontifícia de Filosofia, em 1947, por um decreto, desse mesmo ano, da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades. O Instituto, a que o decreto concedia o direito de conferir graus académicos de licenciatura e doutoramento – embora, de início, sem reconhecimento oficial direto pelas autoridades responsáveis pela educação superior em Portugal –, visava suprir as necessidades de formação teológica e filosófica dos sacerdotes da Companhia de Jesus, após a extinção da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, na sequência da reforma educativa realizada pela 1.ª República. Será no âmbito deste instituto, como adiante explicaremos mais pormenorizadamente, que

será fundada a *Revista Portuguesa de Filosofia*, em 1945, a mais antiga revista filosófica portuguesa que se encontra em atividade, bem como a coleção «Filosofia», editada pela Livraria Cruz, onde os seus professores publicarão investigação original.

O ensino no Instituto Beato Miguel de Carvalho, bem como, a partir de 1947, na posterior Faculdade de Filosofia, não se pode desligar da orientação geral imprimida, à época, aos estudos teológicos e filosóficos pela Companhia de Jesus em todo o mundo. Podemos caracterizar tal orientação na base da direção que lhe foi impressa, na Universidade de Lovaina, ainda em finais do século XIX, pelo cardeal Désiré Mercier, o fundador da *Revista Filosófica de Lovaina*³, e continuada, depois, já em pleno século XX, por Joseph Maréchal, também em Lovaina. Celestino Pires, num ensaio importante para a compreensão desta problemática, caracterizara desta forma o programa filosófico de Maréchal: «confrontar o tomismo com o kantismo histórico, para mostrar os pontos de contacto e as divergências.»⁴ Ecos desta orientação fizeram-se sentir na Alemanha, na formação teológica e filosófica do jovem Martin Heidegger – e ainda no seu conhecido e polémico livro de 1929, *Kant e o Problema da Metafísica* –, bem como, mais tarde, na formulação do programa teológico de Karl Rahner.

Esta orientação é patente, desde o início, nos professores da Faculdade de Filosofia de Braga. Poderíamos designá-la como «neotomismo transcendental», se bem que esta expressão, a uma primeira aproximação, possa parecer contraditória, uma vez que as filosofias transcendentais conferem à subjetividade, no plano gnosiológico, um papel bem diferente daquele que São Tomás lhe atribuíra. Nas palavras de um professor de Braga, «[...] podemos resumir as características da primitiva escola Bracarense, se quisermos aceitar esta designação, como uma visão filosófica que, partindo da metafísica do ser, de inspiração tomista, entra em diálogo com toda a filosofia moderna, especialmente com Kant [...]»⁵ Não se deverá, também, minimizar a preocupação em

³ A revista, fundada em 1894, intitulava-se, inicialmente, *Revue de Philosophie Néo-Scholastique*. De notar que o *Cours de Philosophie*, de Mercier, foi traduzido para português, nos inícios do século XX, sob os auspícios de Miguel Ferreira de Almeida: Désiré Mercier, *Curso de Filosofia*, Viseu, Empreza Editora da «Revista Catholica», 1903-1904, 6 volumes.

⁴ PIRES, Celestino, «O Finalismo Realista de J. Maréchal», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 2 (1957) 125-157, p. 126.

⁵ Cf. SILVA, Lúcio Craveiro da, «A Neoescolástica Contemporânea», in Pedro Calafate (dir.),

pensar a ciência moderna (em particular as ciências físico-matemáticas) na base das categorias gnosiológicas neotomistas, de que é exemplo o trabalho, de cerca de quatro décadas, de Vitorino de Sousa Alves.

Mas do que se tratava, fundamentalmente, era de reformar ou rejuvenescer⁶ o neotomismo pelo contacto com as correntes e tendências mais significativas da filosofia moderna. Note-se que, na primeira geração de professores do Instituto, encontramos os nomes de José de Oliveira Dias e Adrião de Azevedo, seguidores de Francisco Suárez. Conhece-se a importância de Suárez para a história da filosofia moderna e o modo como certas teses suas encontraram eco em Descartes e em Leibniz. O contacto que referimos faz-se, porém, como já se assinalou, em primeiro lugar com Kant e, mais tarde, com a fenomenologia de Husserl, mas não exclusivamente, como a simples consulta dos artigos publicados, ao longo de várias dezenas de anos, na *Revista Portuguesa de Filosofia*, facilmente comprova. Não espanta que num artigo de Cassiano Abranches – figura de relevo da 1.^a geração de professores da Faculdade de Filosofia –, a propósito da metafísica e do seu método⁷, se encontre uma referência à Lição Inaugural de Martin Heidegger na Universidade de Freiburg, intitulada «Que é a Metafísica?». Assim, para este professor de Braga, a metafísica não é apenas uma disciplina do *curriculum* filosófico, que se exprime em tecnicismos mais ou menos incompreensíveis, pois, como Martin Heidegger defendera, o próprio metafísico encontra-se implicado na metafísica, que se enraíza na situação existencial do homem e na sua procura do ser.

Na Alemanha, onde se retoma e aprofunda aquela tendência iniciada em Lovaina, é patente esse diálogo com a filosofia de Kant em obras como *Geist im Welt*, de Karl Rahner, tal como, mais tarde, em *Hörer des Wortes*, do mesmo Rahner, se fará sentir a presença de Martin Heidegger. A influência deste último é muito forte em Max Müller, com quem, em Freiburg, no final dos anos cinquenta do século passado, estudara, como já dissemos, José Bace-lar e Oliveira, circunstância de que dão testemunho algumas das cartas aqui

História do Pensamento Filosófico Português, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, volume v / tomo 1, pp. 329-343, p. 338.

⁶ O termo «remoçar», aplicado à filosofia escolástica, é empregue por Cassiano Abranches num artigo necrológico sobre Joseph Maréchal, com quem estudara em Lovaina, publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1 (1945) 392-398.

⁷ Cf. ABRANCHES, Cassiano, «Metafísica e seu Método», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 383-394.

reunidas⁸. Já a relação com Husserl será determinante em Júlio Fragata, na linha do que fazia, pela mesma altura (os finais dos anos cinquenta) nos Estados Unidos da América, o jesuíta Quentin Lauer – doutorado na Sorbonne com uma tese intitulada *Phénoménologie de Husserl. Essai sur la Genèse de l'Intentionnalité*⁹ – e, em Lovaina, Georges van Riet.

Os primeiros anos da Faculdade de Filosofia, seguindo esta linha geral de orientação que mesmo os anos mais recentes não desmentem, parecem, assim, ter sido marcados pela forte tendência em confrontar a filosofia de São Tomás – dominante nas escolas dos jesuítas – com diversas correntes da filosofia contemporânea. Veja-se, por exemplo, uma obra como *Teoria do Conhecimento*, de Diamantino Martins¹⁰. A propósito da polémica entre idealismo e realismo são largamente discutidas algumas teses de Max Scheler sobre o assunto¹¹; e, se a orientação geral da obra é claramente aristotélico-tomista, ou escolástica em sentido amplo (basta ver as referências a Aristóteles, São Tomás, Francisco Suárez, Jaime Balmes, ou Jaques Maritain, entre outros), não é menos verdade que o autor tem o cuidado de apurar as consequências, para uma gnosiologia aristotélico-tomista e para as suas conceções da objetividade do conhecimento, das investigações recentes – pelo menos à data da publicação da obra – da psicologia genética de Jean Piaget, ou da teoria da relatividade de Einstein. A consulta de muitas outras obras de professores da Faculdade de Filosofia, que são mencionadas nestas cartas, permitirá ao leitor interessado comprovar o que dizemos. As notas de rodapé que acompanham os documentos que publicamos permitirão, em caso de necessidade, identificar rapidamente os títulos em causa, muitos deles ainda hoje acessíveis em algumas livrarias, bem como na generalidade das bibliotecas universitárias.

⁸ Chama-se especialmente a atenção para a carta de José Bacelar e Oliveira de 27.05.1957, bem como para o conjunto de autores aí mencionados. As notas que acompanham esta carta procuram fornecer uma ideia geral do panorama filosófico vigente em Freiburg, no final dos anos cinquenta.

⁹ LAUER, Quentin, *Phénoménologie de Husserl. Essai sur la Genèse de l'Intentionnalité*, Paris, PUF, 1955.

¹⁰ Cf. MARTINS, Diamantino, *Teoria do Conhecimento*, Braga, Livraria Cruz, 1957.

¹¹ Curiosamente, o autor toma como base da sua discussão a obra de Max Scheler intitulada *O Lugar do Homem no Cosmos*, que cita na tradução castelhana. A não referência aos numerosos textos póstumos de Scheler sobre o assunto ficar-se-á a dever, provavelmente, ao desconhecimento da língua alemã.

Mas, neste confronto que referimos, aspeto decisivo será, provavelmente, a reformulação de um programa crítico, no sentido por vezes quase kantiano do termo, embora referindo-o a investigações de caráter gnosiológico que se poderão remontar a São Tomás, se não mesmo a Platão¹² e Aristóteles. José Bacelar e Oliveira desempenhará um papel fundamental em todo este processo. Crítica será, em sua opinião, toda a investigação filosófica que tem por objeto a natureza, a possibilidade e o âmbito do conhecimento humano. Neste sentido, seria até legítimo – afirma Bacelar e Oliveira – defender a sua primazia relativamente à ontologia, uma vez que esta supõe já estabelecida a possibilidade ou a impossibilidade do saber metafísico¹³. Assim, a obra de Diamantino Martins, referida no parágrafo anterior, pertenceria, se interpretamos corretamente a posição de Bacelar e Oliveira, ao domínio da noética, ou da gnosiologia, e ao da teoria do conhecimento, duas das divisões em que a crítica se articula, a par de uma doutrina sobre a verdade e a falsidade, de uma teoria da ciência e de uma lógica.

2.2. Diálogo com Kant e retomada do problema crítico

Como mais acima dissemos, foi preocupação dos jesuítas portugueses – a exemplo dos seus congéneres noutras partes do mundo – um diálogo permanente com a filosofia moderna, onde o pensamento de Kant assume um relevo particular. Dos 14 artigos que Alexandre Fradique Morujão publicou na *Revista Portuguesa de Filosofia*, como assinalamos mais abaixo, apenas dois são dedicados ao pensamento de Kant. Todavia, como se depreende da leitura da correspondência, a tradução para português da *Crítica da Razão Pura* – que Alexandre Morujão levou a cabo com a colaboração de Manuela Pinto dos Santos – motivou o interesse e a curiosidade dos professores bracarense

¹² Veja-se, por exemplo, em Platão, *Teeteto*, 150b, a referência à arte de distinguir (*tò krínein*) o verdadeiro do falso. No artigo que mencionamos na nota seguinte, Bacelar e Oliveira faz remontar o termo «crítica», no seu uso moderno, a Goclénio, nos inícios do século xvii, mas o termo já ocorre no século anterior, em Pierre de la Ramée, em conexão com a divisão das disciplinas lógicas pelos estoicos.

¹³ Cf. OLIVEIRA, José Bacelar e, «Crítica», in *Logos, Enciclopédia Luso-brasileira de Filosofia*, volume iii, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1989, cc. 1235-1238, c. 1238. Ou seja, para o nosso autor, crítica e metafísica não se opõe, como acontecerá no criticismo kantiano. Voltaremos a este assunto no ponto 2.2 desta Introdução.

da Companhia de Jesus. Também a Faculdade de Filosofia prestou a sua colaboração para a realização deste empreendimento. Da sua riquíssima biblioteca se socorreu Alexandre Morujão para o seu trabalho de tradução, nomeadamente para a utilização de traduções da obra de Kant em outras línguas, para efeitos de comparação com a tradução que estava a realizar¹⁴.

Claro que o interesse dos Padres jesuítas pela filosofia de Kant não era uma novidade. Poder-se-á mesmo dizer que se alguma coisa identifica os filósofos ligados à Companhia de Jesus relativamente a outros autores e tendências da filosofia cristã – uma expressão de Étienne Gilson, que aqui utilizamos por comodidade, sem entrar nos complexos problemas que coloca – é um marcado interesse por Kant, de que são exemplos os já referidos Joseph Maréchal e Karl Rahner, mas aos quais se poderia acrescentar, mais próximos de nós no tempo, Marcel Régnier, Giovanni Sala ou François de Marty¹⁵. Se, por um lado, a filosofia de Kant pôde, para alguns, fornecer um modelo especulativo alternativo à filosofia de São Tomás, por outro, a estratégia dos filósofos jesuítas, neste interessante diálogo, parece ter consistido em recolocar os termos da alternativa, mostrando que ela, de facto, não existe¹⁶. A filosofia de Kant aparece, assim, não como oposta à de São Tomás, mas sim como uma filosofia que corta, de forma arbitrária, o «dinamismo da razão» (que o pensamento de São Tomás teria levado até ao fim), por um deficiente ponto de partida: a submissão do entendimento às formas puras da sensibilidade, cuja consequência é a transformação dos objetos da metafísica especial, na formulação que deles fez, no século XVIII, a filosofia de Christian Wolff – a saber, Deus, Alma e Mundo –, em meras ideias a que não pode corresponder nenhuma intuição.

É justamente à temática da Crítica – numa aceção deste conceito em que a matriz neotomista dos pensadores da Faculdade de Filosofia se cruza com a definição dele que é específica de Kant – que é dedicado um interessante ensaio de José Bacelar e Oliveira intitulado «A Crítica perante a Ontologia, no

¹⁴ Sobre este assunto, cf. a carta de Alexandre Morujão a Lúcio Craveiro da Silva, de 24 de julho de 1976.

¹⁵ Ao invés de outros representantes do neotomismo no século XX, como foram os casos, em França, de Jacques Maritain e Étienne Gilson.

¹⁶ Cassiano Abranches, no já mencionado artigo necrológico sobre Joseph Maréchal, terá desempenhado um papel pioneiro, entre os professores da Faculdade de Filosofia de Braga, nesta aproximação ao pensamento kantiano. Para uma contextualização da atividade de Cassiano Abranches, cf. SILVA, Lúcio Craveiro da, «A Neoescolástica Contemporânea», pp. 332-333.

Âmbito da Metafísica»¹⁷. É de notar que o autor emprega a palavra Crítica num sentido à partida não-kantiano, embora não totalmente incompatível com ele. De facto, para Bacelar e Oliveira, há que antepor a uma «crítica da razão pura» uma «crítica pura», pois a primeira – aquela que Kant procurou levar a cabo na obra com o mesmo nome – tem um carácter meramente propedêutico, na medida em que visa estabelecer as condições de possibilidade do conhecimento no plano da natureza e da moral. Totalmente diverso é o âmbito da crítica pura, para Bacelar e Oliveira. Trata-se de saber como se comporta o homem perante a verdade, analisando a forma ativa e inteligivelmente determinante do juízo, na sua máxima unidade e universalidade, da qual resulta a determinação inteligível do «ser enquanto ser»¹⁸. Dito de um outro modo, talvez este programa se pudesse caracterizar como passagem do ser afirmado (seja no plano do juízo cognitivo, no âmbito das ciências da natureza, seja no plano do juízo moral), de que Kant procurou indagar as condições de possibilidade, para a própria afirmabilidade do ser. Neste sentido, não parece excessivo a Bacelar e Oliveira defender a existência de uma Crítica interior à própria Filosofia Primeira, na medida em que esta é já um juízo determinante sobre o «ser enquanto ser»¹⁹.

A mesma problemática é retomada pelo autor, em 1957, num ensaio intitulado «Bases para a construção de uma Crítica»²⁰. É no modo como «Crítica» é definida por Bacelar e Oliveira que podemos com mais clareza o que a distingue do projeto de Kant e que Kant procurou levar a cabo. A Crítica constitui um estudo do conhecimento humano, mas nos seus aspetos lógico e psicológico; ora, nesta definição, parece desaparecer o que constitui a especificidade da abordagem transcendental de Kant, a qual, se bem que formal, como a lógica, tem um alcance que dela é bem distinto. Com efeito, Kant não se ocupa, em primeiro lugar, da validade lógico-formal dos nossos conhecimentos, mas sim do modo como as formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento constituem as condições de possibilidade da experiência dos objetos. E se, na aceção de Bacelar e Oliveira, o trabalho da Crítica se integra na ordenação da inteligência para a verdade, também não se deverá ver aqui qualquer espécie de aproximação com o pensamento de Kant. Pois se a verdade apenas

¹⁷ In *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 343-382.

¹⁸ *Idem*, *Ibidem*, pp. 352-353.

¹⁹ *Idem*, *Ibidem*, p. 367.

²⁰ In *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 3 (1957) 225-258.

se exprime por uma operação do conhecimento, todo o conhecimento, para sê-lo de facto, deverá existir, ao invés do que é admitido por Kant, como um «efeito da Verdade»²¹ sobre ele.

Pode não ser, à primeira vista, totalmente claro o que tal significa. Uma nota de rodapé de Bacelar e Oliveira poderá lançar alguma luz sobre a sua posição²². A posição de Kant é aí classificada como «agnosticismo numenológico», em virtude do emprego crítico da lei analítica da identidade. (Note-se, de passagem, que Kant defende que o princípio de identidade é o princípio supremo de todos os juízos analíticos, mas que os juízos sintéticos exigem um princípio de natureza totalmente diferente.) Bacelar e Oliveira parece querer dizer que o fenómeno, para Kant, é rigorosamente idêntico às categorias do entendimento que o verificam, e que tal posição se faz à custa da dimensão propriamente ontológica do fenómeno, em que se fundem a atividade de conhecer e a verdade pela qual se conhece. É certo que Bacelar e Oliveira, ao apurar o que chama a «formalidade da crítica» – ou seja, a sua natureza intrínseca – parece reaproximar-se de Kant, na medida em que a sua característica fundamental é a autonomia²³. Mas também aqui não nos parece que a sua perspectiva de base sofra uma inflexão. Para Kant, a autonomia significa que a razão é o juiz no seu próprio tribunal, ao passo que para Bacelar e Oliveira a autonomia terá de ser entendida à luz daquele «efeito de Verdade» que mais acima mencionámos²⁴.

Também Celestino Pires, em artigo anteriormente referido, aborda a problemática da crítica, procurando, no seguimento de Joseph Maréchal, indagar se, no projeto kantiano, mau grado o seu ponto de partida, não se encontrarão os germes adormecidos de uma problemática metafísica. No seguimento de Maréchal, este professor de Braga estabelece uma distinção entre a crítica transcendental, que parte do objeto fenomenal, e a crítica metafísica, que parte da necessidade da afirmação ontológica. Todavia, duas direções diferentes poderão chegar ao mesmo resultado. Com efeito, para a crítica transcendental, o objeto metafísico é apenas postulado, porque o seu ponto de partida é

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 229.

²² Referimo-nos à nota 7, à p. 230, do artigo citado nas notas anteriores.

²³ Idem, *Ibidem*, p. 233.

²⁴ Além de tudo isto, Bacelar e Oliveira identifica a Crítica com o juízo (*Ibidem*), ao passo que Kant submete este último, nas suas diversas modalidades, ao próprio trabalho da crítica.

o sujeito; a crítica metafísica, ao invés, afirma de antemão o objeto ontológico para nele incluir o sujeito transcendental²⁵. Ora, na medida em que a crítica metafísica segue a inclinação natural da inteligência²⁶ – que afirma o ser –, ela é, afirma Celestino Pires, superior à crítica na sua versão moderna, realizada por Kant. É claro que Kant, não seguindo esta inclinação natural da inteligência, ou, pelo menos, não a colocando na base do seu sistema crítico, pode ser agora acusado de fenomenismo, ou seja, de redução do ser ao fenómeno, ou ao que «aparece». No entanto, convém não esquecer que, se Kant, de facto, não segue aquela inclinação, tal se fica a dever a duas razões: 1) porque existe um facto da ciência, de que é necessário dar conta e tal facto apoia-se em princípios que não são os da razão comum; 2) porque tal facto contrasta notoriamente com a situação da metafísica, que não encontrou o seguro caminho da ciência por se apoiar em princípios contrários àqueles em que esta última assenta os seus fundamentos sólidos.

Será preciso então demonstrar que a afirmação ontológica, que constitui o ponto de apoio da crítica metafísica, é conciliável com uma epistemologia que dê conta daquele facto da ciência. Mas poderão o filósofo tomista e o filósofo crítico acordar numa mesma epistemologia? O que Celestino Pires afirma sobre o princípio de identidade permite-nos algumas dúvidas²⁷. Pois se é certo que a afirmação de que um objeto é idêntico a si próprio é irrecusável e se, relativamente a este assunto, qualquer abstencionismo relativamente à verdade se contradiz a si próprio, por outro lado, se seguirmos Kant, concluiremos pelo caráter gnosiologicamente nulo daquela afirmação da identidade. Uma epistemologia, para Kant, só se poderá erigir na base do que chama «princípio supremo de todos os juízos sintéticos», que se formula do seguinte modo: as condições de possibilidade da experiência são, ao mesmo tempo, as condições de possibilidade dos objetos da experiência. Kant não se abstém relativamente ao problema da verdade e o que se poderia chamar o seu fenomenismo é perfeitamente compatível com ela. Simplesmente, no plano do

²⁵ PIRES, Celestino, *Ibidem*, p. 129.

²⁶ Esta afirmação de uma inclinação natural da inteligência poderá ter alguns pontos de contacto com a filosofia husserliana do mundo da vida e explicar, desta forma, o interesse pela fenomenologia por parte dos professores da Faculdade de Filosofia. Sobre este assunto, ver o que, mais abaixo, dizemos a propósito de Júlio Fragata.

²⁷ PIRES, Celestino, *Ibidem*, pp. 130-133.

uso teórico da razão – e convém dizer que este não é o seu único uso, nem, para Kant, o mais importante –, a verdade deverá restringir-se ao âmbito da experiência possível.

Um interessante ensaio de Júlio Fragata, «Fenomenologia e Problema Crítico»²⁸, mostra de que forma, para este pensador jesuíta, uma crítica da filosofia de Kant, na linha do que dissemos nos parágrafos anteriores, se pode cruzar com uma leitura e interpretação da filosofia de Husserl. De facto, se, como resposta à abordagem empirista do conhecimento, Kant julgou possível refutá-la por meio de uma síntese entre as determinações sensíveis dos fenómenos e as formas mentais, ou categorias, não o fez senão à custa de uma dupla perda: a da persuasão espontânea da existência de um mundo exterior (que seria restabelecida pela filosofia tardia de Husserl do «mundo da vida»²⁹) e a da realidade das «transcendências» – no sentido metafísico – de Deus e da Alma. Não cabe nos limites desta breve introdução uma análise deste texto de Júlio Fragata. Limitamo-nos a observar que, para o autor, aquele «dynamismo», que Kant teria interrompido, não é completamente restabelecido por Husserl, uma vez que o mestre de Freiburg não reconhece, como resultado do seu idealismo fenomenológico, a existência de um «determinante extrínseco» da consciência, capaz de o motivar³⁰. Em termos talvez esquemáticos

²⁸ Cf. «Fenomenologia e Problema Crítico», in *Problemas da Filosofia Contemporânea*, ed. cit. pp. 29-48. Este ensaio fora inicialmente publicado em *Problemas da Fenomenologia de Husserl*, Braga, Livraria Cruz, 1962, pp. 159-199.

²⁹ Júlio Fragata não se refere explicitamente à filosofia do mundo da vida, mas, na sua crítica do idealismo de Berkeley, parece apontar para ela, ao afirmar que a existência pré-dada do mundo é uma condição de possibilidade do próprio ato de conhecer. (Idem, *Ibidem*, p. 40) Isto não significa que o pensador jesuíta aceite a filosofia husserliana do mundo da vida, à qual, na mesma página, mas umas linhas mais abaixo, parece dirigir a crítica de não ter reconhecido que a pré-doação não é apenas uma exigência da atitude natural, mas também da atitude transcendental. Julgamos que Júlio Fragata não percebeu em que medida também o é para Husserl.

³⁰ Idem, *Ibidem*, pp. 37 e segs. Façamos, todavia, mais uma curta observação sobre a natureza daquele dinamismo que referimos. É que, não sendo para o sujeito finito humano, o conhecimento uma atividade projetiva e constituinte – como o é para uma subjetividade infinita –, tal conhecimento resulta na constituição de uma alteridade que se opõe fenomenologicamente ao sujeito. Para esta oposição, afirma Júlio Fragata, há que buscar uma explicação. A gnosiologia supõe, assim, uma metafísica, pois não é apenas uma relação entre sujeito e fenómeno, mas sim uma relação entre três termos: o sujeito, o fenómeno e mais «qualquer coisa», análoga a este, e que explique a sua natureza. (Júlio Fragata, todavia, não parece estabelecer uma clara distinção entre as noções kantiana e husserliana de fenómeno, o que enfraquece a sua argumentação.)

poderíamos sintetizar toda esta problemática da seguinte forma: ao passo que a fenomenologia, suspendendo a transcendência da realidade exterior, em resultado da *epoché*, pretende conservar a alteridade do fenómeno no âmbito de um plano de imanência, Fragata insiste que o reconhecimento dessa alteridade – que a fenomenologia não nega – implica a aceitação da transcendência. (Ou seja, na sua linguagem, o «determinante extrínseco»³¹.)

2.3. Diálogo com Husserl e com a fenomenologia

A orientação aristotélico-tomista, de que vimos falando, é igualmente evidente naqueles professores da Faculdade de Filosofia que mais se aproximaram da fenomenologia de Husserl e com ela travaram um permanente diálogo³². Foi, por exemplo, o caso de Júlio Fragata, para quem Alexandre Fradique Morujão escreveu uma breve nota introdutória a uma coletânea de ensaios publicada postumamente³³, bem como, com outro desenvolvimento, um ensaio no volume de homenagem que lhe dedicou a *Revista Portuguesa de Filosofia*, após o seu prematuro falecimento, e de que mais à frente falaremos. Sobre o modo como o filósofo jesuíta se aproximou da fenomenologia e sobre o uso que dela fez, ele próprio se pronunciou em termos que vale a pena serem aqui recordados:

³¹ Para o leitor que se queira orientar nos meandros desta intrincada polémica, sugerimos a leitura de Alexandre Fradique Morujão, «O “Fenómeno Puro”, Ponto de Partida da Fenomenologia de Husserl», in *Estudos Filosóficos*, Volume I, Lisboa, INCM, 2002, pp. 157-172.

³² Do interesse precoce pela fenomenologia, por parte dos jesuítas de Braga dá conta já o artigo do jesuíta alemão Augusto Brunner, «A Fenomenologia», publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI / 4 (1950) 337-352. A sua abordagem ao pensamento de Husserl (mas o artigo contém ainda referências a Max Scheler) tem naturais pontos de contacto com a que será feita pelos professores da Faculdade de Filosofia. Todavia, sendo anterior ao horizonte temporal que enquadra a correspondência que aqui publicamos e da autoria de um pensador estrangeiro, não entraremos em pormenores sobre o seu conteúdo.

³³ Cf. FRAGATA, Júlio, *Problemas da Filosofia Contemporânea*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1989; com um «Prólogo» de Alexandre Fradique Morujão. Os ensaios reunidos nesta coletânea não são apenas sobre fenomenologia, nem apenas sobre Husserl, abordando o Júlio Fragata o pensamento de outros fenomenólogos, como Jean-Paul Sartre ou Maurice Merleau-Ponty. As quatro cartas de Júlio Fragata que reunimos nesta edição (as únicas que até agora foi possível localizar) dão conta do interesse do professor de Braga pela fenomenologia husserliana.

«Desejando partir directamente da “fenomenologia de Husserl”, nem por isso deixamos de a interpretar e prolongar num sentido que não nos interessa que viesse a ter a anuência de Husserl. Afinal, a riqueza dum filósofo não está tanto nas teorias que estabeleceu, mas sobretudo na intuição ou nas intuições fundamentais que comandam o desenvolvimento do seu sistema, de modo a poderem ser retomadas como sementes fecundas de novos desenvolvimentos.»³⁴

Esta estratégia interpretativa, se assim lhe podemos chamar, é perfeitamente legítima, seja relativamente à fenomenologia, seja relativamente a qualquer outra corrente filosófica; diríamos, até, que ela é exigida pela própria prática filosófica que se entende a si mesma como algo mais do que um mero exercício historiográfico. A questão que nos ocupará, nas linhas seguintes, é, antes, a de saber se esta retomada das intuições fundamentais da fenomenologia de Husserl, na tentativa de as avaliar à luz da filosofia aristotélico-tomista – o que é, em si mesmo, perfeitamente legítimo – não conduzirá Júlio Fragata para além daquilo que uma prática fenomenológica de acordo com os princípios do mestre de Freiburg poderá aceitar.

Do conjunto de textos da mencionada coletânea, saliente-se o primeiro, intitulado «O conceito de ontologia em Husserl»³⁵, como representativo do que se acabou de dizer. Depois de uma exposição clara e relativamente objetiva do pensamento de Husserl (apoiada, fundamentalmente, em *Investigações Lógicas, Ideias I e Lógica Formal e Lógica Transcendental*), Júlio Fragata, na conclusão do seu trabalho, dirige algumas breves críticas ao pensamento de Husserl, questionando a possibilidade de ser legítimo procedermos, apoiados no conceito husserliano de intuição, à constituição de uma ontologia. Deixemos de parte a questão de saber se as noções de intuição e de ontologia de Júlio Fragata – sustentadas as duas no horizonte neotomista que marca a sua reflexão – e de Husserl se podem aproximar sem infinitas precauções. O essencial da argumentação do professor de Braga vai numa outra direção³⁶. Com efeito, pergunta Júlio Fragata se o que designa por «síntese manifestativa

³⁴ FRAGATA, Júlio, «Fenomenologia e Gnosiologia», in *Atas do II Colóquio Português de Fenomenologia, Revista Portuguesa de Filosofia*, XLI (1985) 335-343, p. 335.

³⁵ Idem, *Ibidem*, pp. 9-27. A nota biográfica, no final deste volume, explica a proveniência do texto. Pode encontrar-se uma alusão à sua redação e às dificuldades inerentes ao tratamento do tema na carta de Júlio Fragata, reproduzida mais à frente, de 30 de outubro de 1965.

³⁶ Sobre o que dizemos a seguir, cf. *Ibidem*, p. 26.

noético-noemática» (em termos um pouco mais simples: a relação que existe, segundo Husserl, entre uma multiplicidade de visadas intencionais e o seu correlato idêntico) nos manifesta o ser enquanto ser ou apenas o ser enquanto mero aparecer; ou seja, neste segundo caso, enquanto pura significação que remete para um ser nunca dado enquanto tal³⁷.

Há aqui, contudo, profundas diferenças entre a fenomenologia e o neotomismo relativamente à noção de objetividade. Se conservarmos a noção tomista de objeto, a fenomenologia de Husserl, nomeadamente, no que tem de mais específico, a saber, as noções de constituição e de objeto como unidade de sentido ou polo de identidade, aparecerá como uma subjetivização injustificada da relação cognitiva³⁸. O que provavelmente se torna incompreensível para um neotomista é que a significação não seja algo de apenas «mental» – independentemente do modo como se queira determinar a natureza da mente –, mas sim a própria coisa no modo da sua doação. Assim, por exemplo, recorrendo a um exemplo célebre, diríamos que «Napoleão, vencedor da batalha de Jena» não é uma mera representação mental do sujeito «Napoleão Bonaparte», mas sim o próprio Napoleão Bonaparte dando-se de um certo modo, ao qual se poderiam contrapor outros modos, como, por exemplo, «Napoleão, o derrotado da batalha de Waterloo». Não é necessário procurar um ser real correspondente a esta significação e que estivesse para lá dela, pois é esta mesma significação que permite que o ser real seja dado. O ser real (falamos, neste caso, do indivíduo Napoleão) é apenas o polo ideal do conjunto das significações que lhe são atribuídas, sendo identificado, justamente, pela totalidade delas. (O «ser real» corresponde ao que, na linguagem técnica de Husserl, se designa por «noema».)

³⁷ Aquilo a que Júlio Fragata se refere é ao antiquíssimo problema da «realidade do mundo exterior» e questiona a possibilidade de a fenomenologia chegar até ele, sendo ela apenas uma doutrina das significações, sempre à procura (provavelmente em vão, na base dos seus próprios pressupostos) do objeto «exterior» correspondente a cada uma delas. Esta interpretação parece ter marcado outros pensadores portugueses que, na segunda metade do século XX, se interessaram pelo pensamento de Husserl, como foi o caso, na Faculdade de Letras do Porto, de Eduardo Abranches de Soveral. Trata-se de uma interpretação completamente errada e o problema da «realidade do mundo exterior» é, para a fenomenologia, o exemplo por excelência do que é um pseudoproblema filosófico. Nas linhas acima damos algumas indicações sobre este assunto.

³⁸ O filósofo jesuíta Quentin Lauer foi extremamente sensível a estas diferenças (cf. *op. cit.*, pp. 46-47) e a sua apresentação da doutrina husserliana da intencionalidade é ainda hoje de grande valor. A Carta I, de Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão, de 9 de julho de 1955, informa-nos que Júlio Fragata conhecia esta obra, à data acabada de publicar.

Uma distinção operada por Júlio Fragata entre «representação» e «significação» parece estabelecer aqui um dualismo que a fenomenologia não pode aceitar³⁹. Fragata define a significação como o momento especulativo da intuição, em que se atinge, por analogia, o que está apenas implícito no momento intuitivo. Ou seja: por um lado, a significação não é algo que, como em Husserl, nos dirige para o objeto visado, ficando na expectativa de um preenchimento da visada, por outro, o objeto representado pode ser investido por uma significação que o transcende. O sentido de fundo desta objeção parece-nos a nós ser o seguinte: se é a significação que nos dirige para o objeto, então tudo é significação – até mesmo, por ventura, o que não existe – e o nosso sentido da realidade e do que é realidade fundadora fica irremediavelmente distorcido.

É digno de registo que, num ângulo de abordagem da fenomenologia completamente diferente, Vitorino de Sousa Alves dirija a Husserl uma acusação em tudo semelhante⁴⁰. Por um lado, defende este professor de Braga que a doutrina da intencionalidade significa que a consciência se transcende em relação a algo de irreduzível a si, e que designa por «fenómeno projetado»; por outro lado, distingue este último do «fenómeno projetante» da esfera real, que a fenomenologia não afirma nem nega, mas que, em sua opinião, se oferece à consciência como uma espécie de filme, no qual os fenómenos físicos e as simples quiméricas – como resultado da *epoché* – se tornam indistinguíveis. A fenomenologia, como qualquer outra variante de idealismo⁴¹, deixa a ciência «suspensa de uma incerteza»⁴². Mas poder-se-á perguntar se colhem certas

³⁹ Sobre este assunto, cf. MORUJÃO, Alexandre, «O Pensamento Filosófico de Júlio Fragata», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, LXII / 3-4 (1986) 225-242, p. 230.

⁴⁰ Cf. ALVES, Vitorino de Sousa, «Introdução à Filosofia das Ciências», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 456-482, p. 462.

⁴¹ A caracterização da fenomenologia como um idealismo é problemática, mas, mesmo que a aceitemos (e poderá haver boas razões para o fazer), será necessário proceder a uma caracterização do «idealismo fenomenológico» e à sua relação com outras variedades historicamente conhecidas de idealismo. Cf. o ensaio de RIET, Georges van, «Réalisme Thomiste et Phénoménologie Husserlienne», in *Revue Philosophique de Louvain*, 45 (1957) 58-92. No que, mais em particular, diz respeito à interpretação de Júlio Fragata do «idealismo» husserliano, refira-se o interessante ensaio de CANTISTA, Maria José, «Evidenciação Progressiva do “Fenómeno Puro” como Fundamento Radical», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, LXII / 3-4 (1986) 277-309. Defende a autora que as distâncias de Fragata relativamente ao idealismo de Husserl caracterizaram, sobretudo, a primeira fase da sua abordagem da fenomenologia, tendente a mostrar que, devido, justamente, a tal idealismo nunca ela se poderia constituir como uma «filosofia primeira».

⁴² ALVES, Vitorino de Sousa, *Ibidem*, p. 463.

supostas objeções à fenomenologia, do tipo das que são formuladas neste ensaio de Vitorino Sousa Alves: a saber, que nenhum cientista duvida da realidade do objeto que está a experimentar, tal como não duvida da realidade da experiência que se encontra a fazer, assim como também não duvida da realidade das condições laboratoriais que lhe permitem levá-la a cabo. É que se não duvida – como cremos todos que não duvida – é porque a todo o objeto verdadeiramente existente corresponde a consciência possível de uma sua apreensão originária e adequada. Sabemos que nenhum objeto se pode dar senão perspetivisticamente, que de uma casa, por exemplo, não podemos captar em simultâneo a sua fachada e a sua parte traseira; mas, captando a fachada, supomos a possibilidade de apreender as suas traseiras, sem o que não estaríamos na presença de uma casa. Ademais, quando apreendemos uma casa real, mesmo que a nossa apreensão dela seja incompleta (como na circunstância acabada de referir), todo o ato perceptivo contém uma indicação acerca do modo de a completar, enriquecendo a primitiva intuição⁴³.

Mas regressemos a Júlio Fragata. Mais grave parece ser uma diferente objeção à fenomenologia que o autor formula em outro lugar⁴⁴. A objeção tem a ver com o método descritivo proposto por Husserl e com o que seria a sua natural consequência de encerrar o que é descrito no plano de imanência da consciência. A descrição terá de se restringir aos seres materiais, os únicos que são diretamente proporcionados à nossa inteligência. Tal restrição acarretou ainda uma recusa do princípio de causalidade – enquanto ferramenta conceptual a utilizar no processo descritivo – e o fechamento da consciência a qualquer realidade de ordem transcendente. Em *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl*, de 1955, Alexandre Fradique Morujão parece, não diríamos partilhar esta tese, mas, pelo menos, admitir a possibilidade de uma certa leitura de Husserl a ela poder conduzir, transformando a fenomenologia uma espécie de «monismo do fenómeno»:

⁴³ Sobre este assunto, cf. Husserl, *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, § 142, Husserliana III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1950, p. 349. Parece ter sido um destino funesto de muitos leitores de *Ideias I* o terem concentrado a sua atenção na 2.^a Secção (mais precisamente, na teoria da redução fenomenológica) e na 3.^a Secção (a explicação do *a priori* universal de correlação) desta obra e terem minimizado a importância da 4.^a Secção, intitulada, justamente, «A razão e a realidade».

⁴⁴ Cf. «Husserl e a Fundamentação das Ciências», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 1 (1957) 44-51, em especial na p. 49.

«O fundamento do conhecimento é [...] procurado exclusivamente do lado do sujeito e por isso o “fenómeno do objecto” reduz-se à função de correlato da consciência, puro objecto desligado da coisa existente. Referi-lo à consciência transcendental não é obstáculo a que nos encontremos em nítido ambiente idealista.»⁴⁵

A questão é obviamente muito complexa para que aqui nela possamos entrar com o pormenor que exige. Chamemos apenas a atenção para o seguinte ponto: mais do que recusar o uso da causalidade como sinal de abertura à transcendência, como Fragata defende, Husserl exige que ela seja integrada no processo explicativo apenas quando lhe corresponde uma experiência vivida. Se um objeto apenas surge numa relação intencional com o sujeito – se uma relação real de causalidade, independente de qualquer experiência vivida, só se pode basear num pressuposto injustificado –, qualquer suposta abertura a uma transcendência, postulada como anterior àquela relação intencional, não está dotada da evidência apodítica que a filosofia deve exigir como seu ponto de partida. Esta exigência pode compreender-se e justificar-se na base do famoso «princípio de todos os princípios» de que nos falamos em *Ideias I*. Com efeito, qualquer tese estabelecida fora da referência à experiência vivida releva de preconceitos e pressupostos que a descrição – para ser fiel ao que é descrito – não pode admitir. Claro que Fragata também o parece admitir, só que o conceito de experiência vivida tem nele um significado diferente de Husserl, pois não se refere a essa experiência tal como resulta de uma análise levada a cabo sob o regime da «redução fenomenológica», mas sim em atitude natural, à qual a fenomenologia deveria voltar sob pena de permanecer uma mera doutrina da significação⁴⁶.

A impossibilidade de o neotomista aceitar esta tese é muito claramente expressa no ensaio de van Riet que mais acima referimos⁴⁷. Se admitirmos,

⁴⁵ MORUJÃO, Alexandre Fradique, *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl* (Separata de *BIBLOS*, volume xxx), Coimbra, 1955, p. 133.

⁴⁶ Cf. *A Fenomenologia de Husserl como Fundamentação da Filosofia*, Braga, Livraria Cruz, 1959, p. 249. Sobre este assunto, ALVES, Pedro M. S. and MORUJÃO, Carlos, «Husserl's *Ideen* in the Portuguese Speaking Community», in Lester Embree / Thomas Nenon (ed.), *Husserl's Ideen*, Dordrecht / Heidelberg / New York / London, Springer Verlag, 2013, pp. 295-311, pp. 306-307.

⁴⁷ RIET, Georges van, *Ibidem*, pp. 61-63. Como afirma o autor no início, toda a sua análise da fenomenologia toma por base as *Investigações Lógicas, Lógica Formal e Lógica Transcendental* e a Introdução de Ludwig Landgrebe a *Experiência e Juízo*. Todavia, pensamos que algumas difi-

como este autor afirma, que uma visada intencional (no sentido de ato signi-
tivo) está para o seu preenchimento intuitivo como, em termos aristotélicos,
a potência está para o ato, estaremos a inverter a primazia do ato, ou seja,
a afirmação da existência de um objeto, sobre a potência, ou seja, a possi-
bilidade de ele ser dado apenas como correlato de um ato que o visa. Ora,
conclui van Riet, para a fenomenologia husserliana, a visada intencional goza
de uma prioridade lógica relativamente à intuição. Ou melhor, a fenomenologia
recusa a prioridade da intuição atual sobre a significação.

Já em 1955, num dos seus primeiros ensaios sobre Husserl, Júlio Fraga-
ta defende uma opinião semelhante. Referindo-se ao que chamava, então,
o ponto débil da fenomenologia, o autor assevera que ele «equivale a afirmar
que se significa ultimamente aquilo que não existe e portanto aquilo que não
se pode significar»⁴⁸. Tentemos entender o raciocínio de Fragata. Se não esta-
mos em erro, o que ele quer dizer é que, não sendo, para Husserl, a existência
real suficientemente evidente, coloca-a entre parêntesis, ficando apenas com
a significação dela; a existência torna-se, então, mera *existência significada*,
mesmo que nada existe fora da consciência intencional. Ora, a ser assim,
a intencionalidade poderia ser apenas uma relação com as coisas enquan-
to significadas, ou, por outras palavras, uma relação da consciência consigo
mesma. O sentido já não dirige para as coisas, conferir significação já não
equivale a conferir referência objetiva – como é a tese de Husserl⁴⁹ –, pois
o sentido é apenas o que, de uma eventual existência efetiva, a consciência
consegue captar. A existência *em si* do mundo, conclui Júlio Fragata, valeria
apenas para a consciência natural.

A interpretação que Fragata faz, na mesma página do seu artigo citado
na nota anterior, de uma passagem de *Erste Philosophie II* não nos parece
totalmente correta⁵⁰. Com efeito, tendo reconhecido que, para Husserl, não há
motivos para negar a existência do mundo, afirma, de seguida, que Husserl

culdades que van Riet afirma encontrar na fenomenologia poderiam desaparecer em resultado de
uma leitura mais atenta da obra mencionada em último lugar.

⁴⁸ FRAGATA, Júlio, «A Fenomenologia de Husserl», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI (1955)
3-35, p. 27.

⁴⁹ Cf., nomeadamente, *Logische Untersuchungen*, II / 1, I, § 18, Husserliana XIX / 1, Den
Haag, Martinus Nijhoff, 1984, p. 71.

⁵⁰ Fragata remete para HUSSERL, *Erste Philosophie II*, Husserliana VIII, Den Haag, Martinus
Nijhoff, 1959, p. 53.

não explicitou esses motivos, confinando, assim, a aceitação da sua existência à atitude natural. Husserl parece estar a dizer que o ónus da prova compete a quem quiser negar a existência do mundo, não a quem a afirma. Mas o sentido da sua afirmação só pode ser que esta tese é válida na atitude transcendental e não apenas na atitude natural. Aquela, ao «suspender» esta, não a afeta do índice de indubitabilidade; apenas a analisa no intuito de mostrar o fundamento das suas crenças. Mais uma vez, o que a argumentação de Fragata parece lamentar é que Husserl, em virtude do seu idealismo fenomenológico, não introduza aqui a noção de causalidade, pois seria ela que, explicando o influxo que a realidade exterior exerce sobre a consciência, restabeleceria o realismo e impediria a fenomenologia de permanecer prisioneira das meras significações.

Mas, nestas densas páginas de *Erste Philosophie II*, há ainda outra coisa em que Júlio Fragata não reparou⁵¹. Husserl coloca a possibilidade de dar-se uma *aparência transcendental*, ou seja, de não ser este ou aquele objeto mundano cuja existência se torna incerta (exigindo que, por detrás do modo como aparece, se busque aquilo que verdadeiramente ele é), mas sim ser o próprio mundo que se torna incerto. A *aparência transcendental* não implica a quebra da atitude natural, mas chama a atenção para o carácter sempre presuntivo da nossa experiência do mundo, para a incessante correção dos resultados das experiências já feitas, para o facto de estas, na atitude natural, não serem dotadas de apoditicidade. Mas a atitude natural, que consiste na crença de que o objeto é experimentável enquanto objeto do mundo, como totalidade das coisas passíveis de serem experimentadas, pode ser restabelecida nos seus direitos pela atitude transcendental. É esta que, chamando a atenção para o carácter concordante da nossa experiência de mundo, impede que ele possa ser considerado uma mera aparência e, no mesmo passo, justifica a crença em que a atitude natural se baseia, mas que não pode ela própria fundamentar.

O que Júlio Fragata escreveu sobre Husserl ou sobre a fenomenologia, até quase ao final da sua vida – um final prematuro, pois muito havia ainda a esperar do seu infatigável labor filosófico – não altera, no essencial, a sua atitude, que parece fixada no início dos anos sessenta do passado século. (Mesmo admitindo-se, como atrás fizemos referência, algum esbatimento na sua afirmação da impossibilidade de um idealismo fenomenológico se constituir como filosofia primeira.) Além disso, seria redutor querer limitar o interesse

⁵¹ HUSSERL, *Ibidem*, p. 54.

dos jesuítas portugueses por Husserl a uma espécie de polémica entre neotomismo e fenomenologia. As páginas da *Revista Portuguesa de Filosofia* dão conta de um interesse por Husserl que não ficou confinado a este ângulo de abordagem. Mencione-se, apenas a título de exemplo, o artigo de Isidro Ribeiro da Silva sobre o antipsicologismo de Husserl, que registamos mais adiante na Bibliografia. Por outro lado, para lá do limite temporal que é balizado por esta correspondência dos professores da Faculdade de Filosofia com Alexandre Fradique Morujão, o interesse por Husserl parece ter esmorecido. Tal não significou, bem entendido, um desinteresse pela fenomenologia. Muitos outros fenomenólogos concitaram a atenção dos professores de Braga, ou foram motivo de publicação na *Revista Portuguesa de Filosofia*: poder-se-ia mencionar os nomes de Maurice Merleau-Ponty, de Max Scheler, de Emmanuel Lévinas, ou de autores ligados à hermenêutica de inspiração fenomenológica (ou, pelo menos, heideggeriana), como Hans-Georg Gadamer ou Paul Ricoeur. Mas o diálogo com Husserl e com a fenomenologia de inspiração husserliana não mais prosseguiu com a intensidade que registara nas décadas de 50, 60 e 70 do século xx.

3. A *Revista Portuguesa de Filosofia*

Uma parte significativa da correspondência que agora damos a conhecer diz respeito às atividades da *Revista Portuguesa de Filosofia*, ou indiretamente a ela se refere. A quase totalidade dos temas filosóficos abordados nestas cartas tiveram eco nas suas páginas e nela Alexandre Fradique Morujão foi regularmente solicitado a colaborar. Daremos conta, um pouco mais adiante, dessa colaboração.

A *Revista Portuguesa de Filosofia* surgiu, em 1945, como secção trimestral da revista *Brotéria*. O registo que encontramos do seu primeiro número, constante no Catálogo de Publicações Periódicas Existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1927-1945), identifica-a como:

Revista Portuguesa de Filosofia: secção trimestral de ciências filosóficas da Brotéria sob o patrocínio do Instituto de Filosofia do B. Miguel Carvalho, de Braga / dir. Domingos Maurício... [et al.]: prop. e ed. de Gaspar Maria Leal Gomes Pereira Cabral – Braga: 1945.

Como órgão da Companhia de Jesus – que havia regressado a Portugal em 1934, depois da sua expulsão, em 1910, motivada pelos ideais republicanos que exacerbaram a separação do Estado e da Igreja, e se estabelecido na Rua de São Barnabé, em Braga –, a *Revista Portuguesa de Filosofia* vem dar corpo à missão para que foi instituído o Instituto Beato Miguel de Carvalho. Logo em 1942, os estudos filosóficos aí ministrados são elevados, por decreto do Ministério da Educação, ao estatuto de Curso Superior de Ciências Filosóficas, sendo o Instituto reconhecido como Faculdade Pontifícia em 1947 e, passados 20 anos, a 13 de outubro de 1967, por ocasião do ano 50.º das aparições da Virgem Maria em Fátima, pelo decreto *Lusitanorum nobilissima gens*, consagrado como Universidade Católica Portuguesa. Neste tempo, neste percurso, que é o percurso e o tempo da Universidade Católica Portuguesa, sendo-lhe anterior, mas pertencendo-lhe, preservou sempre a conservação da sua fundação em Braga e, de modo mais ou menos vincado, os auspícios próprios da Companhia de Jesus, a *Revista Portuguesa de Filosofia* fez-se publicar ininterruptamente, até aos dias de hoje.

Para além do já referido Domingos Maurício, SJ, foram seus fundadores os professores Cassiano Abranches, SJ, Severiano Tavares, SJ e Diamantino Martins, SJ, que, no seu início, não só procuravam dar mostra do pensamento filosófico que era ministrado da Faculdade de Filosofia, mas também tinham como objetivo promover a divulgação daquilo que se ia materializando na academia portuguesa – em particular em Coimbra e menos em Lisboa, recorde-se que a Faculdade de Letras do Porto havia sido extinta em 1931 – no campo da especulação filosófica, no âmbito da metafísica de cariz neoescolástico e neotomista, sem esquecer os contributos salmantinos (refazendo um eixo que já havia sido formado por Coimbra, Évora e Salamanca).

Consideravam os seus fundadores, logo nas linhas iniciais de «Porquê e Programa da “Revista Portuguesa de Filosofia”», com que abre o primeiro número da revista, que: «A actividade filosófica em Portugal, nos últimos séculos, foi a bem dizer nula. Incapacidade especulativa, adversidade do ambiente, deficiência de cultura, preconceitos de formação escolar? De tudo um pouco, tomando as coisas na generalidade.»

Os propósitos iniciais e inaugurais eram claros: difundir uma tradição filosófica, não doutrinária, inspirada dos princípios e valores próprios e estruturantes do ensino ministrado pela Companhia de Jesus; afirmar a *Revista Portuguesa de Filosofia* como o periódico filosófico de maior referência nacional e com

elevado reconhecimento internacional; lutar contra um certo pragmatismo e positivismo que informavam os saberes do espírito em Portugal em meados do século xx; situar o pensamento filosófico português nas ombreiras da especulação metafísica contemporânea, sem descurar a leitura ou a releitura da história da filosofia em Portugal e da história da filosofia portuguesa. Relativamente a este último tópico, há a salientar, logo nos primeiros anos de existência da revista, a realização de um colóquio sobre São Martinho de Dume, no XIV centenário da sua chegada à Península, um colóquio sobre Francisco Sanchez, no IV centenário da sua morte e, em particular, o I Congresso Nacional de Filosofia, em 1955, de que falaremos adiante em mais pormenor.

Vieram a concretizar-se todos estes propósitos e objetivos com a publicação de números dedicados a temas específicos (mencionem-se, por exemplo, 3 fascículos dedicados ao marxismo, nos volumes xxviii, xxxii e xl), com a abertura à participação de autores internacionais, alguns deles de renome, como Gabriel Marcel, logo em 1947, Maurice Blondel, em 1948, Karl Rahner, em 1951, Hans-Georg Gadamer, em 1977 e, entre outros, também Paul Ricoeur, em 1990. Mencionem-se, também, os fascículos dedicados a aniversários de publicação de obras filosoficamente relevantes, como o n.º 4 do volume xliv, de 1988, no 200.º aniversário da publicação da *Crítica da Razão Prática*, onde, curiosamente, nenhum dos colaboradores que abordaram esta obra de Kant era, à data, docente da Faculdade de Filosofia.

De outro modo, a atualidade e a história foram povoando as secções que se foram acrescentando ou sucedendo, como: «Notas, Inéditos e Documentos»; «Crónica Internacional», «Crónica», «Ficheiro de Revistas» ou «Bibliografia» [Recensões]; também com números especiais dedicados a autores nacionais e internacionais, simplesmente comemorativos ou evocativos da obra ou também em registo de homenagem; livros de atas, recensões, não só de obras, mas também de encontros científicos; enfim, por mais de 75 anos vem a *Revista Portuguesa de Filosofia* se afirmando como periódico de referência no plano nacional e internacional, já que admite à publicação artigos em português, inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, constando agora nas principais bases de dados, repertórios bibliográficos e índices de referência de qualidade científica como sejam: The Philosophers's Index (Ohio, USA); International Philosophical Bibliography / Répertoire Bibliographique de la Philosophie (Louvain, Bélgica); Francis-Bulletin Signalétique (CNRS, INIST – França); Ulrich's International Periodicals Directory (New York, USA); Internationale

Bibliographie Geistes- und Sozialwissenschaftlicher Zeitschriftenliteratur (IBZ – Alemanha); Dialnet (Logroño, Espanha); JSTOR (Michigan, EUA).

O caminho trilhado até aos dias de hoje nunca renegou o espírito dos seus fundadores, mas tal não impediu a *Revista Portuguesa de Filosofia* de ser, não só produtora da reflexão filosófica que se faz em Portugal, numa orientação de matriz cristã, aberta à novidade e à diferença, mas também produto da reflexão filosófica europeia, brasileira e americana, diremos, numa palavra, da reflexão filosófica do Ocidente.

Alexandre Fradique Morujão colaborou ativamente com a *Revista Portuguesa de Filosofia* e de forma muito próxima com Bacelar Oliveira, Diamantino Martins, Júlio Fragata e Lúcio Craveiro da Silva, na divulgação do pensamento fenomenológico em Portugal, tal como o havia intentado e concretizado no Centro de Estudos Fenomenológicos da Universidade de Coimbra, a partir de 1965. É, pois, sob a direção de Júlio Fragata – naquela que poderemos chamar a segunda fase do desenvolvimento da *Revista Portuguesa de Filosofia*, pois que a terceira será inaugurada e dinamizada por João Vila-Chã no início do presente século –, que Alexandre Fradique Morujão faz publicar um conjunto de artigos, de alguns dos quais nos dá notícia a seleção epistolar que compõe o presente volume, a saber:

1. «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa», in *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia, Revista Portuguesa de Filosofia*, XI / 3-4 (1955) 80-90;
2. «Sobre a Interpretação kantiana do Belo e da Arte», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXIII / 2 (1967) 113-134;
3. «Subjetividade e Intersubjetividade em Husserl», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXV / 3-4 (1969) 81-100;
4. «Fenómeno, Númeno, Coisa em si: Notas sobre três conceitos kantianos», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVII / 2 (1981) 225-248;
5. «A Filosofia como Saber Rigoroso de Fundamentação», in *Atas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 31-49;
6. «O Sentido da Filosofia em Leonardo Coimbra», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXIX / 4 (1983) 345-364;
7. «O Problema da Intersubjetividade na Fenomenologia de Husserl», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLI / 4 (1985) 345-368;
8. «O Pensamento Filosófico de Júlio Fragata», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLII / 3-4 (1986) 225-242.

9. «O Itinerário Filosófico de Sampaio Bruno», *Revista Portuguesa Filosofia*, XLIII / 3-4 (1987) 225-242;
10. «Estrutura e Sentido do “Mundo da Vida”», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLIV (1988) 367-381;
11. «A Intersubjetividade em Gabriel Marcel», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLV / 4 (1989) 513-529;
12. «Husserl e a Interpretação da História da Filosofia Moderna», *Revista Portuguesa de Filosofia*, L / 1-3 (1994) 261-275;
13. «Meio Século de Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra [1945-1995]», *Revista Portuguesa de Filosofia*, LI / 2 (1995) 243-252;
14. «A Dialética da Ação em *l'Action* (1893) de Maurice Blondel», *Revista Portuguesa de Filosofia*, LII / 1-4 (1996) 579-588.

De 1955, data do primeiro título publicado por Alexandre Fradique Morujão na *Revista Portuguesa de Filosofia*, até 1996, data do último, são 41 anos. É uma colaboração que atravessa momentos de uma vida dedicada à filosofia, de que neste volume se pretende dar testemunho.

4. O Congresso Português de Filosofia

As Cartas n.º II e n.º III, de Félix Augusto Ribeiro a Alexandre Morujão, referem um acontecimento filosófico de relevo de meados dos anos 50 do passado século: o *I Congresso Nacional de Filosofia*, assim designado nas respetivas atas publicadas pela *Revista Portuguesa de Filosofia*⁵². Este evento teve lugar entre 9 e 13 de março de 1955 na cidade de Braga, sob iniciativa e organização da Faculdade de Filosofia e o patrocínio da Câmara Municipal daquela cidade. Nas palavras de Lúcio Craveiro da Silva, que na altura era Reitor da Faculdade e que foi um dos mentores do Congresso, este seria convocado livre e universalmente nos termos de uma verdadeira «Assembleia patente a todos os Filósofos e Pensadores Portugueses»⁵³.

Com efeito, mas já nas conclusões do Congresso, pode ler-se nas respetivas atas:

⁵² Os fascículos 3 e 4 da revista, do ano de 1955, são dedicados à publicação das atas do Congresso.

⁵³ Assim o define Lúcio Craveiro da Silva, mas já nos anos 90 do século xx (cf. «Neoescolástica Contemporânea», in *História do Pensamento Filosófico Português*, p. 340).

«Pela amplitude da concepção doutrinária e pela forma patente da convocação dirigida a todos os setores do Pensamento e da Cultura, este Congresso revelou uma característica “nacional”, tendo-se nele assinalado representações filosóficas de todas as Universidades e das mais diversas escolas, instituições e correntes vivas do Pensamento Português.»⁵⁴

Ainda pelas mãos do filósofo jesuíta⁵⁵, mas já no contexto do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia (1981)⁵⁶, cumpre destacar a notícia da presença de mais de três centenas de participantes (373) e de 81 congressistas com tese ou comunicação, bem como a forte representação internacional, de países como, por exemplo, Brasil, Espanha, Alemanha, França e Itália.

Outros ecos acerca do impacto que o Congresso teve no panorama filosófico português dos anos 50 do século xx podemos encontrá-los, designadamente, na comunicação de Fernando Castelo-Branco⁵⁷, que seria apresentada, também em 1981, por ocasião daquele mesmo Congresso, intitulada «O I Congresso Nacional de Filosofia». Nesta comunicação interessam-nos, sobretudo, dois momentos.

Um primeiro, respeitante à recolha dos testemunhos⁵⁸ que Fernando Castelo-Branco faz, deles constando: o de Moreira de Sá, que vê no Congresso «uma promessa porque nos faz antever um mais largo interesse, em Portugal, pela especulação e investigações filosóficas»; o de Delfim Santos, que aponta no sentido de perfazer o Congresso um ponto de viragem na cultura filosófica portuguesa, pois que «O que nele se passou é digno da maior atenção e apreço e parece indicar que nova era pode surgir para o pensamento filosófico em Portugal»; e o de Maria Manuela Saraiva, que afirma ter sido «este Congresso [...], inegavelmente, um despertar de consciências».

⁵⁴ AA.VV., *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia – Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955), p. 776.

⁵⁵ Conferência proferida por Lúcio Craveiro da Silva, na sessão de abertura do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, intitulada «Evocação do I Congresso Nacional de Filosofia» [cf. «Atas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 18-21].

⁵⁶ Recorde-se que Alexandre Fradique Morujão participa no I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, inaugurando as sessões plenárias com o título «A Filosofia como Saber Rigoroso de Fundamentação» [cf. *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 32-49].

⁵⁷ CASTELO-BRANCO, Fernando, «O I Congresso Nacional de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 685-697.

⁵⁸ *Idem*, *Ibidem*, p. 696.

Já no que concerne ao segundo momento, oferece Fernando Castelo-Branco, já nas linhas finais do seu artigo, uma síntese, de cujo conteúdo podemos colher uma caracterização acerca do estado da arte em que se encontravam, nos anos 50 do século passado, o estudo e a investigação filosóficos:

«Consequentemente, o I Congresso Nacional de Filosofia evidenciou uma possibilidade e pôs paralelamente em foco uma grave deficiência nas estruturas da vida intelectual portuguesa e de quão grave era a falta dos que tinham responsabilidades especiais por não envidarem os seus esforços no sentido de se criarem as instituições que reunissem os pensadores e catalisassem a movimentação filosófica entre nós.»⁵⁹

A Sessão Solene de Abertura é feita por Lúcio Craveiro da Silva com a intervenção intitulada «Significado do I Congresso Nacional de Filosofia», e com as conferências de Delfim Santos, com o título «Filosofia como Ontologia Fundamental», e de Arnaldo Miranda e Barbosa, que se apresentaria com o título *Filosofia e Método*.

Atendendo, agora, ao conteúdo da «Ata do I Congresso Nacional de Filosofia»⁶⁰, pode ler-se que este evento se realizou ao abrigo de um conjunto de factos e de acontecimentos. São eles: o XVI Centenário de S. Agostinho e de ser Braga o berço de Paulo Orósio⁶¹; o IV Centenário da renovação do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra que assinalaria o início da «Filosofia Conimbricense»; e o X Aniversário da fundação da *Revista Portuguesa de Filosofia*.

De relevar, também, o reconhecimento da Assembleia, quer sobre a necessidade de promover a formação filosófica, designadamente nas Universidades⁶², Seminários Eclesiásticos e Curso Secundário, quer sobre a criação

⁵⁹ Idem, *Ibidem*, p. 696.

⁶⁰ Cf. *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, p. 776.

⁶¹ Discípulo do Bispo de Hipona, colaboraria na obra *Cidade de Deus*.

⁶² Recorde-se a reforma das Faculdades de Letras de 1957 (Decreto n.º 41 341, de 30 de outubro de 1957) que trouxe à Filosofia uma situação inédita em Portugal. Não só a denominação do Curso deixa a designação de Ciências Históricas e Filosóficas, para dar lugar à de Filosofia, mas também a duração do Curso (de quatro para cinco anos) e, mais importante, a estrutura dos estudos em Filosofia é completamente alterada, registando-se, a título de exemplo, o da introdução da cadeira de «Ontologia e Antropologia Filosófica» e de «História da Filosofia em Portugal», no quarto ano da Licenciatura.

de uma Sociedade Filosófica e da possibilidade de «fundação e agremiação de Associações filosóficas de caráter menos amplo e finalidade definida»⁶³.

O tema do Congresso é «O Conceito de Filosofia, Natureza e Determinações da Ciência Filosófica», a partir do qual foi montada a estrutura científica, segundo três Secções: I – Conceito de Filosofia; II – Filosofia, suas Determinações e Problemas; III – História da Filosofia em Portugal.

Percorrendo o denso volume de atas, é possível verificar que os autores da correspondência que ora se publica têm interesses filosóficos diferentes, apesar da matriz comum que os anima. Por exemplo, José Bacelar e Oliveira abre a I Secção dedicada ao Conceito de Filosofia com o título, «Sobre a Essência do Conceito de Filosofia»⁶⁴ e Júlio Fragata apresentará, ainda nesta Secção, a comunicação intitulada «A Possibilidade duma Filosofia como Ciência Rigorosa»⁶⁵. Já a presença de Lúcio Craveiro da Silva, para lá da referida intervenção feita na Sessão Solene de Abertura, distribui-se entre as Secções II e III. No que àquela respeita, abre-a o jesuíta com o título «Fundamentação da Filosofia Moral»⁶⁶ e, nesta, marca presença com o artigo «Silvestre Pinheiro Ferreira»⁶⁷. Quanto à presença de Diamantino Martins, é de referir que o seu artigo intitulado «Sobre o Problema da Filosofia Cristã»⁶⁸ encerra a II Secção do Congresso e que o título «Paulo Orósio – Sentido Universalista da sua Vida e da sua Obra»⁶⁹ inaugura a III Secção dedicada, recorde-se, à História da Filosofia em Portugal.

⁶³ Cf. *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, p. 778.

⁶⁴ OLIVEIRA, José Bacelar e, «Sobre a Essência do Conceito de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 27-40.

⁶⁵ FRAGATA, Júlio, «A Possibilidade duma Filosofia como Ciência Rigorosa», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 33-4 (1955) 73-79.

⁶⁶ SILVA, Lúcio Craveiro da, «Fundamentação da Filosofia Moral», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 1-2 (1955) 165-172.

⁶⁷ Idem, «Silvestre Pinheiro Ferreira», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 613-619.

⁶⁸ MARTINS, Diamantino, «Sobre o Problema da Filosofia Cristã», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 362-371.

⁶⁹ Idem, «Paulo Orósio – Sentido Universalista da sua Vida e da sua Obra», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 375-384.

Alexandre Fradique Morujão participa na qualidade, quer de secretário da primeira secção do Congresso, ao lado de Júlio Fragata, secção que seria dirigida por Bacelar e Oliveira, quer de conferencista, apresentando a comunicação «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa»⁷⁰, naquela mesma secção, na qual, e como já vimos, pertencem as comunicações de José Bacelar e Oliveira e de Júlio Fragata. Recorde-se que com aquele artigo inaugura Alexandre Fradique Morujão a sua colaboração com a *Revista Portuguesa de Filosofia*.

A comunicação de Alexandre Fradique Morujão está organizada em seis pontos: nos cinco primeiros é apresentada quer uma síntese, clara e concisa, dos principais alicerces em que assenta a fenomenologia de Husserl e, conseqüentemente, o próprio conceito de Filosofia, quer um conjunto de autores e obras onde ecoam as lições do Mestre de Freiburg, nomeadamente as de Maurice Merleau-Ponty, Max Scheller, Martin Heidegger, Júlio Fragata, Alphonse de Waelhens, Quentin Lauer, Eugen Fink ou Tran-Duc-Thao.

Segundo o filósofo português:

«A fenomenologia surge como a ciência eidética cuja tarefa será a de descrever as diferentes regiões do ser na sua estrutura própria, precisando a parte *pura* das ciências empíricas, pondo em evidência as leis eidéticas que definem as condições de possibilidade do conhecimento empírico, isto é, o *sentido do seu ser*.» (p. 84)

Será no sexto ponto que Alexandre Fradique Morujão marcará a sua posição quanto a Husserl, quanto à fenomenologia e quanto à definição do conceito de filosofia, *como ciência rigorosa*. As interrogações que formula, num texto ainda de juventude e que se ressentia de uma ainda incompleta assimilação da fenomenologia, que ultrapassará nos anos subsequentes com a consulta dos numerosos inéditos do mestre de Freiburg, estão em sintonia com a interpretação à data dominante entre os professores da «Escola de Braga», que mais atrás tentámos, embora resumidamente, caracterizar:

⁷⁰ MORUJÃO, Alexandre Fradique, «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 80-90.

«Finalmente, chegou ou não Husserl à posse dos fundamentos da “Filosofia como ciência rigorosa”? As obras publicadas não permitem antever o edifício que prometia: programas sobre programas, esboçou algumas construções, mas, qual novo Moisés, não entrou na terra filosófica prometida.»⁷¹

O mesmo valerá, também, para a sua constatação de um relativo fracasso do projeto fenomenológico:

«Certo, a filosofia rigorosa seria tarefa de muitos, animados do mesmo ideal, de espírito de colaboração, e seguros do ponto de partida preconizado pelo Mestre. Ora sabemos o destino desses seus discípulos. Todos trilharam caminho independente; cada um pretendeu reformar a filosofia a partir do próprio método fenomenológico. Não significa isto o fracasso da posição husserliana?»⁷²

Concluirá o pensador português o seu artigo, recolocando o problema do estatuto epistemológico da filosofia e da relação desta com as ciências:

«O rigor das afirmações filosóficas compagina-se com o das disciplinas científicas? No caso negativo, é a filosofia que fica desvalorizada e urge elaborar um método que a eleve ao nível da apodicticidade. Mas será essa diferença de método essencial? Não consistirá, ao invés, numa diferença de objecto? As ciências estudariam as coisas que são e tais *como são*, a filosofia consideraria as coisas *enquanto são*. O aprofundamento desta diferença é que poderia resolver o estatuto científico da filosofia.»⁷³

5. Os contactos da Faculdade de Filosofia com a Alemanha

Retomando um dos escopos da *Revista Portuguesa de Filosofia* já referidos, é de salientar o da preocupação dos fundadores com o labor filosófico desenvolvido internacionalmente, bastando aqui lembrar que, nos sumários da revista e desde o primeiro número, consta a secção designada «Crónica Internacional». É, pois, justo afirmar-se que uma das apostas dos filósofos da

⁷¹ Idem, *Ibidem*, p. 88

⁷² Idem, *Ibidem*, p. 89.

⁷³ Idem, *Ibidem*, p. 90.

Escola de Braga é a da promoção de um intercâmbio vivo entre instituições portuguesas e estrangeiras, designadamente as do meio universitário.

O desenvolvimento daquele intercâmbio é, pois, uma constante, bem como evidencia os trajetos culturais, científicos e académicos que cada um acolheria. Deste modo, e sem prejuízo da já assinalada ponte com a Bélgica, especificamente com a Universidade de Lovaina lançada por Cassiano Abranches, ou do rumo a França traçado por Diamantino Martins com a sua conhecida investigação e tese sobre a obra de Henri Bergson, a correspondência dos padres jesuítas, Júlio Fragata e Bacelar e Oliveira, mantida com Alexandre Fradique Morujão, é marcada pelo comum interesse pessoal e institucional com a cultura e o pensamento alemães.

Neste sentido, por exemplo, entre Júlio Fragata e Alexandre Fradique Morujão há um horizonte intelectual comum, no que concerne aos interesses filosóficos de ambos, já que ambos dedicarão grande parte da sua obra a E. Husserl e à fenomenologia. Do mesmo modo, entre Bacelar e Oliveira e Alexandre Fradique Morujão se intensifica o relacionamento filosófico, por via do conhecimento de Kant. Recorde-se, também a título de exemplo, os títulos das comunicações apresentadas por ocasião do I Congresso Nacional de Filosofia, de que já demos nota em linhas antecedentes, constando os três pensadores portugueses na Secção dedicada ao Conceito de Filosofia. Elementos que compõem esta atmosfera vêm, aliás, sendo dados ao longo desta Introdução.

Onde o leitor pode colher elementos que evidenciam uma posição, muito clara, sobre o estreitamento dos laços institucionais entre a Faculdade de Filosofia de Braga e as instituições universitárias alemãs é nas cartas de José Bacelar e Oliveira. Por exemplo, Colónia e Bona perfazem o que podemos designar pelo círculo da Renânia⁷⁴ e Freiburg que já fora deste círculo, ampliará, intensificando, aquela posição. Em todas as cartas de Bacelar e Oliveira é possível encontrar, aqui e além, mais um elemento que nos permite afirmar que o futuro Reitor da Universidade Católica Portuguesa privilegiaria, para Braga, os contactos com a «terra germânica».

Ainda na já citada carta de 3 de maio de 1956⁷⁵ podem apurar-se algumas das razões que levariam o professor da Escola de Braga a tomar aquela

⁷⁴ Sobre a importância da Renânia para contrabalançar os contactos entre Braga e outras instituições europeias veja-se o conteúdo da Carta V e respetivas notas.

⁷⁵ Cf. mais adiante a Carta V.

posição: «densidade» e «disciplina», no pensamento e na obra é o que encontra no meio universitário alemão. Mas existem outras razões. Mais tarde, já em 1959⁷⁶, Bacelar e Oliveira assinalaria o seu interesse pelo modo como o meio universitário alemão organiza os seus eventos científicos, segundo o modelo do *Studium Generale*, afirmando, mesmo, que seria útil a aplicação de tal modelo a idênticas realizações em Portugal.

Profundo conhecedor dos principais centros de irradiação de cultura, que não somente aqueles sob a alçada da Companhia de Jesus, Bacelar e Oliveira traça, sobretudo nas cartas endereçadas a Alexandre Fradique Morujão de 1956, um verdadeiro itinerário cultural e institucional. Recorde-se que, por esta altura, Alexandre Fradique Morujão estava como leitor na Universidade de Colónia (ano letivo 56/57).

Desde o mosteiro Dominicano de Walberberg, situado entre Colónia e Bona, e respetiva atividade editorial, de que Bacelar e Oliveira releva a *Deutsche Thomas-Ausgabe*, passando pela Abadia de Maria-Lach, com menção à mais antiga publicação de Cultura na Alemanha, *Stimmen der Zeit – Die Zeitschrift für christliche Kultur* – que nos anos 50 do século xx conheceria o seu incremento, nomeadamente com Karl Rahner –, até ao Thomas Institut ou à Goerres-Gesellschaft, Bacelar e Oliveira indica, a Alexandre Fradique Morujão, alguns dos mais importantes centros para contacto.

São, ainda, referidas diversas personalidades com as quais Bacelar e Oliveira mantinha estreitos laços, como por exemplo, Josef Koch medievalista e fundador, em 1950, do já referido Thomas Institut, instituição que ficaria agregada à Universidade de Colónia, ou Hans Peters, Presidente da, também já referida, Goerres-Gesellschaft.

Sobre a Goerres-Gesellschaft, ou Sociedade Científica de Goerres, é importante referir que o seu modelo de organização, sobretudo no que respeita à realização das suas assembleias científicas, esteve na base da futura Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. A propósito da Sociedade Científica de Goerres escreveria Bacelar e Oliveira na *Revista Portuguesa de Filosofia*, salientando-se os seus artigos de 1952 e de 1955, intitulados, respetivamente, «“A Goerres-Gesellschaft” e o Sentido Filosófico da Assembleia Geral em Munique» e «Sociedade Científica de Goerres».

⁷⁶ Cf. mais adiante a Carta XIV.

Em jeito de conclusão deste apontamento sobre os contactos entre a Faculdade de Filosofia de Braga e a «terra germânica» podemos dizer que não ficaram aqueles somente ao nível do estreitamento de laços institucionais. Os pensadores alemães e suas obras, e que tem sido dada a devida nota ao longo desta Introdução, penetraram profundamente nas dos padres jesuítas, Júlio Fragata e Bacelar e Oliveira. A leitura de algumas cartas prova-o e concedem ao leitor um verdadeiro manancial de fontes e de testemunhos na primeira pessoa sobre decisões acerca de rumos pessoais, académicos e científicos, bem como sobre os respetivos contextos.

6. Critérios de edição

As cartas que apresentamos a seguir não foram escritas para a posteridade. Isto significa que algumas delas conservam um tom familiar e usam uma linguagem que não é a mais habitual em escritos cuja intenção é a publicação. Como é óbvio, nem o tom nem a linguagem sofreram qualquer alteração para esta edição. Todavia, não hesitámos em corrigir um ou outro erro ortográfico, fruto da desatenção ou da pressa, ou em corrigir, sempre que tal nos pareceu imprescindível, a pontuação. Mantiveram-se, em regra, as abreviaturas utilizadas pelos autores, com algumas exceções que assinalamos mais abaixo. Procedeu-se, contudo, como julgamos pacífico, à passagem para itálico do título das obras que, quer nas cartas manuscritas, quer nas datilografadas, aparecia em sublinhado no original.

Procurou-se não interferir no texto desta correspondência que, como atrás dissemos, não se destinava à publicação e onde, como seria de esperar, se encontram gralhas, erros na concordância de género, repetições e omissões de diversa ordem. As intervenções dos organizadores desta edição cingiram-se a quatro tipos de casos:

1. Transformação de algumas das numerosas abreviaturas em palavras por extenso, nomeadamente no que se refere a termos em alemão. Por exemplo, *St.* aparece ortografado *Strasse*. Por regra, seguimos o mesmo procedimento sempre que se tratava de títulos de obras.
2. Algumas correções na pontuação original, sempre que tal nos pareceu exigido para a compreensão do texto ou quando se verificava tratar-se de erro manifesto.

Introdução

3. Adição de palavras manifestamente omissas por distração, ou repetições desnecessárias da mesma palavra.
4. Passagem de palavras ou frases sublinhadas para itálico.

Não assinalamos estas intervenções que fizemos nos textos originais. Todavia, eles encontram-se, quase todos, disponíveis em <http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/espolio-afm.html> pelo que será aí possível o leitor interessado proceder a um confronto com o original do texto que agora apresentamos.

Na Bibliografia, registamos todas as obras citadas, quer nesta Introdução, quer nas notas explicativas de fim, que, direta ou indiretamente, se relacionam com os assuntos abordados nas páginas anteriores.

Bibliografia

Obras de Alexandre Fradique Morujão

- MORUJÃO, Alexandre Fradique, *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl* (Separata de *BIBLOS*, volume xxx), Coimbra, 1955.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, *Mundo e Intencionalidade. Ensaio sobre o conceito de mundo na fenomenologia de Husserl*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1961.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, «O Problema da História na Fenomenologia de Husserl», in AA.VV., *Perspetivas sobre a Fenomenologia de Husserl*, Centro de Estudos Fenomenológicos, Coimbra, 1965, pp. 45-73.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, *Subjetividade e História. Três estudos sobre a fenomenologia husserliana*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, «A Filosofia como Saber Rigoroso de Fundamentação», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 32-49.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, «O Pensamento Filosófico de Júlio Fragata», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, LXII / 3-4 (1986) 225-242.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, «Fraga (Gustavo de)» in *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 2, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1990, cols. 700-702.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique, «O “Fenómeno Puro”, Ponto de Partida da Fenomenologia de Husserl», in *Estudos Filosóficos*, Volume I, Lisboa, INCM, 2002, pp. 157-172.

Obras de professores da Faculdade de Filosofia

- ABRANCHES, Cassiano, «Joseph Maréchal», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1 (1945) 392-398.
- ABRANCHES, Cassiano, «Metafísica e seu Método», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 383-394.
- ALVES, Vitorino de Sousa, «Introdução à Filosofia das Ciências», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 456-482.

- FRAGATA, Júlio, *A Fenomenologia de Husserl como Fundamentação da Filosofia*, Braga, Livraria Cruz, 1959.
- FRAGATA, Júlio, «Husserl e a Fundamentação das Ciências», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 1 (1957) 44-51.
- FRAGATA, Júlio, «Fenomenologia e Gnosiologia», in *Atas do II Colóquio Português de Fenomenologia*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLI (1985) 335-343.
- FRAGATA, Júlio, «O Conceito de Ontologia em Husserl», in *Problemas da Filosofia Contemporânea*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1989, pp. 9-27.
- FRAGATA, Júlio, «Fenomenologia e Problema Crítico», in *Problemas da Filosofia Contemporânea*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1989, pp. 29-48.
- MARTINS, Diamantino, «Sobre o Problema da Filosofia Cristã», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II (1955) 362-371.
- MARTINS, Diamantino, «Paulo Orósio – Sentido Universalista da sua Vida e da sua Obra», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II (1955) 375-384.
- MARTINS, Diamantino, *O Problema de Deus*, Braga, Livraria Cruz, 1957.
- MARTINS, Diamantino, *Teoria do Conhecimento*, Braga, Livraria Cruz, 1957.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «No Horizonte da Eternidade e do Tempo – Antinomia da Duração Humana», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI / 3 (1950) 225-268.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «Introdução ao Conceito de Crítica», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, VIII / 4 (1952) 349-378.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «Da Crítica como Ciência Primeira», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, IX / 2 (1953) 113-144.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «“O Thomas-Institut” e as Assembleias Medievalistas», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 3 (1954) 307-308.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «A Crítica perante a Ontologia, no Âmbito da Metafísica», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 342-383.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «Sobre a Essência do Conceito de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 27-40.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «Bases para a Construção de uma Crítica», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 3 (1957) 225-258.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, «Crítica», in *Logos, Enciclopédia Luso-brasileira de Filosofia*, volume III, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1989, cc. 1235-1238.
- OLIVEIRA, José Bacelar e, *Estudos de Metafísica e Ontologia: Perspetivas de um horizonte filosófico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- PIRES, Celestino, «O Finalismo Realista de J. Maréchal», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIII / 2 (1957) 125-157.

- SILVA, Isidro Ribeiro da, «O Antipsicologismo de Husserl», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 18 / 3 (1962) 278-308.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, «Fundamentação da Filosofia Moral», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II (1955) 165-172.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, «Silvestre Pinheiro Ferreira», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II / 3-4 (1955) 613-619.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, «A Neoescolástica Contemporânea», in Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, volume v / tomo 1, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 329-343.

Outras obras citadas

- AA.VV., *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI / 3-4 (1955).
- ALVES, Pedro M. S., «A Fenomenologia em Portugal», in AA.VV., *História do Pensamento Filosófico Português*, O Século XX, Volume V, Tomo 1, Lisboa, Editorial Caminho, 1999, pp. 345-390.
- ALVES, Pedro M. S. and MORUJÃO, Carlos, «Husserl's *Ideen* in the Portuguese Speaking Community», in Lester Embree / Thomas Nenon (ed.), *Husserl's Ideen*, Dordrecht / Heidelberg / New York / London, Springer Verlag, 2013, pp. 295-311, pp. 306-307.
- BRUNNER, Augusto, «A Fenomenologia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI / 4 (1950) 337-352.
- CANTISTA, Maria José, «Evidenciação Progressiva do “Fenómeno Puro” como Fundamento Radical», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLII / 3-4 (1986) 277-309.
- CASTELO-BRANCO, Fernando, «O I Congresso Nacional de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVIII-II / 4 (1982) 685-697.
- HEIDEGGER, Martin, *Identität und Differenz*, *Gesamtausgabe*, Ab. I, Band 11, Frankfurt, Vittorio Klostermann Verlag, 2006; tradução de Ernildo Stein, *Identidade e Diferença*, in *Conferências e Escritos Filosóficos*, São Paulo, Nova Cultural, 1999.
- HUSSERL, Edmund, *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, Husserliana III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1950.
- HUSSERL, Edmund, *Erste Philosophie II*, Husserliana VIII, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1959.
- HUSSERL, Edmund, *Logische Untersuchungen*, Zweiter Band, Erster Teil, Husserliana XIX / 1, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1984.
- KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, tradução de Alexandre Fradique Morujão e Manuela Pinto dos Santos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985; trad. italiana de Pietro Chiodi, *Critica della Ragion Pura*, Torino, Editrice Torinese, 1967.

Bibliografia

- LAUER, Quentin, *Phénoménologie de Husserl. Essai sur la Genèse de l'Intentionnalité*, Paris, PUF, 1955.
- MERCIER, Désiré, *Cours de Philosophie*, trad. de Miguel Ferreira de Almeida, *Curso de Filosofia*, Viseu, Empreza Editora da «Revista Catholica», 1903-1904, 6 volumes.
- MOREIRA, António Montes, «O Cardeal Cerejeira, Fundador da Universidade Católica Portuguesa», in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2.ª Série, II (1990) 169-222.
- PIMENTEL, Manuel Cândido, «José Bacelar e Oliveira e o Neotomismo na Escola de Braga», in Maria Celeste Natário e José Gama (coordenação), *A Escola de Braga e a Formação Humanística – Tradição e Inovação*, Sintra, Zéfiro, 2010, pp. 131-140.
- RIBEIRO, Álvaro, *Dispersos e Inéditos*, volume II (1954-1960), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- RIET, Georges van, «Réalisme Thomiste et Phénoménologie Husserlienne», in *Revue Philosophique de Louvain*, 45 (1957) 58-92.
- SILVA, Hernâni Santos Dias da, «Expressão Linguística da Realidade e da Potencialidade», in *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-XII / 3-4 (1955) 303-309.
- STEGMÜLLER, Friedrich, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no Século XVI* (tradução de Alexandre Fradique Morujão), Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1959.

Breve descrição dos documentos originais

Carta I

De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão (09.07.1955). 2 páginas datilografadas (frente), em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A5. Assinatura manuscrita.

Carta II

De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão (s/d, provavelmente de finais de 1955). 2 páginas datilografadas (frente e verso), em papel formato 14 cm x 19,5 cm, com timbre da Faculdade de Filosofia. Assinatura datilografada e manuscrita.

Carta III

De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão (09.02.1956). 3 páginas datilografadas (frente e verso na 1.^a folha), em papel com o logotipo da *Revista Portuguesa de Filosofia*. Assinatura datilografada e manuscrita. *Post-scriptum* manuscrito.

Carta IV

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (23.03.1956). 2 páginas datilografadas (frente e verso), em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4. Pequenas correções manuscritas e assinatura manuscrita.

Carta V

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (03.05.1956). 6 páginas manuscritas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4.

Breve descrição dos documentos originais

Carta VI

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (21.05.1956). 2 páginas datilografadas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A5. Assinatura e *post-scriptum* manuscritos.

Carta VII

De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão (06.07.1956). 4 páginas manuscritas, em papel pautado de 25 linhas.

Carta VIII

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (02.08.1956). 1 página datilografada, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4. Assinatura manuscrita.

Carta IX

De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Morujão (25.10.1956). 1 página datilografada, em formato A4, em papel com o logotipo da *Revista Portuguesa de Filosofia*. Assinatura datilografada e manuscrita.

Carta X

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (27.03.1957). 2 páginas datilografadas, em papel A4. Assinatura manuscrita.

Carta XI

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (18.09.1957). 1 página datilografada, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 15,1 cm x 21,8 cm. Assinatura manuscrita.

Carta XII

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (13.02.1959). 2 páginas datilografadas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4. Assinatura manuscrita.

Carta XIII

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (16.12.1959). 1 página datilografada, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 14,3 cm x 21,3 cm. Assinatura manuscrita.

Carta XIV

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (s/d, Natal de 1961). 2 páginas datilografadas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 21,3 cm x 28 cm, despedida e assinatura manuscritas.

Carta XV

De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Morujão (28.05.1961). 3 páginas datilografadas, em papel e formato 22 cm x 27,8 cm. Sem logotipo e com faixa negra no canto superior esquerdo da primeira página. Pequenas correções manuscritas e assinatura manuscrita.

Carta XVI

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (30.10.1965). 2 páginas manuscritas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 21 cm x 14 cm. Cartão anexo.

Carta XVII

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (19.01.1966). 2 páginas manuscritas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 21 cm x 14 cm.

Carta XVIII

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (13.03.1966). 2 páginas manuscritas, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato 21 cm x 14 cm.

Carta XIX

De Lúcio Craveiro da Silva para Alexandre Morujão (04.07.1976). 1 página datilografada, com logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4. Assinatura manuscrita. Em anexo, *Curriculum Vitae* em 3 páginas datilografadas, em formato A4.

Carta XX

De Alexandre Fradique Morujão para Lúcio Craveiro da Silva (24.07.1976). 2 páginas manuscritas, em formato 20,5 cm x 21 cm.

Carta XXI

De Júlio Fragata para Alexandre Morujão (07.12.1978). 1 página datilografada, em papel com o logotipo da Faculdade de Filosofia, em formato A4. Assinatura manuscrita.

**Correspondência
de Alexandre F. Morujão
com a Escola de Braga**



Carta I

(De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

9-VII-1955

Exm.º Senhor
Dr. Alexandre Morujão
Coimbra

Meu bom Amigo

Desculpe o meu bom Amigo que, nesta altura, sem dúvida, de muitos afazeres e preocupações de ordem vária para o Senr. Dr. eu venha ainda importuná-lo com uma carta.

Resolvi escrever por dois motivos bem distintos (e apressei-me a fazê-lo antes que o Senr. Dr., como julgo, parta para a Alemanha) a saber:

1.º Há momentos que o Padre Diamantino me acaba de pedir para que eu mande ao Senhor Dr. Morujão um exemplar do seu livro *Existencialismo*¹; acontece que logo que o livro apareceu eu enviei, com cartões do Padre Diamantino, vários exemplares; entre esses, tenho uma vaga ideia de haver enviado um ao meu Exm.º Amigo; estava nesta ideia, mas como agora mesmo, há poucos momentos o Padre Diamantino me acaba de afirmar o contrário, fico na dúvida; e não queria de modo nenhum deixar de lhe oferecer esse último livro da Colecção.

Peço o favor de directamente me comunicar se recebeu ou não.

2.º Se o meu bom Amigo, se lhe não fosse muito importuno nesta altura, me comunicava também a *importância-custo* da colecção da BIBLOS (volumes que ainda se possam conseguir até ao *vol. XIX – 1943 inclusive*). É o Rev. Padre Reitor mesmo que me dá licença e pede para eu tratar deste assunto. Enviarei o dinheiro na volta do correio.

Naturalmente já constou ao meu bom Amigo que estamos às voltas com a impressão das Actas². Estão em 2.^{as} provas e prontas para imprimir umas 140 páginas (quase todas da I Secção). As restantes duas secções irão também, com mais vagar, mas de tal maneira a poder estar tudo definitivamente pronto dentro do prazo previsto, ou ainda antes, se Deus quiser. As comunicações publicam-se na íntegra e nas línguas próprias. De resto..., uma aventura ao divino!

Outra coisa que lhe desejaria perguntar, antes que me esqueça: até quando tenciona ficar em Coimbra e em que altura, mais ou menos, tenciona partir para o estrangeiro?

O Padre Bacelar sempre tenciona – está mesmo assente – ir para a Alemanha creio que, se não estou em erro, aí por fins de Agosto.

O Rev. P. Reitor partirá no dia 15 deste mês para a Itália, onde vai, como convidado e fazendo parte da Comissão de Honra, ao Congresso de Rosmini que se celebra de 20 a 27 deste mês em Streza³.

“Novidades (bibliográficas) husserlianas” não tenho, por agora, para comunicar ao meu bom Amigo; o Padre Fragata leu já, de fio a pavio, aqueles dois livros das Presses Univ. de France, E. Husserl= La Phil. c. Sc. Rig. e Phn. de Husserl, por Q. Lauer⁴; vamos a ver quando poderemos anunciar como aparecida a tese do Padre Fragata, creio bem que por todo o ano que vem⁵.

O Rev. Padre Abranches é que se entusiasmou e está disposto a fins do próximo mês a começar com a impressão da sua *Metafísica*⁶.

E que é que o Senhor Dr. me diz a respeito do nosso número sobre Santo Agostinho?⁷

E mais nada por hoje.

Perdoe-me o Senhor Dr. o precioso tempo que lhe roubo e bondosamente desculpe o incómodo que com esta lhe dou.

Receba, Senhor Dr., muitos cumprimentos dos Padres Diamantino, Rev. Padre Reitor e Padre Abranches, e creia na amizade sincera do

sempre ao dispor e mto. amigo
Ir. Félix Augusto Ribeiro

Carta II

(De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA
BRAGA

Exm.º Senhor
Dr. Alexandre Morujão
Coimbra

Meu Bom Amigo

Muito obrigado pela sua cartinha de ontem e que há poucos momentos me acaba de ser entregue.

Agradecido pelas informações que me deu e pelas que espero.

Afinal, na informação que dei ao Senhor Dr. sobre a impressão das ACTAS⁸, sem haver de modo algum mentira, houve contudo uma inexactidãozinha: – impresso definitivamente ainda não está absolutamente nada. Estão 144 páginas em segundas provas, das quais recebo neste momento em prova de máquina as duas primeiras folhas = 32 páginas; ainda sairão mais duas hoje.

Por conveniências de ordem vária preferimos este sistema. A composição é “linotipo”, e portanto uns quilos de bronze a mais ou a menos! A maior dificuldade deste sistema está na correcção, que tem de ser reduzida somente às gralhas. Além disso a composição desta maneira vai bastante depressa.

A tese do Snr. Dr. chegou na devida altura, e já está também em segundas provas⁹. Não tencionávamos dar ao Senhor Dr. o trabalho da correcção; em todo o caso, como estamos bastante adiantados, o Padre Diamantino (que as viu e reviu com todo o cuidado) diz-me que as envie ao Snr. Dr. mesmo assim em segundas provas.

Pedimos ao Senhor Dr. o favor de as demorar o menos possível.

Tomámos nota das 100 separatas.

Já agora e como as aqui tenho também já em 2.^{as}, aproveito a oportunidade para enviar também as provas ao Snr. Dr. Vítor Matos¹⁰. Peço ao meu bom Amigo o favor de, se tiver oportunidade, lhe dizer também uma palavrinha no sentido da maior brevidade na “revisão”.

Obrigado Senhor Dr.

O Senhor Dr. já sabe qual o “subsídio” que o I.A.C.¹¹ determinou para a publicação das Actas? – R: 6 contos!... (*confidencial*)

Repito: – não tem necessidade nenhuma de estar a envergonhar-se por ainda não ter devolvido os números dos *Études Philosophiques*. Eu não os pedi ainda!, nem temos urgência nenhuma em que os devolva como já disse. Quando não precisar, está bem.

Mais nada por hoje.

Desculpe o Senhor Dr. mais esta maçada e creia na amizade muito sincera do

sempre ao dispor
Félix Augusto Ribeiro, S.J.

Carta III

(De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão)

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

9 de Fevereiro de 1956

Exm.º Senhor

Dr. Alexandre Morujão

Meu bom Amigo

Antes de mais muito obrigado pelo seu postalinho de 29 de Janeiro, muito obrigado. Não tem o senhor Dr. por que ter vergonha de me escrever um postal, não! Com vergonha e confundido fico eu por ter-se o meu bom Amigo sacrificado e sacrificado o seu tempo precioso para me escrever!

Não pergunto ao Senhor Dr. como tem passado, pois que, dalguma maneira o fiquei sabendo pela leitura da carta que no mesmo dia escreveu ao Rev. P. Bacelar. Felicito o Senhor Dr. pelo modo e pela rapidez com que se adaptou a uma vida e ambientes tão estranhos dos que por cá ... se vivem. Enfim: a “vontade de vencer” que pelo que se vê não é só apanágio do povo alemão! Uma vontade de ... e ainda a compreensão bem funda de que “a vida é a coisa mais séria do mundo” fazem milagres, não lhe parece Snr. Dr.?

Trabalhinho também por cá não falta, graças a Deus. Terminadas as ACTAS no dia 7 de Dezembro (e definitivamente, para mim, no dia 27 desse mês!) começamos imediatamente com o fascículo 1.º da Revista de Janeiro de 1956, que desta vez saiu a tempo e horas. – Revista e Suplemento. Começamos ainda com o livro do Padre Abranches – que felizmente está prestes a sair¹². E, graças a Deus, pudemos dar por findo um ano de trabalho excepcional.

A propósito da assinatura do Snr. Dr. e como naturalmente para aí lhe não remeterão as ACTAS e fascículos que seguirão para onde de costume, hoje mesmo envio o novo exemplar das Actas ao meu bom Amigo, para que veja essa mole imensa, onde por certo nem tudo será grão escolhido, mas onde com boa vontade e principalmente com ausência de despeito e preconceitos, se tem forçosamente de reconhecer que “nem tudo é palha”! A este propósito e para desfastio seria bom que lesse, Snr. Dr., um artigo que no *Diário Popular* de 1 de Fevereiro escreveu Álvaro Ribeiro. Este a propósito das Actas: no dia 31 de Dezembro escrevera o mesmo articulista outro sobre o Congresso¹³. Num como noutro “peca” por muito despeito e muito preconceito. Uma amostrinha: “diz que um dos melhores trabalhos apresentados no Congresso foi o de Afonso Botelho”¹⁴; e que sem dúvida o melhor aparecido no mesmo Congresso foi o de Hernâni Santos Dias da Silva¹⁵!!!

De resto a Imprensa, tanto diária como a periódica, tem sido bem simpática para com este volume das Actas e para “todo” o trabalho e esforço que ele representa.

Novidades com que valha a pena fazer perder tempo ao senhor Dr. não há.

O Rev. Padre Reitor, que tem estado a fazer os seus Exercícios Espirituais, tem estado a preparar uma série de conferências: uma no dia 5 de Março em Aveiro e outra no dia 6 em Lisboa; de volta a Braga tem de fazer o trabalho para o Congresso de Coimbra (o Congresso da Associação para o Progresso das Ciências) de cuja secção de Filosofia é o presidente¹⁶. Com o Padre Reitor irá uma equipa de 3 ou 4, com trabalhos. Consta-me que o discurso da Sessão inaugural será feito pelo Snr. Prof. Miranda e Barbosa. O Senhor Dr. Morujão não estará ainda por cá nessa altura?

Agora reparo que ainda não agradei ao meu bom Amigo a oferta do seu “A doutrina da Intencionalidade...”, bem haja. Há dois ou três dias que aqui chegou também o volume da *Biblos* em que foi publicado o seu trabalho, já há tanto tempo!

Ainda não desistimos da aquisição de todos os volumes ainda disponíveis da *Biblos*¹⁷. Se em Junho o Senhor Dr. já estiver em Coimbra poderemos tratar do assunto?

Correspondência

Por este correio, ou amanhã ou depois, segue para o meu Bom Amigo um exemplar do *Diário Popular* de 1 de Fevereiro para ver o que se diz lá sobre as ACTAS e sobre as “filosofias estrangeiras” a propósito das Actas¹⁸! Ria-se um bocado, se lhe parecer caso para isso, e perdoe-me o precioso tempo que lhe roubo com esta carta.

Mais nada por hoje.

Receba o Senhor Dr. com os melhores cumprimentos, meu abraço de fraterna e cristã amizade.

Ir. Félix Augusto Ribeiro, S.J.

P.S.

Os RR. Padres Reitor, Abranches e Diamantino pedem-me para em seu nome saudar o Dr. Morujão e lhe apresentar os seus cumprimentos e votos de Boa saúde. Aqui o faço.

Ir. Félix Augusto Ribeiro, S.J.

Carta IV

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

23 de Março de 1956¹⁹

Senhor Dr. Morujão, querido Amigo

Parto amanhã pela manhã para Fátima, a dar o retiro aos Homens, e de lá sigo para Lisboa onde tenho de pregar em S. Domingos. Apesar dos escasos minutos de que disponho decido-me por fim a aproveitá-los para reparar a falta sem nome que, com as minhas delongas em agradecer e responder à bela carta por mim recebida ao princípio do mês passado (e lida no nosso “recreio” entre os Padres como vinda de alguém que é já íntimo e de família), falta, pois sem nome que cometi. E tanto mais absurda quanto eu próprio tinha já escrito para Coimbra a perguntar ao Sr. Prof. Providência a direcção do Sr. Dr. Morujão. E ele enviara-me esperando eu só dia e hora para escrever. Mas, pequei pela boa vontade, aquela mesma que tem o inferno cheio, no dizer do nosso povo: queria esperar uma ocasião mais calma, para escrever com paz, como a amigo, contando tudo o possível. Por isso passou o tempo, e por isso estou agora a escrever à pressa. E assim tagarelado estes momentos sobre o meu silêncio, já o Sr. Dr. Morujão vê que ele tem verdadeira “penitência”: é confessado, é arrependido e é eficaz no propósito, porque remedeia o mal (estamos na Quaresma, e tanto a gente se habitua a repetir isto agora aos que vêm pelo menos uma vez no ano...às vezes melhores que os outros!...).

Pela carta folguei muito. Gostei do juízo sobre o ambiente estudantil alemão comparado com o nosso. O meu era esse mesmo. Também pensava idênticamente sobre o nível de estudos filosóficos em Colónia. Coincide com o que ouvi dizer por aí mesmo. Colónia perdeu a tradição antiga²⁰ e domina agora mais nas Ciências Económicas e nas Jurídicas. Mas é verdade, mesmo assim, que aí se dispõe de um conjunto de elementos sempre muito difícil de obter entre nós, E Colónia mesmo liga-nos de perto com as Universidades e centros culturais de toda a Renânia²¹. A propósito: – Não sei se falaram ao Sr. Dr. Morujão em Walberberg, a meio caminho entre Colónia e Bonn, pela linha do interior, (que tem a partida aí de ao pé do Sud-Bahnhof)! Em Walberberg têm os dominicanos um dos seus melhores centros europeus²²; lá editam a magnífica *Deutsche Thomas-Ausgabe*; dispõem de rica biblioteca antiga; editam outras Revistas e obras. O P. Bernward Dietsche não se lembrará de mim, mas tratou-me com carinho extremo e deu-me dormida no quarto do director da edição alemã de *S. Tomás*. Vale a pena uma visitita e também ao “laboratório” de oratória sagrada, dirigido por um leigo, Schweinsberg, coisa original, – sê-lo-ia no nosso meio, – mas bem concebida. Aí está também um professor o Dr. Hans Andrä²³, autor de obras de muita substância. Já me dizia alguém que ainda daqui a cem anos seria lido. Tenho aqui um livro dele para crítica: *Vom Sinnreich des Lebens*. É denso e difícil.

A 35 km, de Bonn está a famosa abadia de Maria-Lach²⁴: situação muito bela, construção românica, escola particularmente dominante na Alemanha, grande biblioteca. Os jesuítas já lá viveram e aí principiaram o *Stimmen der Zeit*, por isso “*Stimmen aus Maria-Lach*”.

O Prof. Koch²⁵, agora jubilado talvez, fundou aí mesmo, num dos edifícios da Meister Ekkehardt-Straße (esse bloco onde estão diversos institutos da Universidade) o seu institutozito medieval: Thomas-Institut an der Universität Koeln. Um aluno americano²⁶ teve a ideia de lhe oferecer 100.000 marcos. Aí encontra a Revista Portuguesa de Filosofia. Pedia a bondade de fazer-lhe uma visita e travar relações com ele, com o Dr. Kluxen (o antigo assistente Lakebrink²⁷ já agora ensina em Colónia) e os seus iniciados. Joseph Koch pertence ainda à boa escola de medievalistas como Pelster²⁸, Grabmann²⁹, etc.

Em Colónia, ainda ensina, e é um dos elementos preponderantes da Faculdade de Direito, o Prof. Peters, Presidente da Goerres-Gesellschaft³⁰. Ficará contentíssimo de conhecê-lo. Já estive em Coimbra. Acaba de escrever-me e é um grande amigo de Portugal. Teria muito gosto em que o visitasse e se me permitir apresento-o. – A residência da Companhia em Colónia é aí perto: Stolzestrasse, la (Südbahnhof) e em Bonn em Lennéstrasse.5 (perto da Studentenhaus). Aqui estão 2 Padres que falam português e amigos: Lutterbeck e Schweitzer. – E são 10 e 3/4 da noite.

Um abraço e B.F. – Saudades do Reitor³¹, Fragata e todos. Um abraço do seu muito ded.º que pede perdão e sempre o abençoa

José Bacelar e Oliveira

Carta V

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

3 de Maio de 1956

Senhor Dr. Morujão, querido amigo

Recebi pelo mesmo correio, as duas cartas, tão bem casadas, de 21 de Abril – a 1.^a e a 2.^a!

Aqui como em Caná – creio que não é irreverência ao texto, porque o mistério de então já era o início do Sacramento de hoje –, o melhor vinho ficou para o fim. Vinho de núpcias³² que me deu de longe muita alegria. Já não é momento para com ele fazer um brinde, mas para dar um grande abraço. Abraço amigo e íntimo, a estuar de parabéns. E nos meus vão os dos Padres desta Casa, contentes como eu, pois notícias de Colónia são notícias para todos. Oxalá venham sempre e tão finamente vivas de um cunho pessoal e cheio de alma.

Estou convencido de que nos faz muita falta por cá, o contacto com a terra germânica, mas sobretudo com a Renânia³³. Há aí uma fusão de qualquer coisa de latino e alemão. A crmandade virgiliana de que nos fala T. Haecker³⁴ no seu, para mim delicioso, *Vergil, Vater des Abendlandes*, parece ter incarnado aí como no seu lar. E, não encontraremos nós ainda esse velhíssimo e saudosíssimo atavismo suevo (dos Suevos destas nossas terras de há 1.300 anos³⁵) no fundo da nossa alma interamnense³⁶? Como quer que seja, na cultura humana e na de Deus, temos de regressar aí para muitas coisas. Enriquecemo-nos com mais densidade e disciplina. E a eles só lhes fará bem conhecerem-nos um pouco mais de perto, no sério que também podemos ser. Se nós pudéssemos contribuir para que estudantes, e mesmo jovens professores, leigos e eclesiásticos, previamente bem estruturados de uma personalidade cívica e

ortodoxia para poderem suportar o embate e diversidade dos climas de espírito sem perder a identidade de alma, – se pudéssemos fazer com que aí fossem em maior número, permanecessem algum tempo e voltassem mantendo a unidade³⁷ e atraindo para aqui homens e obras, teríamos provocado um passo muito grande e talvez mesmo decisivo, para aquilo porque suspiramos e que esperamos para o futuro, (para o futuro, não eternamente longínquo, sonhador e deferido, mas...) dos nossos dias. E teríamos contrabalançado tanta França, tanto de “Belgique” e de “Inglaterra”³⁸!

Se na cultura civil isto é preciso, muito mais na eclesiástica. E distingo porque, por triste sina, continuamos sem fazer a síntese das duas. Escreva o Sr. Dr. Morujão daí para Coimbra, para Portugal, para Lisboa sobretudo, o que se faz no domínio da Teologia (católica e protestante, mas sobretudo da Católica na terra de maioria protestante) nas universidades germânicas! A ver se por fim rompe Coimbra com a sua Faculdade de Teologia!³⁹

Sr. Dr. Morujão (que por mim faríamos desde hoje um contrato! Cortaríamos o *Senhor* do nosso trato mútuo, alias incómodo e desnecessário: Dr. Morujão, se dá licença! Padre Bacelar que já fica dada e agradecida!) Escreva, conte e fale por aí com os homens que possam ficar amigos. Cumprimentos aos Prof. Peters⁴⁰ e Koch (talvez entendam melhor por Bacelar Olivêira – com um é muito aberto!), aos Drs. Lakebrink e Kluxen⁴¹ (no Thomas Institut).

Não deixe de conhecer Bonn e aí também na Residência dos Jesuítas (Lennestrasse, perto da “hause”). Com os Padres Lutterbeck e Schweitzer, se vier a propósito, diga uma palavra de indicação desta casa quando se tratar de assembleias científicas que queiram convidar instituições portuguesas, e da Revista.

E reze uma Oraçãozita por minha santa mãe que tem estado muito mal (em perigo mesmo) devido ao coração: mãe de 8 filhos, com 62 anos. Ao pé dela li a sua inolvidável carta de núpcias que os futuros historiadores de Coimbra poderão vir buscar ao meu espólio, pois será conservada.

Seu do Coração

Com cumprimentos de todos
José do Patrocínio Bacelar e Oliveira

Carta VI

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

21 de Maio de 1956

Excelente Amigo, Sr. Dr. Morujão

Por fim parece que também a mim me dão uma bolsa para a Alemanha. Não é a Humboldt⁴², a que desisti de concorrer outra vez, para não perder tudo, embora esta seja muito melhor. Dá mais de trinta contos e a que me deram fica por uns 18. Mas já não é mau, ainda que não tenha muito pano para mangas.

Do Instituto⁴³ tinham-me dito que era para Bonn, e dada pela Universidade. De Bonn a DAAD⁴⁴ comunica-me que é para uma Universidade à escolha.

Queria, portanto, escolher. E tratando-se de escolher já é caso para pensar e tomar conselho.

O que é que me aconselharia o Sr. Dr. Morujão, o que ouve dizer por aí, sobre condições de estudos filosóficos?

A mim o que mais me interessa é Metafísica, Crítica do Conhecimento e Antropologia Filosófica⁴⁵.

Bonn, München, Freiburg/Breisgau com Max Müller e Heidegger?

Mas nesta última não temos casa e ainda onde a temos a hospedagem não é nada barata. A como ficará normalmente para estudantes sem luxo, nas residências de estudantes ou “convictórios”⁴⁶? O preço deve ser mais ou menos igual! Perdoe-me que o distraia um momento dos seus estudos. Talvez não possa escolher o melhor, mas é útil ouvir. O pior é que me pedem uma *Erklärung*⁴⁷ urgente sobre as minhas preferências.

Já lhe agradecei o *Vorlesungsverzeichnis*⁴⁸?

Muito obrigado.

Queira Deus que tudo lhe corra às mil maravilhas.

Conhece o Dr. Gustavo Fraga⁴⁹, leitor de Bonn? Não desgostaria de entabular relações com ele, *data oportunitate*.

Aqui os bracarenses deliram, mas é a sonhar no grande regabofe das festas e inaugurações que o “28”⁵⁰ vai trazer e o mundo culto, sobretudo com a grande profunda “cultura” da “alta costura” para o baile de gala, em honra do Sr. Presidente da República. Para isto sim que nasceram muitos com vocação...

Um abraço do
muito dedicado

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira

P.S. Afinal ia-me esquecendo de uma das perguntas mais práticas: – que género de curso devem fazer os bolseiros desta classe? Inscrição e curso legal, exercícios por escrito, exames? Ou podem escolher-se livremente e sem provas obrigatórias? Que categorias de inscrição são possíveis? – Desculpe-me o Dr. Morujão que eu o sacrifique com estas questões, para mim de grande e urgente importância!

O Irmão Ribeiro escreverá⁵¹. Agradece e saúda. Saudades de todos. De 1 a 5 estaremos, mas 5 ou 6 em Coimbra.

Carta VII

(De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

6 de Julho de 1956

Sr. Dr. Morujão e meu
Bom Amigo

Desculpe Senhor Dr. que tão tarde acuse e agradeça a recepção de sua prezadíssima carta de 24 de Abril, tão cheia de notícias e “lembranças” – tão amiga, numa palavra!

Por falta, um pouquinho, de disposição e principalmente por falta absoluta de tempo não escrevi, como devera, ao Senhor Dr. Em todo o caso, por mais de uma vez propus escrever, mas...

Confundi-me deveras a sua bondade e amizade, Snr. Dr., tão magnificamente expressas nas preciosas lembranças que me enviou e que deliciaram a vista dos RR. Padres (porque as expus na mesa da Biblioteca!) e minha.

A Catedral de Colónia, a “Höher Dom”, aqui está na minha frente – no “meu gabinete”, como “pomposamente” quer o Senhor Dr.

Lindo de encantar – e de causar devaneios! – o “Panorama em Relevo” do curso do Reno. Está aqui dependurado ao meu lado e como me daria gosto (que digo eu!) subir por esse rio acima... naquele barquinho que por ele vai descendo e, em vez desta carta insonsa, dar aí um saltinho e pagar-lhe tanta bondade com um abraço bem grato! Creia que, em espírito, o faço todas as vezes que olho aqui para o “Panorama...”. Creia também que não o tenho esquecido nas minhas orações.

Graças a Deus que se acabaram, pelo menos por agora, as festas de Braga. Só tive pena que tivessem durado tanto tempo. O Pe. Bacelar ter-lhe-á dito o que se passou por aqui, com a visita do Presidente, no 28 de Maio...

e depois... depois o S. João e o Congresso Folclórico e “Etnórico”... Uma autêntica... não sei o quê.

Para nós, um mês inteirinho de trabalho a valer – Revista e suplemento.

Os seus fascículos, Senhor Dr., seguiram como de costume para casa de seus Pais; mas por este mesmo correio envio-lhe um número do suplemento em que vem uma “apreciação” da sua Tese, pelo Pe. Fragata.

Na imprensa, temos agora pronta para sair a tese do Dr. Alves de Campos⁵², que nos fora oferecida para publicar na Revista; mas por nos parecer demasiado grande para artigo, propôs-se-lhe a publicação em volume na colecção, e ele aceitou...

Também já na imprensa o novo livro do Pe. Diamantino – *O Problema de Deus* – a sair pelo fim do ano⁵³.

Tenho aqui, para lhe oferecer, com uma dedicatória do Pe. Abranches, a *Metafísica*, mas já agora fica para quando voltar, está bem?

Tenho andado bastante cansado e nervoso – e por isso hoje mesmo, dia 6, parto para Cernache (Coimbra) onde meu tio é Reitor, a fim de descansar uns dias.

E o Senhor Dr. como tem passado? Continuado bem? E aproveitado muito?

O Pe. Bacelar já lhe disse que também voltará a “pisar” com uma “bolsinha” de estudos esse “seu” querido solo alemão? É verdade – não clara [?] Entretanto, vai aproveitando todos os minutos – e o R. Pe. Reitor libertou-o de bastante trabalho a fim de que ele, antes de partir, deixe pronto para a imprensa o seu “claríssimo...” *O Homem Ser de Confins*. Queira Deus que o pudéssemos ter prontinho a “andar” quando ele regressasse da Alemanha.

O do Pe. Fraga! Vamos a ver!

Entretanto, o Pão nosso de cada dia.

Mais nada Senhor Dr., por hoje.

Muitas felicidades.

Correspondência

Desculpe esta letra à mão. É já tarde – 11h30 da noite; e está um calorinho de regalar!

Muitos cumprimentos dos RR. Padres Abranches e Diamantino e do Rev. Pe. Reitor que há momentos acabou de sair daqui do “meu escritório”!

Um grande abraço do que é
seu mto. amigo e sempre ao dispor,

Ir. Félix Augusto Ribeiro

Carta VIII

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

2 de Agosto de 1956

Caro Dr. Morujão

Todos os dias remorsos e todos os dias faltas: eis a sina corrente com que se encontra o Padre director de almas, e com que encontra o amigo que não leva ainda tudo em ordem e as contas em dia. Muita canseira aliás tenho tido desde aquele 28 de Maio, em que me escreveu a carta que agora agradeço, com indicações preciosas para mim. Sim, nesse dia os bracarenses não andaram com a cabeça no ar, mas agachada e muito murcha. Choveu-lhes a potes em toda a romaria, para mais com vento e frio. O povo diz que foi castigo: constava que para os pobres não aparecerem os levaram de Braga para Vila Verde, a gozar uns dias desterrados... *Si vera est fama...*

Mas vindo ao ponto, de fugida...

Optei por Friburgo⁵⁴. Não temos casa de jesuítas, mas já consegui uma hospedagem por 150 DM⁵⁵ ao mês.

Consegui poder começar a trabalhar aí por princípios de Setembro, sob a direcção de Max Müller ou dos seus assistentes, pois está ausente, mas já me escreveu. O Prof. Peters⁵⁶, daí, apresentou-me. (A propósito, já conhece Peters? Até para Coimbra é interessante⁵⁷).

Correspondência

Agora surge-me o pior. Uma complicaçãozita intestinal séria denunciada por radiografia: qualquer coisa como úlcera no duodeno. Uma dificuldade, portanto, para a vida bruta corrente do estudante nesses meios. Bruta: no sentido de compacta e sujeita a tudo. Deus me ajudará a resolvê-la.

Obrigadíssimo pelo livro⁵⁸. Saudades de todos.

Um abraço do

Amigo sempre ao dispor

José do P. Bacelar e Oliveira

Carta IX

(De Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão)

BRAGA

25 de Outubro de 1956

Exm.º Senhor
Dr. Alexandre Morujão
Coimbra

Meu bom Amigo

Muito obrigado pela sua carta de 23 do corrente, que acabo de receber. Quanto a “silêncio”, desculpe o meu bom Amigo o termo que vou empregar – é futebolístico! – “empatados...”, porque não sabia a sua nova morada. Agora já a sei e tomei a devida nota para o envio da Revista.

O Padre Bacelar lá se encontra em Friburgo⁵⁹ e, pelo que ele diz (além do que já dizia!), não me admira que o Senhor Dr. tenha saudades da Alemanha!

Por cá, quanto a trabalho, vai-se fazendo o que se pode e... um pouquinho mais do que se pode! Já está também prontinho a partir o novo livro do Rev. P. Diamantino Martins. Naturalmente, e como já traz a data de 57, só será posto à venda aí por meados de Dezembro. Entretanto “isto” não parou! Está agora o Rev. P. Reitor interessado em, por todo o começo do ano que vem, publicar mais um dele – de ética. Por estes dias vou mandar-lhe um exemplar do *Problema de Deus* do Padre Diamantino.⁶⁰

Sem fugir ao “regulamento” da nossa Biblioteca – as excepções confirmam a regra (se confirmam!) – envio ao meu Bom Amigo, por este mesmo correio de hoje, os dois volumes de *Las Ciencias*⁶¹. O Rev. P. Reitor acedeu prontamente e com muitíssimo gosto ao pedido do Senhor Dr., e eu encantado por isso. Disponha deles o tempo que precisar.

Correspondência

Apresentei aos RR. Padres Reitor, Abranches e Diamantino os cumprimentos e saudações que o Senhor Dr. Ihes enviou e eles pedem para retribuir e agradecer.

Aos meus cumprimentos junto um abraço de muita amizade e peço continue a dispor

do Ir. Félix Augusto Ribeiro, S.J.

Carta X

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

BRAGA

27 de Março de 1957

Querido Amigo Dr. Morujão

Ainda no domingo de manhã deliberava eu em Lisboa sobre se havia de tirar o bilhete até Coimbra para me demorar aí umas horas e fazer-lhe uma visita e outra ao Sr. Doutor Providência e Costa⁶². Com este deparei afinal quando ia a sair do eléctrico na Arcada. Entrara no rápido onde eu vinha também... Em Coimbra não parei porque já de véspera me encontrava em Lisboa adoentado para não dizer até que já para lá assim fui. Por isso vim em viagem directa.

De resto, a visita seria só para retribuir-lhe a que no ano passado aqui nos fez, logo após a chegada e pouco antes da minha partida. Não poderia dizer-lhe muito de novo nem coisas extraordinárias. Mas falaríamos daquele “mundo...” onde, pelo menos para si, cada um sempre pode adquirir um certo número de experiências novas e ganhar contacto directo com esferas distintas das nossas costumadas. Quando nos encontrarmos falaremos disso um pouco mais detidamente. Eu por mim apenas tive intenção de ver se vislumbrava um pouco aquele horizonte onde os sistemas ou nomes de Friburgo se sucederam e se enriquecia o meu campo de problemas. Mais do que informar-me sobre as doutrinas, históricas ou existentes, foi talvez isto mais o que busquei: – para as questões metafísicas que me punha e vou elaborando, conforme posso, encontrar certas fontes de âmbito, de inspiração, de impulso. Pensar, se possível, talvez mais do que receber, ainda que as duas coisas, por outra parte, [sejam] necessárias... E matéria de pensamento, mesmo num mundo cheio de filosofia nem todos a dão.

Friburgo oferece algo de útil no já consagrado pela História e também nos presentes. Enunciar quase extrinsecamente, em simples informação, como que em quadro geral onde depois se possam inserir as determinações precisas, foi o carácter que dei à conferência que em nome do Doutor Vitorino Nemésio⁶³ me foi pedida para Lisboa. Grandes coisas não havia nela (– na parte doutrinária quase não pude entrar, e seria temeridade tentá-lo, num quadro de conjunto) – e o esquema útil era o que apresentava o *Diário de Notícias* no sábado. Friburgo não designa uma “escola”, nem uma “corrente”. Mas tem algo de mais valioso talvez porque mais autónomo e sintomático: os movimentos filosóficos característicos do século xx foram aí representados, em série ininterrupta, por elementos dos máximos: ao neokantiano Rickert⁶⁴, sucedeu-se Husserl e este deu o lugar a Heidegger. O trio de contemporâneos Max Müller⁶⁵, Fink⁶⁶ e Welte⁶⁷ reveste também o seu interesse e vive no clima criado pela Fenomenologia e pelo Existencialismo comunicando bastante com os temas da Metafísica Clássica, seja grega, seja medieval.

A Universidade de Friburgo vai comemorar os seus 500 anos com celebrações de 24 a 29 de Junho. Lá figuram uma *Blaesermusik*⁶⁸, umas *Ansprachen des Bundespräsidenten*⁶⁹, *des Ministerpräsidenten*⁷⁰, etc. No programa figura uma conferência de M. Heidegger sobre “Der Satz der Identität”⁷¹, donde eu concluo que todo o seu anunciado curso prometido para o primeiro e esperado para o segundo semestre, a isso se vai reduzir. Depois “Besichtigungen, Symposien, Vorträge, Gespräche”⁷², lá como cá...

Não sei se na carta que escrevi de Friburgo falava já na minha participação em algumas das sessões finais da “Arbeitsgemeinschaft”⁷³ de Heidegger com Fink e M. Müller, para uma série reduzida de eleitos, de comentários à *Lógica* de Hegel⁷⁴. Foi o último que me abriu a porta para isso – que não entrava nos meus planos, – e me obteve também uma entrevista em que conversei uns 40 minutos com Heidegger (Vi que em Lx. todos diziam *Heidégger*, mas não sei por que razão pois é inteiramente contra o uso friburgense que conhece de perto, neste ponto, a pronúncia autêntica...) Foi amável e simples. Proporcionava-me, então, a facilidade de entrar, na semana final, na assembleia que em Breitnau, no meio da Floresta, faziam para encerrar os trabalhos do ano. Disso me ficou muita pena, mas tinha necessariamente de afastar-me para dar princípio aqui ao meu curso. Dizem-me que de interesse foram os encerramentos

dos Seminários de Welte e de Max Müller, o primeiro sobre a Prova da Existência de Deus em Kant e o segundo sobre a Diferença Ontológica, mar sem fundo... Faziam-se também em caravana pela Floresta para um fecho melhor do “sympósio”. Esta nota é em geral simpática e apreciada. Como perdi os últimos dias, perdi também este final.

De saúde não passei mal por lá. Aqui é que me tenho sentido um pouco mais prostrado e não sei ainda bem a que atribuí-lo. De resto a dieta e a austeridade do regime alemão fizeram perder sete quilos à minha pesada “gordura”... Saí neste ponto mais filósofo portanto, isto é mais na espinha... Mas tenho podido trabalhar bastante, graças a Deus.

Penso voltar em Maio. Bem precisaria de apanhar um pouco mais ao IAC⁷⁵ que me deu apenas 2.500 [escudos] para as viagens, mas dizem lá que isso não é possível, e eu não insisto... porque não quero aborrecê-los nem cansar-me com isso.

E por hoje só acrescento os meus votos de felicidades para o Dr. Morujão, Senhora e para mais Alguém se já houver Sujeito que Deus abençoe.

Um grande abraço e o pedido de cumprimentos ao Sr. Doutor Miranda Barbosa⁷⁶ e outros amigos. Servo e Amigo

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira

Carta XI

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA
BRAGA
18-IX-57

Senhor Dr. Morujão

Muito agradeço a separata do artigo “O ‘Fenómeno Puro’”⁷⁷ que encontrei ao chegar a Braga e que já tive ocasião de ler pausadamente. Acho-o uma síntese maravilhosa sobre o esforço husserliano até ao “fenómeno puro”. É um artigo que ultrapassa os limites da vulgarização e por isso supõe já certa iniciação. Mas é destes assuntos de investigação pessoal que nós temos falta no nosso meio. Por isso, foi com prazer que o li. Seria talvez agradável, mas estou de tal modo ocupado que por agora não me resta tempo a fim de poder conversar por escrito sobre alguns pontos que mais me chamaram a atenção. Um dos meus atuais trabalhos tem sido a remodelação da tese sobre Husserl⁷⁸; mas vai tão devagar devido a tantos imprevistos que, quando chegar ao fim já precisará de nova actualização. Mas é assim que Deus dispõe as coisas na sua Providência.

Mais uma vez obrigado e creia-me sempre inteiramente ao seu dispor.

Com os mais cordiais cumprimentos,

P.º Júlio Fragata, S.J.

Carta XII

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

13 de Fevereiro de 1959

Meu bom Amigo, Sr. Dr. Morujão

Peço perdão por 15 dias de demora em agradecer a carta de 29 de Janeiro. Que ela verdadeiramente me alegrou, é certo. E também me deixou pena. Recebi-a ao chegar de Coimbra...

Nessa mesma manhã tinha estado na Universidade, embora muito de passagem. Não quis procurá-lo. Tinha pouco tempo, mesmo escasso. Mas sobretudo temia ser importuno. Sabia que a filosófica “perrice” tinha cessado e que o Porto se absterá de fazer política pro-Faculdade com o Colóquio (é certo que a ideia originária deste vem de muito antes, muito mais pura e primitiva!). Ainda assim não queria ser eu o primeiro a falar disso, pois poderia ser insistência excessiva. E gosto sempre de colaborar ou trabalhar para a cooperação entre todos, mas nunca de causar dificuldades. Agradeço-lhe muitíssimo a sua gentileza que muito apreciei. Nessa mesma manhã o Sr. Doutor Miranda Barbosa⁷⁹ se adiantara também ao contar-me a resolução de virem e trocamos algumas impressões sobre a orientação de determinados pontos do programa. Creio que o sentido eficiente em que a execução deve ser orientada se vai definindo. Não será coisa rutilante, mas não deve sair mal. E para igualar, *servatis servandis*, o plano a nível do XII Congresso Internacional de Filosofia⁸⁰, não deve ser preciso coisa do outro mundo. O que se apresenta desde já perante nós parece garantir um certo resultado, como colóquio⁸¹, não como congresso. Que isto até já vai mais solene do que ao princípio se tinha pensado...

Correspondência

Parece-me que o caminho mais útil será o de orientarmos as coisas para um esforço de certa “síntese” ideológica: entre os diversos grupos e entre a filosofia e os restantes ramos das Ciências do Espírito. Conhece a organização e intenção do *Studium Generale* nas Universidades Alemãs? A intenção do mesmo, encarada do ponto de vista da Filosofia, poderá oferecer modalidade para rumo dos debates de um simpósio português.

Mas afinal, este problema, o de conseguir mais concentração, evitando de antemão os perigos possíveis e prováveis, a par de outros pontos práticos, espero que os poderemos examinar amanhã brevemente em Coimbra. Teremos outra reunião, sob a presidência do Sr. Reitor como Presidente da Sociedade Internacional Francisco Suárez⁸², para os projectos de Évora. Telefonarei a ver se combinamos um rápido encontro. Terei nele imenso prazer.

Gostei que gostasse de Welte. Julgo que é dos que mais o merece.

Entretanto, com um grande abraço
amigo e companheiro, sempre ao dispor

José Bacelar e Oliveira

Carta XIII

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

16-XII-59

Senhor Dr. Morujão

Quero em primeiro lugar dar-lhe os parabéns pela tradução e publicação do livro de Stegmüller⁸³. Não só é uma obra útil, mas também ficou bem e praticamente apresentada. Nas férias do natal espero ter que a consultar com mais vagar. Muito obrigado pelo exemplar enviado. Entretanto vou esperando com ansiedade a obra sobre Husserl⁸⁴.

De todo o coração lhe desejo um Natal muito alegre e peço a Deus que se digne conceder-lhe todas as bênçãos para o novo ano.

Com muitos cumprimentos

Amigo muito dedicado

Júlio Fragata, S.J.

Carta XIV

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA
BRAGA

Meu bom Amigo, Sr. Dr. Morujão

A Paz de Cristo, Nosso Senhor, nos conforte neste sofredor Natal. São festas realmente com mirra no próprio oiro. Tal qual como no mistério da Epifania se significa. E é precisamente este que nos cativa tremendamente as almas com amor, saudade, evocação, história, com nos separarmos daquilo que tínhamos por carne e sangue. Epifania, porque afinal foi de revelar Cristo aos povos do Oriente que veio a Goa⁸⁵ este carácter mais eterno e de missão mais universal, um pouco de cidade santa. Meu Deus, como tudo isto punge. Parece-me que a morte de minha Mãe, que tanto me fez chorar, e de meu Pai, não excederam em poder de sofrimento espiritual o que sem lágrimas nestes dias tenho e todos temos vivido. Deus fez-nos assim, nacionalmente, graças lhe sejam dadas por esta natureza que nos salva. É uma verificação magnífica esta de um povo inteiro que em hora como esta reza, em comum, publicamente, e não desanima, porque sabe que o mistério dos desígnios de Deus se cumprirá mais eficazmente assim e que sabe que ganha com isso em região de história que ninguém pode vencer. Daí nos vem também o que verifico: – nem desespero, nem desalento, nem inércia de alma, mas serena coragem, verdadeira fortaleza, no natural e no espiritual. Neste sentido poderemos de facto desejar feliz Natal. A felicidade não exclui o que Cristo sofreu também. É herança.

E perdão, de por aí ter falado. Porém fala o coração da abundância da alma, que decerto ninguém que seja português pensa noutra coisa. De resto, o meu fim é agradecer o livro⁸⁶, o “conceito” que o Paulinho viu ou sentiu germinar com tanto suor para dar o “Mundo” do Pai. Agradeço-o e à dedicatória e à carta tão amável, e tudo por ser tão espontâneo e imerecido. E felicito, com os parabéns alegres de amigo. Não tive ainda tempo de lê-lo. Mas a alta classificação diz-me o que vale. Depois pelo acto de doutoramento. Decerto recebeu nesse próprio dia uma breve palavra de parabéns, antecedentes, no Santo Inácio. Depois ainda o não fizera de novo, porque também poderia parecer candidatar-me a uma oferta que desejava poupar. Mas veio assim mesmo. Obrigado por tão extrema gentileza e, resumindo, renovadíssimos parabéns. A glória redundante (e as felicitações portanto também) bem merecidamente na *Uxor dilectissima* e no esplêndido Paulo (cujos conceitos decerto não implicam tantos problemas, excepto para a ordem doméstica e a biblioteca paterna...).

Com um abraço de Natal
deste Natal de Goa em 1961
e as minhas orações

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, S.J.

Carta XV

(De José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão)

BRAGA

28 de Maio de 1961

Meu querido Amigo, Sr. Dr. Morujão

Hoje termina o tempo pascal, ou antes, acabou ontem, último dia da oitava do Espírito Santo. O cumprimento do Preceito (ou, como diz cá o nosso povo do Minho, “a desobriga”) costumam os Prelados (ao menos alguns) facultá-lo até à Santíssima Trindade em cujo dia estamos. Será que eu tenha decidido ampliar o privilégio às Boas Festas? Às do Sr. Dr. Morujão, afinal, porque as restantes cumpri-as? Tanto mais que as de tão bom Amigo vinham repassadas de esperança de Ressurreição igual à minha... Poucas vezes, como nestas horas, sentimos tanto a verdade do que tem o Credo: *Et resurrexit a mortuis... Credo resurrectionem mortuorum ... Et vitam aeternam...*⁸⁷

O tempo pascal deixa-nos altos, na Santíssima Trindade. Há uma passagem magnífica, entre as muitas de que é composto – encadeando o drama da nossa vida com todo o curso do Velho e Novo Testamento, nas suas figuras gigantescas – cheio de Oração, Liturgia e profundo afecto, no chamado ofício de “agonia”, feito para a hora que é realmente de combate: – a da partida. O Sr. Dr. bem sabe, porque ouviu e leu também, como os filósofos germânicos hoje lidam com “Tod” e “Sterben”⁸⁸. Não há dúvida que é uma vivência rica. Mais o deve ser para quem nela está. Mas nada deve igualar a essa hora a força e verdade desta confissão de misericórdia⁸⁹ que os amigos e parentes, à roda dos Seus, fazem então à Santíssima Trindade: “Licet enim peccaverit, tamen Patrem, et Filium, et Spiritum non negavit, sed credit; et zelum Dei in se habuit, et Deum qui fecit omnia, fideliter adoravit”: “Embora tenha sido pecador, todavia não negou o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas

teve Fé; e teve em si o zelo de Deus e adorou como fiel a Deus que tudo criou...”

Que a Santíssima Trindade nos conduza assim a todos e ambos, até ao fim, na senda dos nossos Pais... Do Céu nos assistem. No momento sofremos. Agora devemos alegrar-nos espiritual e humanamente. Entendemos melhor a Vida, este seu trilho. Se a Filosofia nos ajudar com um pouco mais de Luz...

Mas afinal, que coisa me fez demorar tanto em escrever? Esquecimento? Não, a carta estava diante e era como um agulhão a pungir-me a consciência. Então? Parece-me que é o perigo principal, quando se quer corresponder mais longamente e à-vontade a uma carta de amigo. Então os dias safam-se-nos de nossas mãos antes de as metermos à obra. Assim foi comigo... Perdão! Agora espero ter de escrever-lhe em breve, com os meus parabéns por um doutoramento brilhante⁹⁰. Como vai o trabalho? Já prestes ao ómega da obra? Imagino as canseiras de que deve andar repleto. E a fadiga? Pobre Paulito⁹¹, que justamente reclamaria para si um pouco mais de mimo ou leis do Papá. Que duas fenomenologias tão estranhamente raras: a dele e a do seu rival Edmundo⁹² (judeu!). Se o Paulo soubesse a causa de tanto mata-cabeça do Papá... E que o Edmundo também lhe batalha pela cátedra que vai ter...

De cá só lhe posso mandar, agora ao Pai, dois termos de presença: – o primeiro por Oração (não o esqueço, sobretudo daqui até ao fim, que deve ser em breve); o segundo por Solidariedade. A obra de Coimbra é necessário que se confirme cada vez mais. Aquele episódio do debate⁹³ entre as “duas” Universidades no ano passado, deve ter sido apenas símbolo de hegemonias. Cada qual terá a sua. Mas Coimbra não pode abdicar de ser, em verdade, por tradição e obra, cabeça que pensa para Portugal (ou até talvez mais ecumenicamente do que isso...). Além da força que as diversas faculdades irão sempre desenvolvendo, para mim sinto ainda com Coimbra noutra ponta: a Teologia. Sobretudo agora que o Porto ganha a Faculdade de Letras, que Lisboa procura estender o seu influxo mesmo ao Ultramar, e tem realmente, pela posição e centralização hodierna nas capitais, certas possibilidades de dilatação, se Coimbra ganhasse de novo a Teologia, teria muito a alargar os horizontes da sua irradiação científica. Não é só o Clero – o que já não significa pouco, pelo que forma e pelas influências que cria, em torno a qualquer *Alma Mater*, para qualquer ponto do País (certas crises ultramarinas se teriam evitado ou teriam estado sujeitas a outra conduta, se o campo da Ciência em Portugal estivesse também provido, como na Alemanha, em ramos teológicos);

mas é o dinamismo de tensão científica criado perante o Humanismo, a Filosofia e o Direito, pelas Faculdades, ou antes pelos Estudos Teológicos⁹⁴. Quando chegará a época de se romperem de novo as divisões que desde há um século se estabeleceram rígidas entre Estudos públicos de um lado e “seminários” eclesiásticos da outra parte! Se a comunidade de nação e de ciência é a mesma e transcende os restantes limites...

Daqui alegamo-nos com a sua Faculdade ter dado o novo Ministro de Educação⁹⁵ e a Universidade ter agora recebido novo Reitor⁹⁶.

Nós, sempre a lidar na mesma casa velha, mas com igual ânimo. O trabalho é o de sempre. Tempo para descanso, pouco. As responsabilidades que nos pedem são sempre mais e, mesmo com a casa ser quase só para nós e para uns 10 de fora, já não chegamos para grande parte do necessário.

Eu vou prosseguindo silenciosamente a meditação dos meus temas de maior gosto: – metafísica do Ser e do Conhecimento. Se mais tarde, na idade do Eugen Fink⁹⁷, me decidirei também a uma trilogia⁹⁸ que tenho diante do espírito continuamente, não sei ainda! Eu gostaria que o Dr. Morujão fosse das pessoas que ficam contentes com o que fazem e ainda o admiram. Parece-me que, ao menos subjectivamente, são bastante felizes... Se isso não fizer perder o sentido crítico, nem tem grande mal. Se não formos assim, ao menos, num momento, teremos de decidir-nos por “capelas imperfeitas”⁹⁹... Não deixam também de ter a sua grandeza... Por isso, peço-lhe, não deixe de ter alento, agora sobretudo que a grande lide lhe está à porta...

Tenho encontrado um mundo desconhecido numa obra de S. Tomás¹⁰⁰ que creio poucos têm lido: – o seu rico, embora difícil comentário, aos já de si difíceis Analíticos Segundos de Aristóteles. Sobretudo a riqueza do tratado dos Princípios e da Ciência. Devo a uma leitura dos Conimbricenses¹⁰¹, no ano passado, quando preparei, por ordem do P. Lúcio¹⁰², “Filosofia Escolástica e Curso Conimbricense”¹⁰³ (um mês de noites em pleno inverno! Parece-me que muito se fala, mas pouco há quem tenha lido a oito com afeição estes Autores que a meu ver, têm pontos verdadeiramente fecundos, dentro do seu simples plano de fazer obra para os Estudos Gerais e não de criar filosofia nova), devo-lhe, dizia, o ter prestado atenção a algumas questões realmente sérias e ásperas. De uma coisa me convenço: – de que se perdeu muito em exercício vivo, desde então (hoje vai-se recuperando), com o desenvolvimento excessivo da Prelecção ou “Vorlesung”. O debate era neles inerente à própria concepção exploradora dos temas filosóficos, por via não só oral, mas escrita.

Diálogos pela ciência

Os princípios daquele magistério são, ainda hoje, bem dignos de meditação, não para se retomarem à letra, mas para inspirarem outros tipos de formação que buscamos.

Quem me autorizou, porém, para me “desobrigar” (eu, caloteiro epistolar...) a martirizá-lo com tão longa confissão?

Que Deus e o meu bom Amigo me perdoem.

Grandes bênçãos para o Paulo e os meus cumprimentos para seus Pais.

Com saudades e o memento “pro doctore”¹⁰⁴ (um termo que tem carros de Filosofia, tanto em S. Tomás como nos Conimbricenses...).

Um abraço

do seu sempre dedicado

José do P. Bacelar e Oliveira

Carta XVI

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA
BRAGA
30-X-65

Caro Doutor Morujão

Quanto agradeço a sua instância para ultimar o artigo sobre o “conceito de Ontologia em Husserl”¹⁰⁵. Não tenho feito outra coisa nos tempos vagos. Mas, depois de um ano de interrupção, estou ainda na fase de “tomar contacto”. Dará umas 25 págs dactilografadas. As primeiras 10 espero poder enviar-lhas por toda a semana que vem, ou seja, antes de Sábado. Mas as últimas 10?... Não posso prever nada, por enquanto. Meti-me num assunto muito mais difícil e com maiores implicações do que julgava. Estou com 10 a 11 aulas semanais, distribuídas em Braga e no Porto, além de outros assuntos inevitáveis. Agora mesmo lhe escrevo do Porto, onde me encontro a dar um retiro para Cristo-Rei¹⁰⁶. Com a ida ao Brasil¹⁰⁷ outros assuntos urgentes ficaram atrasados, sobretudo relativos à Encicliopédia Verbo¹⁰⁸. Trabalharei o mais que puder. Mas, na incerteza de poder satisfazer a este compromisso durante o mês de Novembro, não lhe parecerá melhor alterar a ordem alfabética e começar por imprimir outros trabalhos? Constituímos no “Centro”¹⁰⁹ como uma família, e não há perigos de melindres, graças a Deus. Fica pois tudo entregue ao seu critério, mas não deixarei de ir enviando o material, à medida que o for aprontando.

No Rio de Janeiro fui encontrar, já constituída, uma Sociedade Brasileira de Fenomenologia; sairá, possivelmente no próximo n.º da *Revista Portuguesa de Filosofia* qualquer coisa a este respeito, na crónica.

Diálogos pela ciência

Muitos cumprimentos a Senhora D. Teresa e saudações à Menina.
Um abraço do muito dedicado

P.^e Júlio Fragata, S.J.

Cartão anexo

Júlio Moreira Fragata, S.J.

Cumprimenta e envia cerca de metade do artigo; espera, na próxima semana, enviar mais algumas págs.

Pede desculpa do atraso.

Carta XVII

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

19-I-66

Caro Doutor Morujão

Hoje mesmo respondo à sua amável carta. Em primeiro lugar, as minhas felicitações pelo nascimento da Rosarinho¹¹⁰ que virá a ser íntima companheira da Nelinha¹¹¹. Que Deus a proteja sempre e por longos e alegres anos. – Lamento as complicadas burocracias a propósito do nosso Centro¹¹², que já poderia estar a funcionar plenamente há perto de um ano. Mas louvo e agradeço imenso as suas diligências. Agora é que temos de fazer o possível para que tudo vá para diante. Oxalá os seus sacrifícios sejam amplamente compensados. Para mim foi de grande alegria dizer-me que, apesar de tudo, continua a haver esperanças de que o assunto se resolva brevemente. – Já tenho aqui os meus insignificantes livros e algumas separatas para enviar para o Centro. Só não o fiz por se terem, entretanto, intrometido as férias do Natal. Na situação presente, talvez valha a pena esperar que a complicação se resolva; mas se vê interesse em que vão já, seguirão imediatamente. – Há dias estive com o Manuel de Fátima¹¹³ em Soutelo: cada vez melhor e mais contente.

Muitos cumprimentos a Senhora D. Teresa¹¹⁴

Um abraço do amigo muito dedicado
P.º Júlio Fragata, S.J.

Carta XVIII

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

13-III-66

Caro Amigo Doutor Morujão,
P.Xti.

Remetida de Braga, recebi no Porto a sua amável carta e respondo hoje, depois de chegar do meu habitual “fim de semana”. Agradeço muito o convite para me associar à festa de imposição solene das insígnias doutorais¹¹⁵ e é com grande regozijo que aceito. Aí estarei pois, querendo Deus, no próximo dia 20 pelas 15 horas, acompanhando o R. P. Bacelar¹¹⁶. Teremos então também ocasião de conversar sobre os assuntos do nosso “Centro”¹¹⁷. Chegaram os dois primeiros exemplares das *Perspectivas*¹¹⁸. Já tenho um no quarto e espero ler, ainda antes de dia 20, “O problema da História na Fenomenologia de Husserl”¹¹⁹. Muito obrigado e muitos parabéns pelo muito – quase tudo – que a si lhe cabe nesta iniciativa. É natural que seja preciso pagar as 50 separatas que recebi; Domingo falaremos. Até breve, pois.

Muitos cumprimentos a Senhora D. Teresa.

Muito dedicadamente

P.º Júlio Fragata, S.J.

Carta XIX

(De Lúcio Craveiro da Silva para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA

4 de Julho de 1976

Sr. Prof. Doutor Alexandre Fradique Morujão

Venho pedir-lhe um favor e oxalá mo possa prestar. A vida dá muitas voltas e agora acabo de ser convidado para professor da Universidade do Minho (onde já venho regendo este ano a cadeira de História do Pensamento Moderno e Contemporâneo – história das ideias políticas e sociais). Os meus colegas são de parecer que nas presentes circunstâncias eu devo aceitar o convite, mas para isso terei de apresentar o testemunho ou a declaração de quatro professores, nacionais ou estrangeiros, que confirmem que tenho nível universitário de investigação, demonstrado nas minhas actividades e nos meus escritos.

Como o Sr. Doutor me conhece, entendi que me devia dirigir a si, até porque, neste mar de naufrágios que atravessamos, ainda é dos poucos que restam.

Como sabe, os meus campos de trabalho têm sido sobretudo a filosofia social e a história da filosofia em Portugal. Junto envio-lhe uma fotocópia do meu *curriculum*¹²⁰.

Ficar-lhe-ei muito reconhecido se puder enviar-me, o mais brevemente possível, esta declaração dirigida ao Reitor da Universidade do Minho. Tenho necessidade de resolver quanto antes este problema, não só por causa do meu trabalho na Faculdade de Filosofia, mas também porque não sei por quanto tempo estarei ainda na Comissão Instaladora da Universidade do

Diálogos pela ciência

Minho. Quando julgava poder dedicar-me tranquilamente às minhas investigações, vejo-me inopinadamente metido nesta encruzilhada...

Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me sempre com a maior dedicação, apreço e estima

Lúcio Craveiro da Silva

Carta XX

(De Alexandre Fradique Morujão para Lúcio Craveiro da Silva)

Coimbra, 24 de Julho de 1976

Rvmo. Sr. Doutor Lúcio Craveiro da Silva
Meu prezado Amigo

Desculpe de o vir com esta carta distrair dos seus afazeres que, nesta ponta final do ano escolar devem ser muitos e variados. Trata-se do seguinte: estou incumbido pela Fundação Gulbenkian de fazer uma tradução da *Crítica da Razão Pura*¹²¹, tendo em conta as duas edições e ainda algumas modificações introduzidas por Kant nos seus exemplares de uso. Trabalho longo, já iniciado pela viúva do Doutor Delfim Santos e continuado por mim, que também tenho a meu cargo a revisão total da tradução e um estudo preliminar sobre Kant. O trabalho já está adiantado até à *Metodologia Transcendental*. Estou agora no penoso trabalho de revisão do texto e vou entrar num ponto difícil das *Antinomias da Razão Pura*. Para tirar certas dúvidas necessitava de consultar a tradução italiana da *Crítica da Razão Pura*¹²². Já em tempos a folhee na biblioteca da Faculdade de Filosofia. Como estão chegadas as férias, provavelmente não vai ser consultada durante esse tempo. Pedia-lhe o favor, caso possível, de me emprestar, durante o mês de Agosto. Trataria o exemplar como coisa minha, não sairia das minhas mãos maltratado. Desta forma, resolveria os problemas que o texto kantiano me levantou.

Diálogos pela ciência

Agradecendo antecipadamente o obséquio, subscreve-se com a muita consideração e estima o muito grato

Alexandre Morujão
Rua Pinheiro Chagas, 16, 3.º
Coimbra

Carta XXI

(De Júlio Fragata para Alexandre Fradique Morujão)

FACULDADE DE FILOSOFIA
BRAGA
7-XII-78

Exmo. Senhor
Doutor Alexandre Morujão
R. Pinheiro Chagas, 16 – 1.º
Coimbra

Prezado Doutor Morujão

Começo por desejar-lhe, bem como a toda a Família, a felicidade de um Natal feliz, com as melhores Bênçãos do Céu para 1979.

Como neste semestre tenho ido ao Porto a dar 5 aulas de Filosofia só de manhã, no Curso de Direito, tive ocasião de me encontrar com D. Maria Carmelita Homem de Sousa¹²³, que há meses fez o concurso para Extraordinária em Filosofia na Faculdade de Letras do Porto. Agora pensa ela candidatar-se a Professora Agregada e perguntaram-me se poderia sugerir algum nome de Coimbra para o Júri; lembrei-me logo do Doutor Morujão e fiquei de lhe escrever, a título confidencial, apontando esta possibilidade. No caso de a nomeação se efectivar, eu penso que seria de aceitar. Penso que as provas dificilmente se realizarão antes de Abril. Era desta situação que queria amigavelmente avisar. No caso positiva até é provável que nos encontremos no júri.

Outro assunto: estamos a pensar dedicar, em 1980, um número duplo especial da *Revista Portuguesa de Filosofia* a artigos de autores portugueses que versem um pouco de certa originalidade pessoal¹²⁴. Vinha convidá-lo para colaborar neste número. Qualquer assunto pode servir, desde o momento que tenha certo cunho de originalidade pessoal, e temos um ano para preparar este número.

Isto não impede que nos dê o gosto de qualquer outra colaboração, ainda antes desta época, com algum artigo que publicaríamos em 1979. Agora estamos a preparar um número sobre o “marxismo” que espero seja o 1.º de 1979¹²⁵.

Padre Manuel de Fátima¹²⁶ por aqui se vai revelando, cada vez mais, pessoa de categoria. Se algum dia nos quiser fazer uma visita, até teremos o gosto de o hospedar em nossa casa.

Com uma Saudação a Senhora D. Teresa e a toda a família

Cumprimenta muito cordialmente

Júlio Fragata, S.J.

Notas

Carta I

1. Félix Augusto Ribeiro refere-se à obra de Diamantino Martins, *Existencialismo*, Braga, Livraria Cruz, 1955.

2. Referência às Atas do I Congresso Nacional de Filosofia, que teve lugar em Braga, de 9 a 13 de março 1955; foram publicadas na *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-XII / 3-4, 1955. O congresso coincidiu com a comemoração do 10.º aniversário da *Revista Portuguesa de Filosofia*, mas a ideia da sua realização surgiu em 1952 e ter-se-á ficado a dever ao Pe. Severiano Tavares, entretanto falecido. Lúcio Craveiro da Silva, da Faculdade de Filosofia de Braga, presidiu à Comissão Executiva. A nossa Introdução forneceu já informações detalhadas sobre este Congresso, a sua organização e objetivos, o decurso dos trabalhos e seus principais intervenientes. Para ela remetemos obviamente o leitor.

3. Trata-se do Congresso Internazionale di Filosofia Antonio Rosmini, realizado em Stresa-Rovereto, que teve lugar entre 20 e 26 de julho (e não 27, como erradamente diz Félix Augusto Ribeiro) de 1955. O Reverendo Padre Reitor era, à data, Lúcio Craveiro da Silva.

4. Félix Augusto Ribeiro refere-se à tradução francesa do ensaio de Edmund Husserl *Philosophie als strenge Wissenschaft*, realizada pelo jesuíta norte-americano Quentin Lauer, *La Philosophie comme Science de Rigueur*, bem como à obra deste, *Phénoménologie de Husserl*, ambas publicadas pelas Presses Universitaires de France, em 1955.

5. Trata-se da tese de Júlio Fragata, *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*, Braga, Livraria Cruz, 1959. (A obra não se publicou, afinal, em 1956, como anuncia nesta carta Félix Augusto Ribeiro.)

6. Trata-se do livro de Cassiano dos Santos Abranches, *Metafísica*, Braga, Livraria Cruz, 1956. O autor ter-se-á atrasado na preparação desta obra para publicação, uma vez que será feita nova referência à sua publicação próxima em carta de Félix Augusto Ribeiro para Alexandre Fradique Morujão, de 9 de fevereiro de 1956.

7. Refere-se ao n.º 354 da *Revista Portuguesa de Filosofia*, de 1955, intitulado «Santo Agostinho no XVI Centenário do seu Nascimento»; este número incluía artigos de Lúcio Craveiro da Silva, Michele Federico Sciacca, J. Vaz de Carvalho, J. Barbosa Pinto, Mário Martins e Diamantino Martins; uma secção de «Notas, inéditos e documentos», da autoria de Lúcio Craveiro da Silva, com informações várias

sobre eventos e publicações no âmbito das comemorações agostinianas em 1954, e um Catálogo das obras de Santo Agostinho existentes na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra.

Carta II

8. Félix Augusto Ribeiro refere-se à informação que dera a Alexandre Morujão sobre a impressão das Atas do I Congresso Nacional de Filosofia, na carta datada de 6-VII-1955. Esta informação permite-nos saber que a carta atual, sem data, é posterior, àquela. Ela é, todavia, de 1955, como se pode depreender pela informação da nota seguinte, relativamente à correção das provas tipográficas da contribuição de Alexandre Fradique Morujão ao Congresso, pois foi ainda neste mesmo ano que a publicação das Atas teve lugar.

9. Trata-se, com toda a probabilidade, das provas tipográficas do artigo de Alexandre Fradique Morujão para as Atas do I Congresso Nacional de Filosofia, intitulado «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa»; in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II, 1955, pp. 80-90. O facto de Félix Augusto Ribeiro escrever «tese» ficar-se-á, com toda a probabilidade, a dever a um lapso, provavelmente motivado pelo facto de Alexandre Fradique Morujão ter enviado ao seu correspondente, aproximadamente por esta altura, a oferta de um exemplar da sua tese de licenciatura. (Em carta de 9 de fevereiro de 1956, Félix Augusto Ribeiro refere-se a este facto e pede desculpa por não ter já agradecido a oferta.) Provavelmente, a referência, algumas linhas mais abaixo, a «100 separatas», refere-se a 100 separatas deste artigo a que o autor teria direito.

10. Pela data desta carta, é muito provável que se trate das provas do artigo de Vítor Matos (1926-1975), na altura Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulado «Raízes Antropológicas da Filosofia como Sistema», que foi a sua contribuição para o já referido I Congresso Nacional de Filosofia. Cf. *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI-II, 1955, pp. 107-111.

11. Iniciais de Instituto de Alta Cultura.

Carta III

12. Refere-se, quase de certeza, à obra de ABRANCHES, Cassiano dos Santos, *Metafísica*, Braga, Livraria Cruz, 1956. Cf. a carta de Félix Augusto Ribeiro de 9-VII-1955.

13. Félix Augusto Ribeiro refere-se a dois artigos de Álvaro Ribeiro publicados no vespertino lisboeta *Diário Popular*, a 31 de dezembro de 1955 e 1 fevereiro de 1956. Estes dois artigos podem agora ser lidos in *Álvaro Ribeiro, Dispersos e Inéditos*, volume II (1954-1960), organização e apresentação de Joaquim Domingues, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 219-223 e 229-233.

14. Cf. BOTELHO, Afonso, «Unidade da Cultura Nacional», in *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI / II (1955) 659-665. O autor distingue cultura em sentido subjetivo (que significa sobretudo cultivo e crescimento) e cultura em sentido objetivo. É desta última que o seu artigo maioritariamente se ocupa. A cultura em sentido objetivo incorpora os elementos da paisa-

gem e da história, sobretudo quando estes assumem a forma da lenda e do mito; é ela que constitui a cultura nacional, em estreita ligação com o saber tradicional e a natureza, sendo transmitida, na família, pela autoridade dos pais, as narrativas dos avós e as histórias populares contadas pelas «velhas criadas» (*ibidem*, p. 661). O autor constata a dissolução desta estrutura, emergindo a pseudo-autoridade dos letrados ou para-letrados, normalmente os filhos, a quem os estudos abriram a possibilidade de ascensão social. O sistema de ensino vigente, com a sua estrutura linear (p. 663) contribui para esta perda da cultura nacional, na medida em que cada nível de ensino – primário, liceal e secundário, de acordo com a nomenclatura então vigente – é visto apenas como um patamar para o nível superior e não a partir da sua finalidade própria, limitada aos interesses de quem aprende. (O autor recusa a possibilidade de ascensão social por via da educação, embora não seja nestes termos que se exprime.) O ensino superior e a sua «alta cultura» (p. 664), cortado da realidade cultural viva da nação, padece do vício do «catedratismo» (o autor refere-se, provavelmente, ao saber especializado), esquece-se da cultura popular e acentua o divórcio entre ela e o saber universitário; desligada da sua raiz popular, a esta «alta cultura» resta apenas, na opinião do autor, a via da estrangeirização.

15. Cf. SILVA, Hernâni Santos Dias da, «Expressão Linguística da Realidade e da Potencialidade», in *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, ed. cit., pp. 303-309. O artigo de Hernâni Dias da Silva, onde se misturam, de forma algo confusa, elementos filosóficos, antropológicos e linguísticos, defende as ideias seguintes: 1) a língua é um mero veículo do pensamento e este é o verdadeiro motor da elaboração glótica; 2) uma «metafísica do Ser» não é derivável da existência do verbo ser, nas línguas indo-europeias, em função atributiva ou predicativa; 3) na língua portuguesa, a cópula desempenha, para além da função atributiva, uma função aspectiva, o que permite distinguir, com maior clareza do que nas restantes línguas indo-europeias, a essência absoluta, ou quiddidade, a existência atual e a passagem da essência ao estado atual; 4) esta característica da língua portuguesa aproxima-a das línguas indo-iranianas, onde a função aspectiva da cópula se encontra desenvolvida, se bem que de forma rudimentar, e da língua árabe, onde a função aspectiva é primordial (p. 308). Existe, assim, na opinião do autor, uma estrutura aspectiva da mentalidade portuguesa, que se manifesta nas características específicas da língua portuguesa, que é o resultado daquela mentalidade e que não pode ser compreendida na base das estruturas lógicas de Aristóteles, herdadas pela gramática europeia.

16. Trata-se, com toda a probabilidade, do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, organizado pela Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, que teve lugar na cidade de Coimbra de 1 a 5 de junho de 1956. As comunicações foram publicadas nas *Atas do Congresso*, editadas pela Coimbra Editora, nesse mesmo ano de 1956.

17. Sobre a aquisição dos exemplares da *Biblos* (provavelmente para a Biblioteca da Faculdade de Filosofia), até ao volume XIX de 1943, cf. a carta de Félix Augusto Ribeiro de 9-VII-1955.

18. Refere-se ao segundo dos dois artigos de Álvaro Ribeiro, publicados no *Diário Popular*, referidos na nota 13.

Carta IV

19. Esta carta faz parte da correspondência havida com Alexandre Fradique Morujão, no período em que este foi leitor da Universidade de Colónia, durante o ano letivo de 1955/1956. Para o contexto da correspondência entre ambos ao longo do ano de 1956, sobretudo no que respeita a uma evidente partilha de percursos intelectuais, é de salientar que, até àquela data, Alexandre Fradique Morujão havia já publicado o livro *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl* (Coimbra, Universidade de Coimbra, 1955) e participado no I Congresso Nacional de Filosofia com a comunicação intitulada, «Husserl e a Filosofia como Ciência Rigorosa».

20. Referência à tradição de estudos medievalistas da Universidade de Colónia, primeiramente marcada pela Ordem Mendicante dos Dominicanos e mais tarde pela Companhia de Jesus. Ainda que sob a inspiração das obras de Santo Alberto Magno e de São Tomás de Aquino, a Universidade conheceria, a partir de 1919, outros rumos de interesse e de investigação, nomeadamente na área das ciências económicas e jurídicas, estas ainda hoje persistentes. Cremos que o lamento partilhado por ambos prende-se com o «desvio» dos estudos da Universidade de Colónia do eixo filosófico-teológico, lamento compreensível, tendo em conta a orientação, mais predominante, das suas próprias obras: para a Ontologia e a Metafísica (José Bacelar e Oliveira) e para a Fenomenologia (Alexandre Fradique Morujão). No que respeita ao posicionamento filosófico do primeiro, tomam-se como fontes: a obra publicada, a título póstumo, que reúne um conjunto de textos redigidos entre 1952 e 1965, intitulada, *Estudos de Metafísica e Ontologia: Perspetivas de um horizonte filosófico*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2003; e o artigo de Manuel Cândido Pimentel, intitulado «José Bacelar e Oliveira e o Neotomismo na Escola de Braga», in *A Escola de Braga e a Formação Humanística – Tradição e Inovação*, coordenação de Maria Celeste Natário e José Gama, Zéfiro, Sintra, 2010, pp. 131-140. No que concerne a Alexandre Fradique Morujão é significativa a seguinte passagem, da autoria de Pedro M. S. Alves, constante em *História do Pensamento Filosófico Português*, que dá, ao mesmo tempo, o contexto do clima cultural e filosófico, nomeadamente da Faculdade de Filosofia de Braga e elementos acerca da orientação editorial da *Revista Portuguesa de Filosofia*, bem como sobre o «arranque» dos estudos portugueses em Fenomenologia: «Os anos 40 viram aparecer estudos de Diamantino Martins (“Fenomenologia e Imortalidade”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2, 1946) e de Severiano Tavares (“Os Arquivos de Husserl”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2, 1946) que ficaram, porém, sem continuidade. Em 1952 surge a primeira obra de Husserl traduzida para português (*A Filosofia como Ciência Rigorosa*), com um longo prefácio de Joaquim de Carvalho. A partir de 1954, Alexandre Fradique Morujão, Gustavo de Fraga e Júlio Fragata iniciam a sua atividade de investigação e publicação, atividade essa que ocuparia continuamente de um modo quase exclusivo a cena dos estudos fenomenológicos em Portugal até meados dos anos 60, com intervenções apenas ocasionais de Vergílio

Ferreira (“Da Fenomenologia a Sartre, I Fenomenologia”, in *O Existencialismo é um Humanismo*, Lisboa, Presença, 1962), Isidro Ribeiro da Silva [“O Antipsicologismo de Husserl”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 18 / 3 (1962), pp. 278-308], Manuel Antunes [“Crítica Literária e Fenomenologia”, *Brotéria*, 76 (1963)] e José de Sousa Brito [“Fenomenologia do Direito e Teoria Ecológica”, *Estudos Políticos e Sociais*, 1 (1963)]. A partir de 1965, Eduardo Soveral e Manuela Saraiva iniciam a sua atividade na área dos estudos fenomenológicos. Para uma bibliografia cronológica dos estudos fenomenológicos em Portugal até 1984, ver Maria de Fátima Lambert de Sá, “Publicações sobre a fenomenologia em Portugal: Lista cronológica”, in “II Colóquio Português de Fenomenologia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 4 (1985).» Pedro M. S. Alves, «A Fenomenologia em Portugal», p. 347, nota 1, in *AA.VV., História do Pensamento Filosófico Português*, O Século XX, Volume V, Tomo 1, Editorial Caminho, Lisboa, 1999, pp. 345-390.

21. A referência à Renânia (em alemão *Rheinland*, em tradução livre para português «terras do Reno») polariza-se, nesta carta, nas cidades de Colónia e de Bona. A carta incidirá nos principais centros de cultura e, sobretudo, dos de estudos medievalistas, realçados mais adiante, e representa uma espécie de itinerário pessoal e intelectual do próprio Bacelar e Oliveira. Sobre este percurso, Lúcio Craveiro da Silva, na nota «Preliminar» a *Estudos de Metafísica e Ontologia*, salientaria o alargamento do diálogo de José Bacelar e Oliveira com a Goerres-Gesellschaft, com o Thomas Institut e com a Universidade de Friburgo (cf. p. 10). A génese da ligação de José Bacelar e Oliveira a esta última está patente nas cartas de 21 de maio e de 2 de agosto de 1956 enviadas a Alexandre Fradique Morujão.

22. Referência ao mosteiro dominicano de Santo Alberto em Walberberg (1925-2007). Entre 1934 e 1974 albergou a Albertus-Magnus-Akademie que funcionou como escola de estudos superiores filosóficos e teológicos dos Dominicanos, bem como, desde 1951, o Institut für Gesellschaftswissenschaften Walberberg, fundado por Eberhard Welty OP. A Deutsche Thomas-Ausgabe tem início em 1933 pelas mãos do então Provincial da Ordem, Laurentius Siemer OP, e entre 1939 e 1955 sobressai a figura de Hans Maria Christmann OP, quer como responsável pela introdução e tradução, quer como editor-chefe da edição latino-alemã da obra de São Tomás de Aquino. A referência «ao diretor da edição alemã de S. Tomás» pode ser a do nome de Hans Maria Christmann. A menção a «outras obras e revistas» poderá relacionar-se com a ação social e política daquele instituto, quer no âmbito da ocupação nazi, quer no cenário pós-guerra e que conheceu nas figuras de Laurentius Siemer OP e de Eberhard Welty OP, uma fortíssima intervenção, ainda hoje associada ao mosteiro de Walberberg. Em 2007, o mosteiro sai da Ordem Dominicana e a «rica biblioteca», constituída por 160 000 volumes, ficou à guarda da Arquidiocese de Colónia e disponível ao público. A menção ao «laboratório de oratória» respeita, certamente, ao departamento do centro de estudos do Walberberger Institut e que consta no seu próprio selo institucional: Walberberger Institut – Abteilung, Sprecherziehung, Rhetorik und Homiliek. No que respeita a Bernward Dietsche está o seu nome associado, desde 1955, à Deutsche Thomas-Ausgabe.

23. Hans André (1899-1966) foi aluno do zoólogo e filósofo Hans Driesche e do botânico Klebs. Foi professor de biologia em Bransburg (Prússia Oriental) e, após a segunda grande guerra, passaria a dedicar-se ao estudo da filosofia da natureza (dentro da linha aristotélico-tomista), bem como ao seu ensino no «studium» dos Dominicanos em Walberberg. A obra *Vom Sinnreich des Lebens* é publicada em 1952.

24. A abadia Maria-Lach foi marcada pela presença dos beneditinos e dos jesuítas. A Companhia de Jesus adquiriu a abadia em 1862. Aqui funda um *collegium maximum* e constrói uma biblioteca. As produções de maior envergadura referem-se à *Philosophia Lacencis* e à *Collectio Lacensis*, bem como a *Stimmen aus Maria Lach*, a publicação mais antiga de Cultura na Alemanha. Fundada em 1871, conheceu nos anos 50 o seu incremento, nomeadamente associado a Karl Rahner; a revista mantém, hoje, o nome de *Stimmen der Zeit – Die Zeitschrift für christliche Kultur*, com periodicidade mensal e disponível *on-line*. A «grande biblioteca» a que se refere José Bacelar e Oliveira continua na abadia.

25. Referência a Josef Koch (1885-1967), professor de filosofia medieval na Universidade de Colónia que fundou o Thomas Institut em 1950. Em estreita conexão com a criação do Instituto estariam as *Mediaevistentagung* e os *Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters*. Bacelar e Oliveira tem um artigo publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 3 (1954) 307-308, intitulado, justamente, «“O Thomas-Institut” e as Assembleias Medievalistas».

26. Referência a John Orth Riedl (1905-1992), professor de filosofia na Universidade Marquette (Milwaukee – EUA) e militar de alta patente na segunda grande guerra. O desenvolvimento do Thomas Institut conhece forte incremento com a concessão de um fundo pelo Alto Comissariado para a Alemanha, justamente conseguido por John Orth Riedl que ficaria amigo pessoal de Josef Koch. Desde 1952, o Instituto é mantido pela Universidade de Colónia e é parte integrante do Departamento de Filosofia.

27. Referência a Bernhard Lakebrink (1904-1991), filósofo católico e tomista. Em 1954 foi professor da Universidade de Colónia e em 1959 sucedeu a Max Müller na Universidade de Friburgo.

28. Franz Pelster, SJ (1880-1956) foi professor de história da filosofia e da teologia na Universidade Gregoriana de Roma e desde 1927 seria codiretor dos *Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters*.

29. Martin Grabmann (1875-1949), sacerdote católico alemão foi um dos pioneiros da história da filosofia medieval. No contexto da neoescolástica e, especificamente, dentro da linha do tomismo, são de destacar os títulos *Die Geschichte der Scholastischen Methode* (1909-1911) e *Thomas von Aquin, eine Einführung in seine Persönlichkeit und Gedankenwelt* (1912).

30. A Goerres-Gesellschaft é a sociedade fundada em 1876, em homenagem a Joseph von Görres, para o desenvolvimento dos estudos Católico-Romanos na cidade alemã de Koblenz (situada na confluência dos rios Moselle e Reno). Dissolvida em 1941, no período do domínio nazi, a Sociedade é reerguida em 1948

na cidade de Colónia. Hans Peters, professor da Faculdade de Direito de Colónia, jurista e político, é o quarto presidente da Goerres-Gesellschaft (entre 1940-1941 e entre 1948-1966), sucedendo a Georg von Hertling (1877-1919), político e filósofo, a Hermann von Grauert (1920-1924), historiador, e a Heinrich Finke (1924-1938), historiador da igreja e medievalista. Sobre a Goerres-Gesellschaft, Bacelar e Oliveira publica dois artigos na *Revista Portuguesa de Filosofia*: «“A Goerres-Gesellschaft” e o Sentido Filosófico da Assembleia Geral em Munique», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, VIII / 1 (1952) 79-82; e «Sociedade Científica de Goerres», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI / 3 (1955) 89-90. Em 1962 é criado, em Portugal, o Instituto Português da Sociedade Científica de Goerres. O fundo documental do Instituto, também conhecido por Instituto Vieira, encontra-se alojado, desde 1980, na Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica Portuguesa.

31. Referência a Lúcio Craveiro da Silva.

Carta V

32. Referência ao matrimónio de Alexandre Fradique Morujão com Maria Teresa de Freitas Barbosa Morujão, realizado em abril de 1956.

33. Na continuidade da carta de 23 de março de 1956 é mantida a referência à Renânia.

34. Referência a Theodor Haecker (1879-1945), pensador alemão e comentador da obra do Cardeal Newman e de Sören Kierkegaard. A obra *Vergil, Vater des Abendlandes* conhece a sua publicação em 1931 (Leipzig). No contexto desta carta é de relevar a visão teórica do autor alemão sobre a Cultura, mediada pela obra do autor latino, Vergílio, e como aquela atinge, a Ocidente, a sua máxima expressão na *anima naturaliter christiana* que dá, aliás, o título ao último capítulo daquela obra.

35. Certamente em referência à presença dos suevos a Oeste da Península Ibérica e ao influxo que representaram na proto-história de Portugal e na formação da cultura.

36. Interamnense significa «que vive entre rios». Com a expressão *alma interamnense*, e como julgamos, situa-nos José Bacelar e Oliveira no âmago da indagação pela origem que está condensada nas palavras «fundo» e «regresso» e que no contexto desta carta são apresentadas com carga filosófica e categorial.

37. Leitura provável do manuscrito.

38. A Renânia traduz uma opção intelectual e pessoal de José Bacelar e Oliveira, evidenciada, nomeadamente nas relações institucionais que vêm sendo referidas nas cartas e que estão condensadas em uma constante referência às Universidades de Colónia e de Bona. Em agosto de 1956, seria este «círculo» da Renânia aberto ao contacto mais vasto com o pensamento germânico, mediante o ingresso de Bacelar e Oliveira na Universidade de Friburgo. No que respeita à formação de base do futuro reitor da Universidade Católica Portuguesa e em jeito de contextualizar, agora, o tão ansiado contrabalanço que a Renânia representa, tomamos por fonte as palavras de Lúcio Craveiro da Silva: «Assim podemos resumir as características da primitiva Escola Bracarense, se quisermos aceitar esta designação, como uma visão filosófica que, partindo da metafísica do ser, de inspiração tomista,

entra em diálogo com toda a filosofia moderna, especialmente com Kant e a filosofia crítica, repensando-a e completando-a com as novas aportações dos filósofos contemporâneos e dos novos problemas metafísicos, lógicos, psicológicos, científicos, estéticos e sociais dos nossos tempos. Era alguma coisa inovadora e caracteristicamente específica numa filosofia de base escolástica e até no pensamento contemporâneo português.» (SILVA, Lúcio Craveiro da, «A Neoescolástica Contemporânea», p. 338, in AA.VV., *História do Pensamento Filosófico Português*, O Século XX, Volume V, Tomo 1, Editorial Caminho, Lisboa, 1999, pp. 329-343). Nesta sequência, não deixa de ser importante, ainda, a menção ao I Congresso Nacional de Filosofia realizado em 1955 – promovido por ocasião dos 10 anos da publicação da *Revista Portuguesa de Filosofia* e de que Bacelar e Oliveira foi secretário-geral –, porquanto viria a representar uma viragem significativa no panorama dos estudos de filosofia em Portugal: «Neste congresso foi unânime o reconhecimento da filosofia na nossa tradição, que desde há mais de um século esmorecera na investigação e no ensino universitário em Portugal, por influência do ideário historicista e positivista». (*Ibidem*, p. 340) O contrabalanço que a Renânia representa para Bacelar e Oliveira pode referir-se, também, à ação de Cassiano Abranches que «esteve na origem da conceção filosófica tomista» (*Ibidem*, p. 333) da Faculdade de Filosofia de Braga e que, muito embora franqueasse o diálogo com a Universidade de Lovaina (Bélgica), nomeadamente através das obras dos padres jesuítas Pierre Scheuer e Joseph Maréchal, a sua formação de base é com Pedro da Fonseca, «sobre o qual apresentara e defendera a sua tese de doutoramento na Universidade Gregoriana». (*Ibidem*, p. 334) Sobre a Escola de Braga ou Escola Bracarense é de salientar a obra de António Braz Teixeira, *A Filosofia da Escola Bracarense*, Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2010.

39. No governo da 1.^a República são anuladas as matrículas na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra (1910) e em 1911 é criada a Faculdade de Letras da mesma Universidade que recebe o próprio corpo docente de Teologia. Nos anos 30 e 60 são levadas a efeito uma série de iniciativas para a reabertura da Faculdade de Teologia, de que se destacam, por proximidade ao ano em que se situa a carta de José Bacelar e Oliveira (1956), a aprovação, por unanimidade, de uma moção para a reabertura daquela Faculdade pelo conselho da Faculdade de Letras (1953) e a idêntica diligência assumida pelo Senado universitário em 1954. Neste contexto, ganha em relevância a instituição jurídica, canónica e civil do Instituto Católico Português em 1944 (Lisboa – nas instalações do Patriarcado), sobretudo porque aqui estarão as primícias da futura Universidade Católica Portuguesa (cf. MOREIRA, António Montes, «O Cardeal Cerejeira, Fundador da Universidade Católica Portuguesa», in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa* [Pensamento e Obra do Cardeal Cerejeira no centenário do seu nascimento], 2.^a Série, II (1990) 169-222.

40. Novamente a menção a Hans Peters, professor da Faculdade de Direito de Colónia e presidente da Goerres-Gesellschaft.

41. Referência a Wolfgang Kluxen (1922-2007), filósofo medievalista. Entre 1953

e 1958 foi assistente no Thomas Institut, responsável, nomeadamente, pelo desenvolvimento da importante biblioteca de investigação daquele Instituto.

Carta VI

42. Universidade de Humbolt, em Berlim.

43. Referência ao Instituto de Alta Cultura.

44. Deutscher Akademischer Austauschdienst (Serviço Alemão de Intercâmbio Académico).

45. Será para aprofundar estas linhas de investigação, já que, e tomando como referência *Estudos de Metafísica e Ontologia*, e até 1956, José Bacelar e Oliveira já havia publicado os seguintes títulos (por ordem cronológica ascendente): «No Horizonte da Eternidade e do Tempo – Antinomia da Duração Humana», *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI / 3 (1950) 225-268; «Introdução ao Conceito de Crítica», *Revista Portuguesa de Filosofia*, VIII / 4 (1952) 349-378; «Da Crítica como Ciência Primeira», *Revista Portuguesa de Filosofia*, IX / 2 (1953); «A Crítica perante a Ontologia no âmbito da Metafísica», *Revista Portuguesa de Filosofia*, X / 4 (1954) 343-382; «Sobre a Essência do Conceito de Filosofia», *Revista Portuguesa de Filosofia*, XI / 2 (1955), pp. 27-40.

46. Comunidades religiosas.

47. Explicação.

48. Catálogo de Cursos.

49. Gustavo de Fraga (1922-2003). Entre 1954 e 1957 foi Leitor de Português na Universidade de Bona. Em 1959 seria bolseiro na Universidade de Friburgo e aqui frequentaria os seminários, nomeadamente de Max Müller. Alexandre Fradique Morujão viria a ser o autor do verbete «Fraga (Gustavo de)» in *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 2, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1990, cols. 700-702. De referir que esta edição foi realizada sob o patrocínio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa e teve na sua Direção Científica, ao lado de José Bacelar e Oliveira e Alexandre Fradique Morujão, os nomes de Roque Cabral, Francisco da Gama Caeiro, Manuel da Costa Freitas e António Paim. A entrada relativa a Alexandre Fradique Morujão é assegurada por António José de Brito (cf., *Ibidem*, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa, 1991, cols. 1001-1003).

50. Referência de José Bacelar e Oliveira às comemorações do 28 de maio de 1956. É visível o tom irónico e irreverente condensado na expressão «alta costura», bem como o apontar da presença de uma certa atitude de frivolidade da classe política. A «cultura» da «alta costura» assenta no jogo entre as expressões francesas «haute couture» e «haute culture».

51. Trata-se de Félix Augusto Ribeiro. Não foi possível determinar se a carta futura a que Bacelar e Oliveira se refere será a Carta VII, de 6 de julho de 1956.

Carta VII

52. Tendo em conta a data desta carta, deverá tratar-se da obra de António Alves de Campos, *Teoria Marxista do Valor e «Plus Valor»*, Braga, Livraria Cruz, 1956.

A coleção a que Félix Augusto Ribeiro faz referência é a coleção «Filosofia», na qual esta obra foi publicada com o n.º 9.

53. MARTINS, Diamantino, *O Problema de Deus*, Braga, Livraria Cruz, 1957. Esta obra foi publicada na coleção «Filosofia» com o n.º 10.

Carta VIII

54. Na base desta opção podem estar as indicações de Alexandre Fradique Morujão, inscritas na carta referida por José Bacelar e Oliveira, à data de 28 de maio. O percurso do jesuíta na Universidade de Friburgo começaria no ano letivo de 56/57.

55. *Deutsche Mark* (marco alemão). Unidade monetária da Alemanha Ocidental até 1990.

56. Novamente a menção a Hans Peters, presidente da Goerres-Gesellschaft.

57. Sobre as relações institucionais entre a Faculdade de Filosofia de Braga e a Goerres-Gesellschaft, José Bacelar e Oliveira tem um artigo de 1961 («Assembleia Geral da “Goerres-Gesellschaft”: – Intercâmbio com Portugal», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo 17, Fasc. 1, 1961, pp. 89-92) onde desponta, já, uma certa maturação das relações institucionais e sobre a importância do acolhimento das Assembleias da «Sociedade de Goerres para o Cultivo das Ciências – tradução e significado exatos para a Goerres-Gesellschaft» (cf. *Ibidem*, p. 8).

58. Caso se trate de uma publicação de Alexandre Fradique Morujão, a referência provável pode ser *A Doutrina da Intencionalidade na Fenomenologia de Husserl*, Coimbra, 1955.

Carta IX

59. Cf. a carta de José Bacelar e Oliveira para Alexandre Fradique Morujão, de 2 de agosto de 1956. Uma descrição pormenorizada do ambiente universitário em Freiburg pode encontrar-se também na carta de José Bacelar e Oliveira, de 27 de março de 1957.

60. Cf. a obra de Diamantino Martins, mencionada anteriormente na nota 53.

61. Não foi possível determinar de que obra se trata.

Carta X

62. João da Providência e Costa (1893-1965). Foi professor, diretor da Biblioteca e diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

63. Então diretor da Faculdade de Letras de Lisboa.

64. Heinrich Rickert (1863-1936), filósofo alemão, fundador, em conjunto com Wilhelm Windelband, da escola neokantiana conhecida como «Escola de Bade», ou «Escola do Sudoeste Alemão». Rickert foi professor em Freiburg, até 1916, sendo nessa data substituído na Cátedra por Edmund Husserl.

65. Max Müller (1906-1994), filósofo alemão, foi professor na Albert-Ludwigs-Universität de Freiburg e, a partir de 1960, na Ludwig-Maximilian-Universität em Munique. Juntamente com Bernhard Welte (referido um pouco mais abaixo nesta carta)

e Johannes Baptist Lotze, fez parte de uma corrente de pensadores católicos, de meados do século xx, que o filósofo jesuíta polaco Erich Przywara designava como «escola católica heideggeriana».

66. Eugen Fink (1905-1975), importante filósofo e fenomenólogo alemão, discípulo de Edmund Husserl (de quem foi assistente privado até à morte deste) e de Martin Heidegger. Com Heidegger, dirigiu alguns seminários na Universidade de Freiburg no final dos anos 50 e inícios dos anos 60 do século passado.

67. Bernhard Welte (1906-1983), teólogo, foi professor de Filosofia da Religião Cristã na Albert-Ludwigs-Universität de Freiburg. *Ordinarius* desde 1951, foi reitor desta Universidade em 1955-56 e vice-reitor em 1956-57.

68. Música para instrumentos de sopro.

69. Discurso do Presidente da República Federal da Alemanha.

70. Discurso do primeiro-ministro do Estado Federado de Baden-Württemberg.

71. «O Princípio de Identidade». A conferência foi proferida em 27 de junho de 1957, na abertura oficial do quinto centenário da Universidade de Friburgo. O texto da conferência está incluído, sob o mesmo título, em Martin Heidegger, *Identität und Differenz, Gesamtausgabe*, Ab. I, Bd. 11, Frankfurt, Vittorio Klostermann Verlag, 2006 e, na tradução de Ernildo Stein, em *Conferências e Escritos Filosóficos*, São Paulo, Nova Cultural, 1999. O registo sonoro da conferência pode ser encontrado facilmente em diversos lugares da Internet.

72. «visitas, simpósios, (conferências, colóquios) palestras, debates».

73. Comunidade de trabalho.

74. Seminário do semestre de inverno 1956-57: «A Ciência da Lógica de Hegel». «A Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica», que integra, juntamente com «O Princípio de Identidade», a obra *Identidade e Diferença*, publicada pela primeira vez em 1957, inclui considerações que serviram de conclusão aos trabalhos deste seminário.

75. Iniciais de Instituto de Alta Cultura.

76. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa (1916-1973) foi professor catedrático de Filosofia e vice-reitor da Universidade de Coimbra e esteve na base da revolução pedagógica que separou o ensino universitário de filosofia do ensino de história.

Carta XI

77. MORUJÃO, Alexandre Fradique, «O “Fenómeno Puro”, Ponto de Partida da Fenomenologia de Husserl», in *Filosofia*, 13 (1957) 1-17. A revista *Filosofia*, do Centro de Estudos Escolásticos, foi fundada em 1954, sob a direção de António Alberto Banha de Andrade (1915-1982) e Maria Manuela Saraiva (1924-1995). Como revista trimestral, o seu primeiro número foi publicado no segundo trimestre de 1954, afirmando-se no seu texto de apresentação, e fazendo *jus* à natureza do seu Centro: «Desejamos, pois, manter-nos dentro da linha da filosofia que formou os estudiosos da nossa terra até à reforma pombalina.» Composta por artigos de temas diversos e por secções sobre bibliografia, recensões e notícias, a revista fez-se publicar até 1961. Colaboraram na revista, entre outros: Maria Manuela Saraiva,

Diamantino Martins, Júlio Fragata, Gustavo de Fraga e Alexandre Fradique Morujão. Gustavo de Fraga foi um dos redatores da revista, tendo exercido estas funções entre 1958 e 1960.

78. Referência à sua tese de doutoramento intitulada *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*, defendida, em 1954, na Universidade Gregoriana de Roma. Publicada também pela Faculdade de Filosofia de Braga: *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*, Braga, Livraria Cruz, 1959.

Carta XII

79. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa (1916-1973) foi professor catedrático de Filosofia e vice-reitor da Universidade de Coimbra. Sobre Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa ver a nota 76.

80. Realizado em Veneza, em setembro de 1958.

81. Poderá referir-se ao I Colóquio de Estudos Filosóficos – História da Filosofia em Portugal, realizado em Braga e no Porto, de 7 a 9 de março de 1959.

82. Com sede na Universidade de Coimbra. Francisco Suárez (1548-1617), jesuíta, filósofo e jurista espanhol, lecionou na Universidade de Coimbra de 1597 a 1615.

Carta XIII

83. STEGMÜLLER, Friedrich, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no Século XVI* (tradução do original em língua alemã por Alexandre Fradique Morujão), Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1959. Friedrich Stegmüller (1902-1981), fez os seus estudos na Faculdade de Teologia da Universidade de Freiburg e antes de obter habilitação para a docência na mesma Universidade, viajou por Portugal e Espanha, no ano de 1929, aprofundando o seu interesse pela especulação filosófica e teológica portuguesa. Até à sua jubilação foi professor na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg.

84. Referência a *Mundo e Intencionalidade. Ensaio sobre o conceito de mundo na fenomenologia de Husserl*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1961.

Carta XIV

85. A União Indiana anexou o Estado Português da Índia, constituído pelos territórios de Goa, Damão e Diu, na sequência de uma operação militar desencadeada em 17 de dezembro e concluída em 19 de dezembro de 1961.

86. Referência provável à tese de doutoramento de Alexandre Fradique Morujão.

Carta XV

87. Passagem nuclear do Credo católico: *E ressuscitou dos mortos... Creio na ressurreição dos mortos... E na vida eterna...*

88. *Tod* (Morte) e *Sterben* (Morrer) representam núcleos diferentes da reflexão tanatológica e diferentes níveis de a posicionar no contexto, mais abrangente, da questão sobre o Homem; da questão sobre a Existência. Recordando a passagem de Bacelar e Oliveira pela Universidade de Friburgo no ano letivo 1956/1957 (cf. conteúdo da carta endereçada a Alexandre Fradique Morujão a 21 de maio de

1956) onde teve a oportunidade de «trabalhar» sob a orientação de Max Müller (1906-1994), filósofo cuja obra é subsidiada pela fenomenologia de Edmund Husserl, bem como pela linha que rumará, a partir desta corrente, para a posição ontológico-existencial preconizada por Martin Heidegger. Uma das referências prováveis aos «filósofos germânicos» será a relativa à obra heideggeriana, concretamente a que respeita a *Ser e Tempo*, e nesta obra, mais especificamente, a que concerne aos §§ 46-53 onde, e já no âmago da analítica do *Dasein* (do *ser-ai*) Heidegger define uma das posições do *ser-ai no mundo*, como *ser-para-a-morte*. Será neste contexto que Bacelar e Oliveira redesenhará o rumo daquela posição, mediante a do *ser-apesar-da-morte*, posição essa suportada pela matriz aristotélico-tomista, de base hilemórfica, que subjaz à obra do pensador jesuíta. Neste sentido, escreveria Bacelar e Oliveira, mas já em 1964: «Em terminologia moderna poderíamos dizer que a fórmula da Antinomia antropológica deve representar a conciliação da *mundanidade* (ou *ser-para-a-morte*) com a *transcendência* (ou *ser-apesar-da-morte*). Explorando a essência desta *mediação cósmica* é que vamos descobrir, dentro da sua realização concreta, hilemorficamente, a magnífica função harmónica do Espírito Humano. No decurso da síntese que constitui este capítulo creio ficar bem clara a justeza do ponto de partida temático: colher a faceta típica da antropologia fundando-nos numa concórdia ingénita entre o Espírito (fonte de Unidade) e a Matéria (base de Multiplicidade) no seio de um único ser.» (cf. «Estrutura do Ser do Homem – *Confim entre os Corpos e os Incorporais*», in *Estudos de Metafísica e Ontologia*, pp. 239-268, p. 241)

⁸⁹. Ainda a realidade «morte» exibida, agora, como núcleo que estabelece a fronteira ou ponte entre a razão filosófica e a Graça e que Bacelar e Oliveira havia condensado na seguinte passagem de 1950: «E, contudo, a Ressurreição e a Visão só podem ser fruto da Graça, que a filosofia não atinge.» (cf. «No horizonte da eternidade e do tempo – *Antinomia da Duração Humana*», in *Estudos de Metafísica e Ontologia*, pp. 193-237, p. 237)

⁹⁰. Referência à tese de doutoramento em Filosofia de Alexandre Fradique Morujão, *Mundo e Intencionalidade: Ensaio sobre o conceito de mundo na fenomenologia de Husserl*, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e publicada em 1961, sob a chancela desta Universidade.

⁹¹. Primeiro filho de Alexandre Fradique Morujão.

⁹². Referência a Edmund Husserl e à Fenomenologia.

⁹³. Referência ao «debate» que teria início em fevereiro de 1960 entre a Universidade de Lisboa e a Universidade de Coimbra e que seria protagonizado pelos Senados Universitários presididos, respetivamente, por Marcelo Caetano e Maximino José de Moraes Correia. Eclode aquele debate no contexto da aprovação, pelo Senado da Universidade de Lisboa, do programa definitivo das solenidades a realizar em memória do primeiro protetor da Universidade, o Infante D. Henrique, protetorado esse que, no entender do Senado de Coimbra, era reclamado por Lisboa, todavia, sem o suporte da história, da tradição e *de jure*. O perfil deste debate chega-nos, de entre outras fontes, pela mão de Guilherme Braga da Cruz (cf. *Obras Esparsas*, Vol. IV – Estudos Doutrinários e Sociais, 2.^a Parte, *Ata Universitatis*

Conimbragens, Universidade de Coimbra, 1986, cujo Capítulo VIII, se intitula, justamente, «Em defesa da Universidade de Coimbra (Exposição enviada pelo Senado Universitário de Coimbra ao Senado Universitário de Lisboa)», pp. 263-312. Do texto da exposição, bem como dos anexos que a acompanham, conclui-se pela precedência em antiguidade e *de jure*, da Universidade (que remonta a 1290 e à sua criação por D. Dinis e que está localizada em Coimbra) sobre as mais recentes Universidades criadas em 1911 pelo mesmo diploma, uma com sede em Lisboa e outra com sede do Porto.

94. Nesta passagem está condensada uma reflexão de natureza epistemológica, no quadro de exibição de uma tese sobre a constituição, natureza e finalidade da própria Universidade, sem se particularizar nesta ou naquela instituição, sendo certo, contudo, que a Universidade de Coimbra constitui o modelo de organização dos «estudos superiores», faltando-lhe, contudo, a Faculdade de Teologia. Sobre a questão da Faculdade de Teologia na Universidade de Coimbra, recorde-se o conteúdo da carta de Bacelar e Oliveira de 3 de maio de 1956.

95. Referência a Manuel Lopes de Almeida, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que cumpriria o cargo de Ministro da Educação Nacional entre 4 de maio de 1961 e 4 de dezembro de 1962.

96. Referência a Guilherme Braga da Cruz, professor catedrático e diretor da Faculdade de Direito (1958-1961) viria a cumprir o mandato reitoral entre 1961 e 1962.

97. Sobre Eugen Fink ver a nota 66.

98. A referência de Bacelar e Oliveira a uma «trilogia» deposita-nos na trave mestra do seu pensamento. Com efeito, Ser, Conhecimento, Verdade (este último, o terceiro termo que não está explícito na carta), encontram-se em uma Teoria do Juízo que o filósofo desenvolve no âmago da Crítica. Com efeito, já em 1957, no artigo, «Bases para a Construção de uma Crítica – Sob a Ideia de Correlação Transcendental: Funções do Conhecimento e Modos do Ser» (publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, n.º 13, pp. 225-258 e reeditado em *Estudos de Metafísica e Ontologia*, pp. 57-91). Bacelar e Oliveira introduz-nos no núcleo da sua *trilogia noética*: «Eis-nos perante esta trilogia de simplicidade primitiva, e apesar de tudo já em si tão complexa que dela brota toda a aporia subjacente, desde os inícios, ao labor especulativo do “Primeiro” Filósofo: Verdade, Ser, Conhecimento.» (*Estudos de Metafísica e Ontologia*, p. 62). E mais adiante apresenta o Juízo como *síntese viva que interimplica* aqueles três termos: «À consciência filosófica apresentam-se eles fundidos (e apesar de tudo não confundidos) numa síntese viva que por necessidade os interimplica, e fora da qual nem sequer são suscetíveis de adquirir formalmente consistência.» (*Ibidem*, p. 62)

99. Provável alusão ao caráter inconclusivo ou aberto do pensamento e, consequentemente, da obra que o corporiza.

100. Dentro do *Corpus Thomisticum* a obra referida por Bacelar e Oliveira tem o título de *Posteriorum Analyticorum Aristotelis* e está publicada, desde 1882, pela Edição Leonina (cf. Sancti Thomae de Aquino Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita, Tomo I, pp. 137-403). Juntamente com o *Aristotelis Peri Hermeneias* (cf. *Ibi-*

dem, pp. 8-128), aquele título perfaz o primeiro tomo daquela edição crítica. Mandada realizar pelo Papa Leão XIII, a Edição Leonina seria a grande alavanca para o estudo e investigação da obra de São Tomás de Aquino, bem como, e pelo aparato crítico que a norteou, se viria a constituir como referência incontornável no desenvolvimento dos estudos tomistas.

101. Referência aos conhecidos autores do Curso Conimbricense publicado no final do século XVI (entre 1592 e 1606), com o título genérico *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu* e que serviria de apoio e de norma no curso de Filosofia do Colégio das Artes em Coimbra. Os Conimbricenses não só representam um dos capítulos mais importantes da história cultural portuguesa, sendo os seus textos um ponderoso marco da cultura filosófica na viragem do século XVI para o século XVII, mas também foram representativos no estrangeiro, nomeadamente na Alemanha. Note-se que o Curso Conimbricense ocupava o seu lugar em muitos colégios da Companhia de Jesus, quer na Europa – por exemplo, Descartes pode ter conhecido o Curso Conimbricense no Colégio Jesuíta de Lá Flèche –, quer na América Latina e, mesmo, no Oriente, bem como podem ter atingido centros de estudo de confissões da Reforma. Pela projeção que tiveram, os Conimbricenses participariam de um mais vasto processo que esteve na origem de parte significativa do racionalismo moderno e da tradição característica da filosofia alemã.

102. Referência a Lúcio Craveiro da Silva.

103. Este estudo está publicado com o título «Filosofia Escolástica e *Curso Conimbricense* – De uma Teoria de Magistério à sua Sistematização Metodológica» na *Revista Portuguesa de Filosofia*, 16 (1960), pp. 124-141 e, mais tarde, na já citada obra póstuma, *Estudos de Metafísica e Ontologia* (cf. pp. 325-342).

104. Referência à obtenção do grau de Doutor em Filosofia por Alexandre Fradique Morujão, no âmbito da já referida dissertação.

Carta XVI

105. «O Conceito de Ontologia em Husserl», em *Perspetivas da Fenomenologia de Husserl*, Centro de Estudos Fenomenológicos, Coimbra, 1965, pp. 17-43.

106. Seminário do Cristo Rei dos Olivais.

107. A convite da Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo (Brasil), aí passou três meses a dar um curso de História da Filosofia Contemporânea e proferiu várias conferências no Rio de Janeiro sobre «Fenomenologia e Filosofia da Existência».

108. O Padre Júlio Fragata fez, desde 1962, parte da direção da Secção de Filosofia da VERBO – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, tendo nela colaborado ativamente.

109. O autor foi membro fundador do Centro de Estudos Fenomenológicos, fundado em Coimbra, de cuja direção fez parte de 1965 a 1985.

Carta XVII

110. Maria do Rosário Barbosa Morujão, filha de Alexandre Fradique Morujão.

111. Daniela Maria Barbosa Morujão.

112. Referência ao Centro de Estudos Fenomenológicos da Universidade de Coimbra que, em 1965, editara as *Atas do Colóquio sobre a Fenomenologia de Husserl*, realizado em 1964.

113. Referência ao primo de Alexandre Fradique Morujão, o Pe. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, hoje Superior da Comunidade dos Jesuítas da Faculdade de Filosofia de Braga e vigário episcopal para a vida consagrada, na arquidiocese de Braga.

114. Maria Teresa de Freitas Barbosa Morujão (1925-1999), esposa de Alexandre Fradique Morujão.

Carta XVIII

115. Alexandre Fradique Morujão recebeu as suas insígnias doutorais da Universidade de Coimbra no dia 20 de março de 1966.

116. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, Reitor da Universidade Católica Portuguesa de 1972 a 1988.

117. Referência ao Centro de Estudos Fenomenológicos de Coimbra.

118. AA. VV., *Perspetivas sobre a Fenomenologia de Husserl*, Centro de Estudos Fenomenológicos, Coimbra, 1965.

119. MORUJÃO, Alexandre Fradique, «O Problema da História na Fenomenologia de Husserl», in AA.VV., *Perspetivas sobre a Fenomenologia de Husserl*, Centro de Estudos Fenomenológicos, Coimbra, 1965, pp. 45-73. Ver também, do mesmo autor, *Subjetividade e História. Três estudos sobre a fenomenologia husserliana*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969, e *Estudos Filosóficos*, Vol. I, org. Carlos Morujão, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

Carta XIX

120. O *curriculum vitae* de Lúcio Craveiro da Silva, em anexo a esta carta, não foi transcrito para esta edição da correspondência.

Carta XX

121. KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, tradução de Alexandre Fradique Morujão e Manuela Pinto dos Santos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

122. KANT, Immanuel, *Critica della ragion pura*, tradução para o italiano de Pietro Chiodi, Torino, Editrice Torinese, 1967.

Carta XXI

123. Licenciada na Faculdade de Letras de Lisboa, foi uma das duas primeiras docentes femininas da Faculdade de Letras do Porto, juntamente com Maria Cândida Monteiro Pacheco. Doutorou-se no Porto em 1974 e obteve a cátedra em 1979.

124. *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXVI / 3-4 (1980): «Filosofia em Portugal».

125. *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXV / 1-2 (1979): «Marxismo II».

126. Padre Manuel de Fátima e Oliveira Morujão. Referência ao primo de Alexandre Fradique Morujão, o Pe. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, hoje Superior da Comunidade dos Jesuítas da Faculdade de Filosofia de Braga e vigário episcopal para a vida consagrada, na arquidiocese de Braga.

Notas biográficas

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, SJ (1916-1999)

José do Patrocínio Bacelar e Oliveira, SJ (1916-1999), nasceu em Cervães, Vila Verde, Braga, em 18 de outubro e entrou no Noviciado da Companhia de Jesus a 13 de outubro de 1937, em Alpendurada, Entre os Rios. Estudou Filosofia em Braga e Madrid (1939-1944) e Teologia em Granada, Espanha (1944-1947). Aqui foi ordenado Sacerdote, a 15 de julho de 1946. Doutorou-se em Filosofia na Universidade Gregoriana em Roma (1947-1949), com uma tese intitulada *O Homem como Antinomia e Harmonia na Conceção Metafísica de S. Tomás de Aquino*.

Diretor do Instituto de Filosofia Beato Miguel de Carvalho e depois professor e diretor da Faculdade de Filosofia de Braga (1962-1968), foi, de 1968 a 1972, vice-reitor e, de 1972 a 1988, durante quatro mandatos seguidos, Reitor da Universidade Católica Portuguesa, permanecendo, por nomeação da Santa Sé, seu Reitor Honorário¹. Nesta instituição foi também fundador, em 1980, e primeiro Presidente da Direção da Sociedade Científica.

Tendo sido aquele a quem, talvez, mais se deve a existência da Universidade Católica Portuguesa a partir da evolução e reconhecimento do prestígio que conseguiu granjear para a então Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga, foi também um importante dinamizador, na segunda metade do século xx, dos estudos filosóficos em Portugal, desde logo com o desenvolvimento e abertura soube emprestar à *Revista Portuguesa de Filosofia* que, também pela

¹ José do Patrocínio Bacelar e Oliveira foi designado vice-reitor, com exercício de funções de reitor, em 1968, e a sua nomeação foi ratificada pela Sagrada Congregação da Educação Católica, a 14 de abril de 1969.

sua ação, se foi abrindo ao contacto com diferentes centros de especulação filosófica portugueses, em particular com Lisboa e Coimbra, sem descurar a tradição, por exemplo, do Porto ou ainda de Évora².

Logo em 1954 se revelava a sua atenção particular, não só às questões institucionais, mas também científicas, ao fazer publicar, na *Revista Portuguesa de Filosofia*, o ensaio intitulado «A Crítica perante a Ontologia, no Âmbito da Metafísica», no Volume 10, Fasc. 4, (pp. 343-382), onde aborda Kant, o valor e método do seu criticismo³, volume esse subordinado ao tema *Perspetivas do Curso Bracarense*. São também exemplos do empenho pessoal na organização e na colaboração científica, a sua ação no *I Congresso Nacional de Filosofia*, realizado em Braga, em 1955⁴; no *I Colóquio de Estudos Filosóficos-História da Filosofia em Portugal*, que teve lugar em Braga e Porto, de 7 a 9 de março de 1959 – de que dá nota no Volume 15, Fasc. 2, da *Revista Portuguesa de Filosofia* (pp. 188-193) ou ainda as notas ao Volume 18, Fasc. 3, sobre *I Colóquio Nacional de Psicopedagogia de Évora* (pp. 309-311). São também de sua autoria as palavras de abertura (pp. 11-14) e clausura (pp. 909-912) do *I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*, cuja organização das Atas se incumbiu Júlio Fragata, e que foram publicadas na *Revista Portuguesa de Filosofia*, Volume 38, Fascículo 4, em 1982.

Outras colaborações foi dando ao longo da sua vida em diversos eventos científicos ou em publicações como a *Brotéria*, a *Didaskalia* ou ainda no *Lumen Veritatis*, Boletim da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, mas não de somenos importância são os seus testemunhos de carácter institucional que muito evocam o momento histórico da Filosofia em Portugal e em particular do seu dinamismo na Universidade Católica Portuguesa, disso são testemunho os estudos sobre o Curso Conimbricense publicados na *Revista Portuguesa de Filosofia*⁵, o testemunho da relação com

² Participou ativamente no Congresso evocativo dos 400 anos da Universidade de Évora, realizado na Universidade de Coimbra em 1959.

³ Voltará ao tema com o artigo «Bases para a Construção de uma Crítica», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 13, Fasc. 3, 1957, pp. 225-258.

⁴ OLIVEIRA, José Bacelar e, «Sobre a Essência do Conceito de Filosofia», in *Atas do I Congresso Nacional de Filosofia, Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 11, Fasc. 3-4, 1955, pp. 27-40.

⁵ OLIVEIRA, José Bacelar e, «Filosofia Escolástica e Curso Conimbricense: De uma Teoria de Magistério à sua Sistematização Metodológica Filosofia Portuguesa Atual», Vol. 16, Fasc. 2, 1960, pp. 124-141, e «Sobre a Noção de Ciência na Lógica Conimbricense», Vol. 19, Fasc. 3, 1963, pp. 278-285.

a *Görres-Gesellschaft zur Pflege der Wissenschaft* (Sociedade Científica de Goerres)⁶, instituição alemã de inspiração cristã, que fundou em Lisboa, em 1962, o denominado Instituto Português da Sociedade Científica de Goerres⁷, e, naturalmente, a própria instituição da Universidade Católica Portuguesa⁸ e sua Sociedade Científica⁹.

Na sua produção científica, títulos como «Ontologia e Ontogonia», «O Homem como Universo: Na Origem das Concepções Antropológicas», «Estrutura do Ser do Homem: Confin entre os Corpos e os Incorporais» ou «O Homem como Ser para a Verdade: segundo S. Tomás de Aquino», refletem bem o seu universo especulativo e a atenção particular à Ontologia, à Teologia, à Antropologia. Esse reconhecimento pode ser comprovado pelo volume de Homenagem que lhe dedicou a *Revista Portuguesa de Filosofia*, sob a organização de Alfredo Dinis, no ano de 1994¹⁰, em que Alexandre Fradique Morujão lhe dedica o estudo «Husserl e a Interpretação da História da Filosofia Moderna». Aliás, a proximidade entre os dois autores não refletiu apenas a colaboração filosófica entre Coimbra e Braga, prolongou-se para além das instituições, comungando ambos dos mesmos interesses como é prova um dos três ensaios que o Pe. Bacelar e Oliveira fez publicar acerca do Curso Conimbricense, sob o título «O Professor Stegmüller e os seus Estudos sobre Filosofia e Teologia nas Universidades de Évora e Coimbra»¹¹. Mais evidências desta afinidade se

⁶ OLIVEIRA, José Bacelar e, «A Goerres Gesellschaft e Portugal na Assembleia de Salzburg 27 de setembro — 1 de outubro de 1958», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 15, Fasc. 2, 1959, pp. 185-186; «A Sociedade Científica de Goerres e Portugal», in *Brotéria*, Vol. 74, n.º 4, 1962, pp. 430-439.

⁷ Veja-se: «Inauguração do Instituto Português da Sociedade Científica de Goerres», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 18, Fasc. 3, 1962, pp. 311-313, e ainda «Prof. Dr. Hans Peters, Presidente da Goerres-Gesellschaft», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 22, Fasc. 2, 1966, pp. 175-177.

⁸ OLIVEIRA, José Bacelar e, «Faculdade Pontifícia de Filosofia e Instituto Superior de Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 23, Fasc. 1, 1967, pp. 64-77.

⁹ No seu primeiro número, em 1994, o Pe. Bacelar e Oliveira discorre sobre a formação e instituição da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa.

¹⁰ AA.VV., *Homenagem ao Prof. Doutor José do Patrocínio Bacelar e Oliveira*, Org. Alfredo Dinis, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Vol. 50, 1/3, 1994.

¹¹ OLIVEIRA, José Bacelar e, «O Professor Stegmüller e os seus Estudos sobre Filosofia e Teologia nas Universidades de Évora e Coimbra», Vol. 16, Fasc. 3, 1960, pp. 359-361. Trata-se do segundo estudo do autor dedicado ao Curso Conimbricense e que é um ano posterior à tradução de Alexandre Fradique Morujão da obra de Stegmüller intitulada *Studien zur Literaturgeschichte der Philosophie und Theologie an der Universitäten Coimbra und Évora im XVI. Jahrhundert*: Cf.,

podem encontrar ao longo do presente volume, mas também na obra editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2003, sob o título *Estudos de Metafísica e Ontologia-Perspetivas de um Horizonte Filosófico*, que reúne os seus estudos filosóficos, dispersos por várias publicações, em particular pela *Revista Portuguesa de Filosofia*.

O Pe. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira faleceu, no dia 30 de julho de 1999, em Braga. No cumprimento dos 100 anos do seu nascimento, em 2016, a Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa fez publicar, em sua homenagem, a obra *Padre José Bacelar e Oliveira, SJ. A Força das Origens*.

Júlio Fragata, SJ (1920-1985)

Júlio Moreira Fragata nasceu em Seixo de Aciãos, concelho de Carrazeda de Aciãos, no distrito de Bragança, a 17 de abril de 1920.

Começou, em 1932, os estudos preparatórios no Seminário da Costa, em Guimarães, e entrou no noviciado da Companhia de Jesus em 1937, onde efetuou os estudos de Humanidades Clássicas. Foi, depois, para Braga, onde obteve o grau de Licenciatura em Filosofia, em 1947. De 1945 a 1947, ensinou Grego e Matemáticas Gerais aos estudantes da Ordem, no Curso de Humanidades Clássicas.

Em 1947, deu início aos estudos de teologia em Espanha e ingressou, em 1949, na Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, na Áustria, onde teve como professor o célebre teólogo Karl Rahner, SJ, tendo-se licenciado em teologia em 1951.

Entretanto, foi ordenado sacerdote a 25 de julho de 1950. Depois de um ano de estudos pastorais em St. Andrã, Klagenfurt, Áustria, doutorou-se, em 1954, com uma tese defendida na Universidade Gregoriana de Roma, *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*. Após o doutoramento, ensinou História da Filosofia Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia de Braga e ministrou vários cursos no Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, sobre História da Filosofia Moderna,

STEGMÜLLER, Friedrich, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no Século XVI*, trad. Alexandre Fradique Morujão, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959.

nomeadamente do Renascimento a Kant, Fenomenologia de Husserl, Filosofia da Existência e Materialismo Dialético. Além de Professor de História da Filosofia Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia de Braga e na Faculdade de Letras do Porto, teve também a seu cargo a lecionação das cadeiras de Ontologia e Metafísica, Filosofia Teológica e Metodologia. A partir de 1965, ficou incumbido da Regência da Cadeira de História da Filosofia Moderna na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Entretanto, a convite da Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo (Brasil), aí passou três meses a ministrar um curso de História da Filosofia Contemporânea e proferiu várias conferências no Rio de Janeiro sobre Fenomenologia e Filosofia da Existência.

Fez parte, desde 1962, da direção da secção de Filosofia da VERBO – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, na qual colaborou assiduamente. Além disso, e em colaboração com os Catedráticos Alexandre Morujão, Francisco da Gama Caeiro e António Paim, orientou os trabalhos preparativos da Enciclopédia de Filosofia Logos.

Foi, ainda, membro fundador do Centro de Estudos Fenomenológicos, fundado em Coimbra, de cuja direção fez parte de 1965 a 1985, Presidente da Assembleia Geral da Associação Jurídica de Braga, diretor da Faculdade de Filosofia de Braga da UCP de 1968 a 1971 e de 1978 a 1985, e Superior Provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus de 1972 a 1977.

Teve um papel preponderante no lançamento da secção de Viseu da Universidade Católica Portuguesa e na extensão madeirense (Funchal) desta Universidade, tendo ocupado o cargo de diretor em ambas.

Foi um pedagogo e pensador eminente, aberto às correntes filosóficas mais recentes, repensando-as com originalidade. À semelhança de outros grandes vultos portugueses da Igreja Católica, trabalhou filosoficamente nas áreas da fenomenologia, do existencialismo e do marxismo, temas dominantes da época e de alguma forma solicitados no próprio Concílio do Vaticano II pelo Papa Paulo VI, que terá incumbido a Companhia de Jesus de dialogar com as novas correntes do pensamento.

Da sua obra escrita foram publicados os seguintes livros: *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*; *Problemas da Fenomenologia de Husserl*; *Noções de Metodologia*; *Para a elaboração de um trabalho científico*; *Vivências cristãs*; *Mais forte que a Morte – Reflexões Cristãs* (obra póstuma), *História da Filosofia Moderna* (apontamentos das aulas coligidos pelos alunos

e revistos pelo autor) e *Problemas da Filosofia Contemporânea* (obra póstuma – coletânea de artigos publicados).

Na *Revista Portuguesa de Filosofia* publicou mais de uma centena de artigos, notas, crônicas e vocábulos. Elaborou inúmeras resenhas bibliográficas e prefácios a livros. Colaborou em outras revistas e jornais.

A Câmara Municipal de Braga, em reunião de 17.10.1985, atribuiu-lhe a Medalha de Mérito da Cidade, cuja entrega foi feita no anfiteatro da Faculdade de Filosofia, pelo Presidente da Câmara, Francisco Soares Mesquita Machado, a 25.11.1985.

Além da Medalha de Mérito, a Comissão de Toponímia da Câmara Municipal de Braga atribuiu o nome do Pe. Júlio Fragata a uma avenida.

O Ministério da Educação (Gabinete do Ministro) emitiu o seguinte louvor:

«Considerando os altos serviços prestados à causa do ensino em Portugal pelo Prof. Doutor Júlio Moreira Fragata, diretor da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa; considerando o seu excepcional valor como profundo e original pensador nos domínios filosófico e humanístico; considerando a excelência da sua vasta obra científica e de investigação; considerando o seu grande contributo para a expansão do ensino superior universitário em Portugal: louvo publicamente o Prof. Doutor Júlio Moreira Fragata pelos assinaláveis serviços prestados a este Ministério e ao País.»
30.10.85. – O Ministro da Educação, João de Deus Pinheiro – (*Diário do Governo*, II Série – N.º 267).

A Câmara Municipal de Viseu, na reunião de 6.11.1985 deliberou prestar Homenagem «ao insigne Professor Doutor Júlio Moreira Fragata, Diretor da Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa pelos extraordinários serviços desenvolvidos a favor de Viseu, designadamente a sua valiosa e relevante ação, que, inequivocamente contribuiu, para a criação e implementação nesta cidade da Secção da Universidade Católica, estabelecimento de ensino superior, de iniludível valor social e cultural para esta região beiraltina do interior do País. Mais deliberou dar o nome a uma artéria da cidade, do cidadão ilustre, que à cultura do nosso País dedicou sempre a sua invulgar inteligência, perpetuando, assim, o reconhecimento justo dos Viseenses como preito de indelével gratidão...».

Faleceu em Braga, a 27 de dezembro de 1985.

Foi-lhe dedicado um número especial duplo da *Revista Portuguesa de Filosofia* no ano seguinte ao do seu falecimento.

Lúcio Craveiro da Silva, SJ (1914-2007)

Lúcio Craveiro da Silva nasceu em Tortosendo, Covilhã, e nesta cidade completou os seus estudos primários. Tendo ingressado na Companhia de Jesus, continuou a sua formação académica e também espiritual em S. Martín de Trevejo (Cáceres, Espanha), impedida que estava a Companhia de Jesus de atuar em Portugal. Em 11 de julho de 1931, entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Santa Maria de Oiã (Burgos, Galiza) e em fevereiro de 1932 foi transferido para o antigo Mosteiro de S. João Batista de Alpendurada (Marco de Canaveses), onde permaneceu até 1934. Em Braga, continuou os seus estudos, tendo cursado Filosofia entre os anos de 1934-1938, no Instituto Beato Miguel de Carvalho. De 1941 a 1945, cursou Teologia na Faculdade Pontifícia de Granada, tendo sido ordenado sacerdote em 1944 em Bilbao. Licenciou-se também em Ciências Económicas na Universidade de Deusto (Bilbao, Espanha) entre 1943-1947 e depois, nos anos de 1949-1950, cursou Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Lovaina (Bélgica). Obteve o doutoramento em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Braga a 9 de novembro de 1951 com a tese «A Idade do Social, ensaio sobre a evolução da sociedade contemporânea».

Iniciou a sua carreira docente no Seminário da Costa, em Guimarães, como professor de Matemática, História, Língua, Literatura Portuguesa e Eloquência Sagrada. Depois, logo em 1944 foi admitido à docência no Curso Superior de Ciências Filosóficas, assim já reconhecido antes da criação da Faculdade de Filosofia de Braga. Já no âmbito da Faculdade de Filosofia de Braga, reconhecida como Faculdade Pontifícia em 1947, é, a partir de 1949, Professor Ordinário de Filosofia Moral, Economia Política e História de Filosofia. Nesse mesmo período estende a sua atividade docente ao Centro de Estudos Humanísticos, integrado à Universidade do Porto, ministrando cursos de História da Filosofia Antiga e Medieval. Regeu ainda a disciplina de Pensamento Moderno e Contemporâneo, no Curso de Línguas Vivas da Universidade do Minho, tendo feito parte do grupo dos seus primeiros docentes em 1975. Depois, lecionou Mentalidades e Cultura Portuguesa, História das Ideias Políticas e Sociais nos Cursos de Letras, Relações Internacionais, Economia e Gestão e sobre Marxismo, nos Cursos de Engenharia em Guimarães.

Foi Superior Provincial dos Jesuítas portugueses, de 1960 a 1966, e devido a essas funções foi um dos fundadores e diretor do Instituto Superior

Económico e Social de Évora de 1965 a 1971, onde foi também professor. Também devido a essas funções foi por várias vezes eleito pelos seus pares para ir a Roma representar a Província Portuguesa da Companhia de Jesus, em Congregações Gerais ou de Procuradores. Dirigiu a Faculdade de Filosofia de Braga em três períodos (1952-1958; 1971-1976 e 1986-1994). Em 1974 integrou a Comissão Instaladora da Universidade do Minho, tendo posteriormente exercido o cargo de Vice-Reitor e depois seu Reitor, de 1982 a 1984. A 16 de julho de 1976, foi nomeado Professor Catedrático, além do quadro, da Universidade do Minho.

Recebeu a condecoração de Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública. Foi membro da Academia das Ciências e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e fez parte, por designação do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

A principal área científica da sua investigação foi a História da Filosofia e da Cultura Portuguesas, tendo inúmeros estudos publicados¹², sobretudo na *Revista Portuguesa de Filosofia* e na *Brotéria*. Das suas obras destacam-se títulos como:

Antero de Quental: Evolução do seu pensamento filosófico. Braga, Livraria Cruz, 1959; *Ensaios de filosofia e cultura portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994; *Novas cartas inéditas de Antero de Quental*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1996.; *Estudos de cultura portuguesa*. Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2002.

A sua primeira contribuição para a *Revista Portuguesa de Filosofia* encontra-se no fascículo 3, do número 4, às páginas 272-282, que data de 1948, e que leva por título «A Questão Social e o Problema da Produção». Começava aqui uma longa colaboração que se intensificou nos períodos em que dirigiu a Faculdade de Filosofia de Braga e em que muito contribuiu para a afirmação da *Revista* como órgão maior da expressão do pensamento filosófico português, não só na sua originalidade e novidade, mas também na hermenêutica, sobretudo da tradição da filosofia medieval, escolástica e neoescolástica, bem como da receção em Portugal do pensamento filosófico mais contemporâneo, em particular da chamada filosofia continental, francesa e alemã. Nesta *Revista* foi dando nota dos principais encontros científicos de cariz filosófico que se

¹² A Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva atualizou, em 2014, a bibliografia de textos de autoria do Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva que consiste num total de 237 títulos.

realizaram em Portugal na segunda metade do século xx, como, por exemplo, o I Congresso Nacional de Filosofia, em 1955, ou o Congresso do 4.º Centenário da Universidade de Évora, em 1959. É desta altura que datam os primeiros contactos entre os Professores Lúcio Craveiro da Silva e Alexandre Fradique Morujão. Um contacto cordial e próximo de respeito mútuo e de amizade, que permitiu até a partilha daquilo que os estudiosos têm de mais valoroso, as obras das suas bibliotecas pessoais¹³.

Em 1996, a *Revista Portuguesa de Filosofia* dedicou um volume de Homenagem ao Professor Lúcio Craveiro da Silva. Nele participou Alexandre Fradique Morujão com um ensaio intitulado «A Dialética da Ação em *l'Action* (1893) de Maurice Blondel»¹⁴.

O Professor Lúcio Craveiro da Silva faleceu, em Braga, no ano de 2007.

¹³ Ver carta de Alexandre Fradique Morujão a Lúcio Craveiro da Silva, de 24 de julho de 1976.

¹⁴ MORUJÃO, Alexandre Fradique, «A Dialética da Ação em *l'Action* (1893) de Maurice Blondel», in *Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Org. Alfredo Dinis, Vol. 52, Fasc. 1-4, 1996, pp. 579-588.

